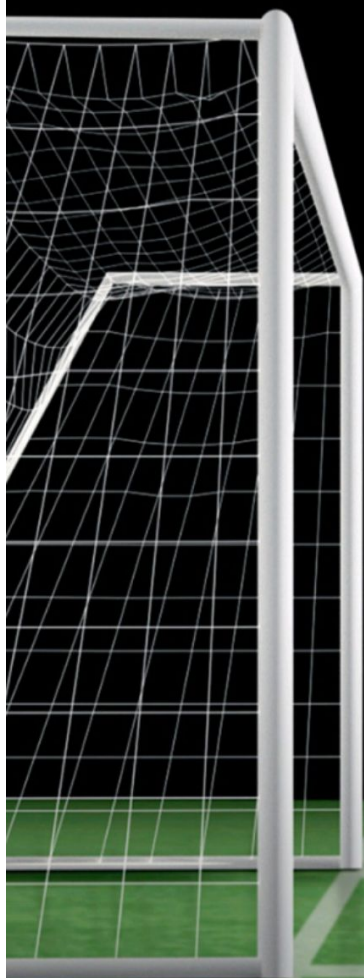
Editora ABRIL
edição 2897 - ano 57 - nº 24
14 de junho de 2024

www.veja.com

BOLA FORA

Com falas e decisões equivocadas, como a natimorta medida provisória que limitaria créditos tributários das empresas, o governo Lula entra em confronto com o Congresso, provoca a alta do dólar e aumenta a incerteza na economia

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Adriana Ferraz, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA FINANCEIRA (CFO)** Marcelo Shimizu, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 897 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 24. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

DOMÍNIO Bairro na Zona Oeste do Rio de Janeiro: os bandidos usam a grilagem de terras como arma de controle contra a população, que só deseja paz para viver

O RETRATO DE UM CRIME

A GRILAGEM DE TERRAS é uma contrafação que remonta ao tempo do Brasil Colônia — inicialmente em áreas rurais e, com o passar do tempo, em centros urbanos. A emissão de documentos falsos que atestam a propriedade de um pedaço de chão invadido é, hoje, crime que

CUSTÓDIO COIMBRA/AGÊNCIA O GLOBO

REPORTAGEM A carioca Sofia Cerqueira, editora de VEJA: parada e cobrada por homens armados

sustenta a engrenagem das milícias, especialmente no Rio de Janeiro — e não se trata de exclusividade carioca. Dominar ilegalmente vastas áreas é um negócio rentável, atalho para construção e administração de edifícios, além do controle de todo tipo de serviço, como conexões para a fiação elétrica e emissoras de TV a cabo. A estatística de avanço das máfias milicianas grita: 58,5% do território da capital fluminense está sob influência da bandidagem, que manda e desmanda em cerca de 2,5 milhões de pessoas.

Não por acaso, a apuração do assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista, em 2018, iluminou o inaceitável descalabro. De acordo com as investigações da Polícia Federal e os depoimentos de Ronnie Lessa, o autor dos disparos, os irmãos Brazão — o deputado federal Chiquinho e o conselheiro do Tribunal de Contas do estado Domingos —, acusados de serem mandantes da emboscada, tinham interesse em um naco da Zona Oeste da cidade. Marielle, corajosa, foi contra. Ela se opôs, na

Câmara Municipal, de mãos dadas com lideranças comunitárias, a um projeto de lei que propunha flexibilizar as regras de ocupação do solo e que seria tristemente aprovado. Lessa, aliás, conta ter acertado o serviço de pistoleiro em troca de generosas áreas de grilagem que lhe renderiam, com o tempo, algo em torno de 100 milhões de reais. Há, ainda, muita sombra em torno do cerco fatal a Marielle, mas parece inquestionável o envolvimento com a briga pela apropriação indevida da geografia.

Para entender em detalhes a origem dessa história, e como o Rio de Janeiro foi ocupado pela delinquência, VEJA designou a editora Sofia Cerqueira — de vasta experiência nos meandros fluminenses. Ela circulou pela cidade, chegou a ser rechaçada de comunidades que tentava visitar, mergulhou em documentos e, a partir do material colhido, escreveu a reportagem que começa na pág. 58. “Fui parada por homens armados nas imediações do terreno que estava prometido para Lessa. Lá, são eles que dão as cartas”, conta Sofia. O trabalho é um levantamento minucioso e necessário — o retrato de uma desgraça, painel de uma decadência alimentada pela leniência das instituições e das autoridades, em inaceitável mistura entre o público e o privado, no avesso do bom senso. É urgente que novas leis e controles severos se imponham. É o único modo de não termos outros destinos trágicos como o de Marielle. É a maneira de oferecer aos cidadãos que pagam impostos aquilo que buscam: paz para viver, tranquilidade para o trabalho e diversão. ■

LUIS VIZU/PLAY9

“HÁ VIDA FORA DA GLOBO”

Um dos rostos mais conhecidos da TV brasileira conta como está se reinventando na internet, virada sobre a qual começou a refletir depois de um câncer e que lhe trouxe liberdade

SOFIA CERQUEIRA

PELA PRIMEIRA VEZ em quase quatro décadas de carreira, a apresentadora Fátima Bernardes, 61 anos, experimenta a vida longe da TV, uma reviravolta que não lhe traz angústia, mas uma rara sensação de liberdade. Não é a primeira virada radical que ela dá — deixar o *Jornal Nacional*, em 2011, migrando para a área do entretenimento com o programa *Encontro*, foi decisão dura, muito pensada e que despertou críticas, até ser digerida. Agora, o movimento se aprofunda, longe da emissora que lhe deu projeção nacional e estreando num ambiente em que aprende a caminhar — a internet, onde terá seu próprio canal no YouTube, um projeto da produtora Play9 em parceria com o Comitê Olímpico do Brasil (COB). Por lá, e sem a estrutura de antes, cobrirá a Olimpíada de Paris. Fátima não descarta a televisão (trabalha inclusive num programa em análise na Globo), mas jornalismo, nunca mais. "Hoje me dou o direito de fazer o que eu quero", diz nesta entrevista concedida num café da Zona Sul carioca, em que fala da revoada dos trigêmeos de 26 anos e do preconceito do qual foi alvo por namorar um homem 25 anos mais jovem.

A senhora recém-anunciou o lançamento de um canal no YouTube. Falta espaço na TV? Não, mas mudou ali a forma de trabalhar. Com os atores, agora sem contratos fixos, o sistema é o autor ou o diretor convidar. Já comigo, funciona na base de projetos — eu chego com a ideia, eles aprovam ou não. Por aí, acho que tem espaço. No caso da

Olimpíada, não havia a perspectiva de ir a Paris pela TV, e veio a proposta no YouTube. Acabou sendo o que motivou minha transição para o digital. Mesmo que retorne à televisão, é um caminho sem volta.

A ideia é fazer na internet um programa de entrevistas como o *Encontro*, no qual esteve à frente até 2022? Estou em fase de aquecimento, mas será algo bem variado. Nesse período pré-olímpico, a ideia é pôr no ar entrevistas com atletas e familiares. Mas já fiz aparições mais soltas — numa delas, até mostrei como crio minha maquiagem. Deu tanta audiência que vou repetir.

Muito se especulou sobre ter se arrependido de deixar o programa matinal da Globo. Procede? De jeito nenhum. Quando decido, é porque já pensei muito, não é por impul-

“Não quero mais nada que me vincule ao jornalismo. Cansei de entrevistar vítimas de tragédias. Foram 35 anos nessa dureza. Hoje só me interessa fazer entretenimento”

so. O *Encontro* deu certo, tanto que segue no ar. Só que, depois de uma década, não ambicionava mais aquilo. Não quero mais nada que me vincule ao jornalismo. Cansei de entrevistar mães de crianças que foram mortas pela polícia, vítimas de tragédias. Essa contribuição eu já dei. Foram 35 anos nessa dureza. Hoje, só quero mesmo o entretenimento.

Em dezembro, seu contrato, que havia passado a ser por obra, não foi renovado. Guarda mágoa? Não tenho nenhum sentimento de que fui traída. Desde que assinei contrato por obra, sabia quando terminaria. Falam muito que fulano e sicrano foram demitidos da Globo, mas não há nada de pessoal aí. A dinâmica é que está diferente, e as novas regras são transparentes. E há o outro lado: se não tem contrato em vigor, fica livre para fazer o que quiser.

Há vida boa fora da Globo? Sim, há muita vida fora da Globo. Claro que depende do que se está disposto a fazer, de como cada um se posiciona. Aprendi cedo, com meus pais, que o maior patrimônio de uma pessoa é o nome. Cuido dele, é a minha marca. Sempre procurei fazer com que o público me visse sob diferentes ângulos.

Bateu um vazio fora do ar? Não. Até pensei em tirar um ano sabático, mas surgiu o convite para o YouTube. Na verdade, nem sei se conseguiria. O trabalho tem peso importante para mim, e minha vida ficaria limitada sem ele.

Não penso em parar. A diferença é que, agora, me dou o direito de acordar mais tarde, tenho liberdade para viajar, faço aulas de dança e natação.

Como será sua cobertura da Olimpíada em Paris? Bem diferente das que eu já fiz. Os vídeos não têm duração exata nem pautas rígidas. Será o meu olhar sobre o evento. Posso entrevistar a família de um atleta, mostrar a rotina de bailarinos na cidade, visitar uma livraria. São dois programas semanais, talvez três. Vou experimentar uma liberdade que não tinha na TV.

Assusta o fato de não contar mais com o nome e a estrutura da Globo? Não. O posto de apresentadora entrou logo na minha vida, aos 26 anos, mas sempre acumulei a função com reportagens. Por mais que imaginem que havia uma estrutura gigante por detrás, quando estava numa pauta, na rua, era só eu, o cinegrafista e o operador de áudio. Em Paris, terei um câmera.

No projeto *Paris É Brasa*, estará lado a lado com uma turma de influenciadores que nasceu e cresceu na internet. A concorrência a preocupa? Ali, não funciona como na TV, onde quando uma pessoa assiste a um programa ao vivo tira a audiência do outro. Na internet, não é preciso escolher entre dois canais. Então não há essa concorrência a que estamos habituados e são perfis diferentes.

Está se dando bem no papel de youtuber? Ainda estou em fase de experimentação. Quando saí do *Jornal Nacional,* passei a ter Instagram, que, na época, era quase um álbum de fotos. No YouTube, a troca é imediata. Outro dia, cheguei em casa cansada e resolvi fazer um *short (vídeo curtinho)* deitada no sofá. Não era nada especial, mas as pessoas amaram. Elas gostam dessa proximidade, do bastidor.

Guarda algum episódio que a tocou na cobertura de tantas Copas e Olimpíadas? Se pudesse voltar a um único dia, seria o da final da Copa de 2002. Estávamos no mesmo hotel dos jogadores e acabamos nos aproximando. Mesmo assim, só deixaram a gente entrar no ônibus oficial no dia do título. Aí o zagueiro Lúcio me passou a taça, dizendo: “Olha a musa da seleção”. Não entendi muito bem na hora, mas pegou.

Sente que a transição de agora é mais radical do que quando deixou o *JN?* Olha, acho que não. No caso do *JN,* embora fosse manter um pé no jornalismo, migrei para uma área em que o público não estava acostumado a me ver. Havia a cobrança por abrir mão do jornal mais respeitado do país, um posto tão desejado. Mais do que coragem, essas mudanças exigem uma segurança. As pessoas passam a ter um olhar novo sobre você, zerado. É como começar de novo.

Ainda pensa em ter programa na TV? Apresentei três projetos à Globo e um despertou interesse. Só posso adiantar que é ligado a conversa. Tenho me reunido com uma diretora e uma equipe. Não há garantia de que será aprovado. Vou gravar um piloto. Poderia nem contar isso para evitar cobranças, mas, se eles não quiserem, não irá ferir minha vaidade.

Ao descobrir estar com câncer, em 2020, teve medo de morrer? Temi mais pelo que viria pela frente. Tinha visto a minha irmã, que está bem, atravessar um processo difícil com a doença. Comigo, recebi o diagnóstico de câncer do endométrio numa quinta e, no domingo, operei. Felizmente, estava no início e não precisei de rádio nem químio. O susto me fez repensar a vida. Foi ali que decidi não trabalhar mais no Carnaval e comecei a preparar minha saída do *Encontro*.

"Por mais surpreendente que pareça, sofri preconceito de mulheres por causa do Túlio. Até entendo. Sempre ditaram o que podíamos fazer e é difícil aceitar quem rompa com isso"

Qual a motivação para expor sua vida nas redes? O fato de não estar mais no jornalismo, onde precisava ser imparcial, me dá essa liberdade. E a internet é o lugar onde agora estabeleço conexões, me comunico. Sou ativa nesse terreno também porque sei que um Instagram poderoso atrai clientes e gera dinheiro. Posso falar de feminicídio, mostrar a família, uma viagem, mas tenho um critério: não gosto de postar hotéis e restaurantes. Coloco ali apenas o que a maioria das pessoas pode fazer.

Já foi vítima de etarismo por se relacionar com um homem 25 anos mais jovem? Claro. Por mais surpreendente que pareça, muitas vezes sofri preconceito das próprias mulheres. Até entendo isso. Sempre fomos tão massacradas, ditaram tanto o que podíamos ou não fazer, que algumas têm dificuldade de aceitar alguém que rompa com o padrão. Não fiz nada para levantar bandeira, mas porque me apaixonei. As pessoas perguntam como vai ser quando eu tiver 85 e ele 60. Não sei nem se daqui a cinco, dez anos vou querer estar nessa relação. Por que tem que ser sempre o homem a decidir?

Juntos há seis anos, a senhora e o deputado federal Túlio Gadêlha (Rede) planejam se casar? Usamos aliança na mão direita e nada mais. Já nos sentimos comprometidos. É dessa forma que a gente vê o relacionamento, sem cobranças. O que queremos é estar um com o outro.

Está preparada para ser primeira-dama, caso Túlio, que é pré-candidato à prefeitura de Recife, vença o pleito? Meu trabalho está centrado no Rio e em São Paulo. Mas, se puder ser útil de alguma maneira, serei.

Sem nenhum de seus três filhos morando em casa, sofre da síndrome do ninho vazio? Sofri e ainda sofro. Estou me adaptando. Às vezes, chego em casa à noite e penso como é bom não ter que dar oi para ninguém, não me preocupar com nada. Em outras, quando vejo a casa vazia, dá tristeza. Mas não tem nada melhor do que ver os filhos trilhando seus próprios caminhos.

Publicamente, a senhora e William Bonner parecem manter uma relação amigável. Houve um momento em que não foi assim? No começo, foi necessário nos dar um espaço, mas nunca deixamos de falar um com o outro. No fim de um casamento de 26 anos, a relação tinha virado mais de amigos mesmo. Foi uma separação respeitosa, sem brigas. Aos poucos, fomos nos reaproximando. O último Natal passamos juntos, cada qual com seu companheiro.

Nas eleições de 2022, pela primeira vez a senhora declarou seu voto – no caso, em Lula. Por quê? Nunca usei minhas redes como canal político, mas ali achei que devia falar. Era um momento de desrespeito à imprensa, ataques à cultura e proliferação de *fake news*.

A passagem do tempo a assusta? Sim, mas traz oportunidades também. Quando escuto alguém dizer que é a mesma pessoa de trinta anos atrás, penso: que pena, perdeu a chance de evoluir. Do passado, continuo a não beber cerveja — nunca tomei um copo — e sigo com medo de avião. Comecei a fazer terapia em 2001 por causa das crises de ansiedade nos voos e nunca mais parei. Cheguei a ficar dois anos sem viajar. Tentei de tudo, mas a fobia não vai embora. A diferença é que não deixo mais de embarcar. Quanto à imagem, faço Botox e vários tratamentos. Sou a favor da ciência e um dia, quem sabe, me submeto a uma plástica. E prometo que não vou esconder de ninguém. Sou uma pessoa livre. ■

O FILHO ENROLADO DO PRESIDENTE

UMA ATITUDE banal no cotidiano dos Estados Unidos rendeu uma pena severa: **Hunter Biden,** 54 anos, filho do presidente americano, foi condenado por mentir em um formulário exigido para a compra de uma arma, artigo vendido até em supermercados. Em 2018, enquanto atravessava um dos períodos mais críticos da dependência

JIM LO SCALZO/EFE

do álcool e do crack, disse não usar drogas para conseguir o porte de uma pistola Colt. Não adiantaram os apelos de sofrer de dependência química nem o fato de ele estar livre do vício há cinco anos. Na terça-feira, o tribunal da pequena Wilmington, em Delaware, o convocou e, **ao lado da mulher, Melissa, ele recebeu o veredicto.** A sentença pode chegar a 25 anos de prisão. O rigor foi considerado exagerado até por Donald Trump, pouco disposto a utilizar o episódio na disputa presidencial (e com culpa no cartório, condenado no episódio do dinheiro dado pelo silêncio de uma atriz pornô): "Não passa de mera distração", afirmou a porta-voz do ex-presidente, que decidiu não repetir a campanha de 2020, quando acusou o filho-problema de Joe Biden de tráfico de influência em nome de uma empresa ucraniana. Os republicanos preferiam a absolvição, atalho para reforçar a ideia de a Justiça favorecer os democratas. A ordem é guardar o chumbo grosso para acusações mais graves que pesam contra Hunter, como o processo de sonegação de impostos que será julgado em setembro. Ao saber da condenação, o presidente voou para encontrar o filho e o abraçou. Biden sabe que a imagem de pai zeloso pode lhe render bons votos. ■

Ricardo Ferraz

“NÃO HAVIA PLANO B”

O brasileiro largou o emprego estável de executivo para correr 366 maratonas em 366 dias – e chegou lá. Quase um ano depois de concluir 15 443 quilômetros, ele acaba de ingressar no *Livro dos Recordes*

INSTAGRAM @HUGOFARIAS365

PROPÓSITO O recordista: “Pessoas comuns podem fazer coisas extraordinárias”

Afinal, por que correr tanto? À primeira vista, é assustador mesmo. Mas eu queria traçar uma nova rota para minha vida, ter um propósito que fosse além de trabalhar sem parar e construir patrimônio. Então, pensei em usar o esporte como ferramenta de motivação e superação pessoal. As maratonas foram um veículo para mostrar que pessoas comuns podem fazer coisas extraordinárias. Aos 44 anos, me tornei atleta, escritor, palestrante e empresário.

Mas como as pessoas reagiam à sua empreitada? Eu estava tão convicto da minha decisão que pedi demissão sem falar com a minha mulher. Não queria correr o risco de alguém tentar me dissuadir, e sabia que ela me apoiaria com o tempo. Para tentar diminuir a resistência, estruturei tudo como um projeto, mapeando ganhos, propósitos, riscos e dificuldades. Foram oito meses de planejamento, incluindo quatro de treinamento. Algumas pessoas foram embarcando na ideia, outras preferiram se afastar.

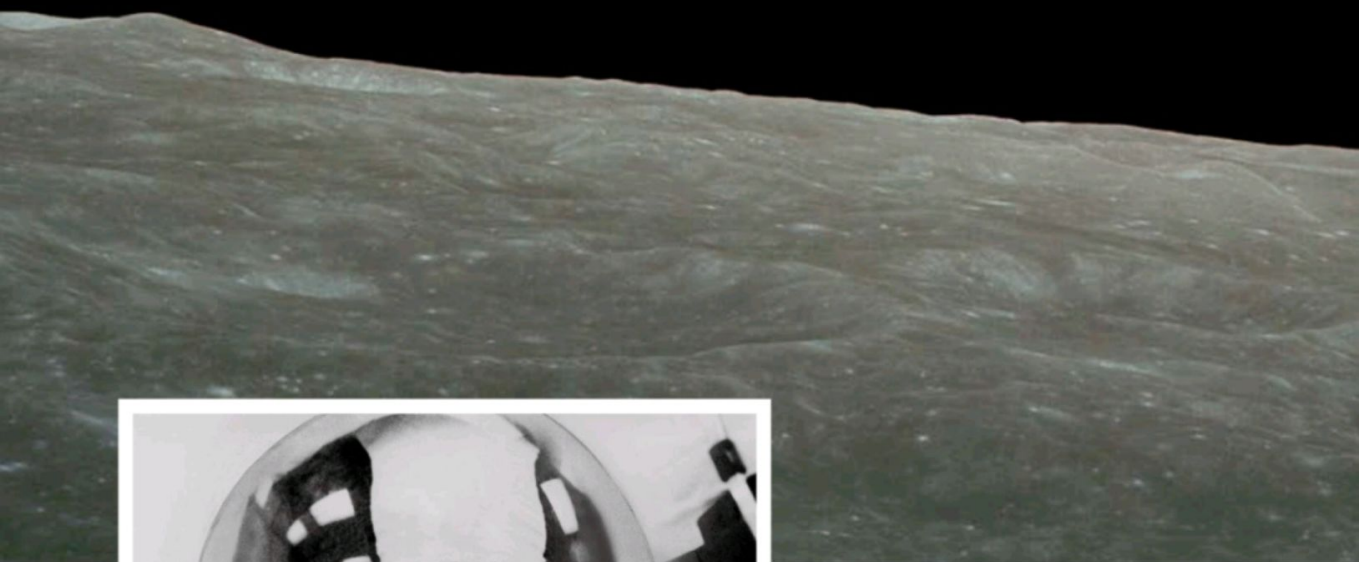
Ficou com medo de ter de desistir em algum momento? Não foi fácil. Eu não tinha uma vasta carreira atlética, por isso não consegui patrocínio para financiar o projeto, mas mantive o foco no propósito. Usei recursos da minha previdência para sustentar a família. A estabilidade foi um desafio constante, mas o desejo de inspirar pessoas me manteve firme. O tempo inteiro me questionei, mas nunca pensei em desistir. Não havia plano B.

Mesmo sofrendo lesões, sabia que ia dar certo. E as pessoas torciam por mim.

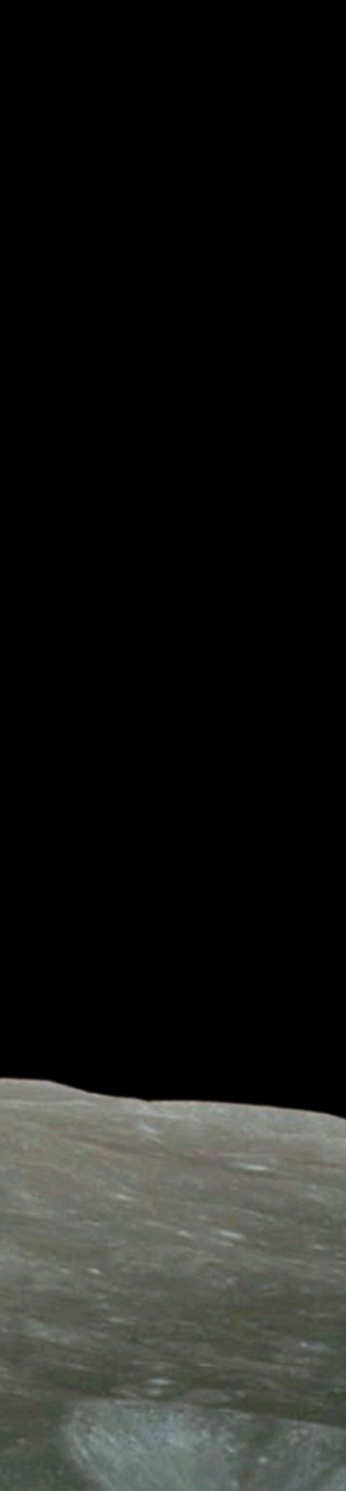
O que sentiu quando, enfim, teve um dia sem uma maratona pela frente? Um misto de emoções. Me bateu a pergunta: "E agora?". Começou um processo de depressão, porque meu corpo estava sempre inundado de endorfina, serotonina e ocitocina, e de repente eu parei. Os médicos disseram que eu precisava parar. Aí parei para escrever um livro sobre essa experiência.

Que balanço você faz dessa aventura que terminou no *Guinness Book?* Estou muito satisfeito com a jornada toda. E faria tudo de novo. Do ponto de vista da realização pessoal, foram os anos mais produtivos da minha vida. Financeiramente, ainda não há retorno, mas acredito que será uma consequência. Continuo construindo uma nova história e tenho orgulho do que foi feito até aqui. Agora, tenho outro grande desafio em mente: pretendo me tornar o primeiro ser humano a correr toda a extensão das Américas, do Alasca até a Terra do Fogo, na Argentina. ■

Marília Monitchele

NOSSA IMENSA FRAGILIDADE

FOTOS NASA; ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

EARTHRISE

William Anders e a mais conhecida fotografia da Terra vista do espaço: primeiros passos do ambientalismo em 1968

O diálogo parecia banal, como se tivesse sido ouvido numa manhã feliz, em um canto qualquer dos Estados Unidos, na véspera da noite de Natal. “Meu Deus! Olha aquela foto, é a Terra chegando. Uau, isso é lindo”, disse o astronauta **William Anders,** a bordo da Apollo 8. “Ei, não tire a foto, não está programado”, retrucou o colega Frank Borman. “Você tem um filme colorido, Jim? Me passa esse rolo...”, prosseguiu Anders. “Cara, isso é ótimo”, respondeu Jim Lovell. Aquele registro, de 24 de dezembro de 1968, antes, portanto, de o ser humano pôr os pés na Lua, é a mais conhecida imagem do nosso planeta visto do espaço.

Batizada de *Earthrise,* o “Nascer da Terra”, rapidamente virou símbolo de nossa fragilidade no espaço, da necessidade de defendermos a fauna e a flora aqui embaixo. A imagem deflagrou os primeiros passos do movimento ambientalista, até então relegado a segundo plano. Durante muitos anos, o retrato foi atribuído a Borman, falecido em dezembro do ano passado. Anos depois da travessia em órbita, Anders diria: “Tivemos de ir até a Lua para descobrir a Terra”. Ele morreu em 7 de junho, aos 90 anos, em um acidente aéreo. Pilotava seu avião particular, um Beech A45, que caiu no estado de Washington.

A ECONOMIA À ESQUERDA

Em 2010, durante a campanha presidencial, os candidatos Dilma Rousseff, do PT, e José Serra, do PSDB, fizeram uma rápida trégua, interromperam as diatribes e apareceram ao lado de **Maria da Conceição Tavares** em seu aniversário de 80 anos. O gesto indicava a relevância da economista, que fora professora de ambos na Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp. Nascida em Portugal, de onde viria com a família, fugida da ditadura de António Salazar, ao começar seus estudos rapidamente enveredou pela ideia do desenvolvimentismo, o crescimento alimentado pela intervenção permanente do Estado. Virou ícone dos partidos de esquerda e, recentemente, teve algumas de suas frases viralizadas nas redes sociais, dado o comportamento mercurial, sempre incisivo — "ninguém come PIB, come alimentos", disse certa vez. De 1995 a 1999, ela foi deputada federal pelo PT. A postura enérgica, contudo, nunca a afastou de quem pensava diferente dela — como régua a medir as discussões democráticas, sem a polarização de hoje. Morreu em 8 de junho, aos 94 anos, em Nova Friburgo.

REPRODUÇÃO

IDEIA Maria da Conceição Tavares: defensora incisiva do desenvolvimentismo na economia

ALEGRE MELANCOLIA

Na Inglaterra, e rapidamente nos Estados Unidos, o iê-iê-iê dos Beatles reinventou a civilização ocidental. Na França, a voz pequena e doce de **Françoise Hardy** explodiu no início dos anos 1960 com outra pegada: a discrição, a elegância em preto e branco, a mistura improvável de *joie de vivre* com melancolia. "Todos os meninos e meninas da minha idade sabem bem o que é ser feliz", cantou em seu maior clássico, a balada *Tous les Garçons et les Filles*, de 1962. Françoise morreu em 11 de junho, aos 80 anos. Desde 2021 tratava um câncer na faringe. ■

DISQUES VOGUE/AFP

VOZ DOCE
Françoise Hardy: "Todos os meninos e meninas da minha idade sabem bem o que é ser feliz"

FERNANDO SCHÜLER

O PAÍS SEM AMBIÇÃO

O GOVERNO anda “trabalhando furiosamente para aumentar impostos”, disse o empresário Rubens Ometto. Houve repercussão, o que não deixa de ser curioso. Qualquer um que preste atenção ao país, nos últimos meses, sabe perfeitamente disso. Em uma semana, o governo tenta derrubar a desoneração da folha. Termina cedendo. Depois, tenta arrumar dinheiro mudando a regra de compensação do PIS/Cofins. Sem sucesso. Mais do que isso, o que impressiona é a agenda. A taxação das “blusinhas”, a estranhíssima compra do arroz, a volta dos programas de “incentivos setoriais” — e a obsessão em aumentar impostos. O ministro da Fazenda foi até o papa pedir um imposto global aos “muito ricos”. Coerente. Estranho seria o ministro ir ao papa e pedir mais eficiência no gasto público. Nem rezando.

Tudo é a pontinha do iceberg. O governo anda obcecado por mais impostos pela simples razão de que não tem muito mais a propor. Fazer o “ajuste pelo lado da receita”, de um lado, e voltar aos velhos programas de incentivos, de outro. Logo depois das eleições, o governo fez passar no Congres-

so a PEC da Transição. Contratou uma autorização para gastar 145 bilhões de reais. E de quebra voltou à indexação do gasto de saúde e educação à receita, além da política de aumento real do salário mínimo, que impacta 39% do Orçamento. O conjunto da obra foi bem definido por uma boa consultoria: a política fiscal é "insustentável". Nos últimos tempos, parecem claros os sinais de que a política "caça-níqueis" vem se esgotando. Rodrigo Pacheco lembrou ao governo que havia prazos, ao devolver a PEC do PIS/Confins, e era preciso respeitar alguma previsibilidade fiscal. Disse não ser muito inteligente esculhambar com o planejamento das empresas, da noite para o dia, porque o governo precisava de mais 30 bilhões de reais no caixa.

O que intriga é como o país caiu na mediocridade. O Brasil foi capaz de fazer reformas relevantes, em diferentes momentos, na história recente. Agora mesmo comemoramos os 30 anos do Plano Real. Fizemos aquelas privatizações na era FHC, desenhamos uma boa reforma do Estado, criamos as agências reguladoras. E mais recentemente fizemos alguns milagres, como o antigo teto de gastos, as reformas trabalhista e previdenciária e a autonomia do Banco Central. A mediocridade não é o nosso destino, é apenas uma opção. No Brasil de hoje, em primeiro lugar, abrimos mão de qualquer reforma estrutural na máquina pública. A reforma administrativa já vinha fazendo água, desde a gestão passada, e agora foi pelo ralo. Reabrimos a fábrica de concursos públicos, vamos concedendo aumentos aqui e ali, para os ser-

POBREZA Desigualdade: a classe média e os mais ricos se defendem bem

vidores, e avança no Senado a PEC dos quinquênios, cuja lógica é dar 5% de aumento a cada cinco anos para os integrantes das carreiras jurídicas do Estado. Se for aprovada, a conta deve ficar em pouco mais de 40 bilhões de reais por ano. E ninguém, por óbvio, faz muita ideia de onde vai sair esse dinheiro. O programa de privatizações igualmente enterramos. Já havíamos aprovado a privatização dos Correios na Câmara, mas subitamente decidimos que é “estratégico” para o país que a empresa seja estatal.

ANDRÉ LUCAS/DPA/GETTY IMAGES

“No plano do ‘choque do capitalismo’ nos falta consenso”

A pergunta relevante, aqui, é sobre o que é realmente estratégico para o país: um punhado de empresas estatais, mudando de comando a cada quatro anos, ou menos, como no caso da Petrobras, com as amarras próprias do setor público, ou um mercado dinâmico de empresas privadas competindo, em uma economia aberta, sob uma boa regulação? Como, aliás, aconteceu com Embraer, Vale, CSN e outras empresas privatizadas. No transe do recuo brasileiro, até mesmo a Ceitec, popularmente conhecida como a fábrica do “chip do boi”, retiramos do programa de privatizações. A empresa nunca produziu nenhum balanço positivo, em seus quinze anos. Mas a questão nem é essa. A pergunta é se cabe ao governo produzir chips. O mesmo a perguntar sobre uma empresa como a EBC, dona da TV Brasil, e tantas outras estatais. Responder a essas questões pode ser uma via de acesso a um país moderno. E talvez esta seja a reflexão que o Brasil deveria fazer.

No zigue-zague brasileiro, o que parece nos faltar é uma convicção modernizadora. O país soube produzir algum consenso, na transição, em torno do tema da democracia (apesar do mau humor atual). E, ao longo dos anos, sobre os mecanismos de transferência e proteção social. O ponto é que, no plano da reforma econômica, o "choque de capitalismo" a que se referiu Mário Covas (e lá se vão 35 anos), não temos consenso. Ainda há pouco saiu a 30ª edição do Índice de Liberdade Econômica, da prestigiosa Heritage Foundation, e o Brasil ocupa um melancólico 124º lugar, entre 176 países. O índice mede exatamente as coisas nas quais deveríamos avançar: direitos de propriedade, segurança jurídica, eficiência e integridade governamental, equilíbrio fiscal, tamanho da carga tributária. Tudo isso que soa como música no *mainstream* da economia global, que não é contraditório com boas políticas sociais, mas que está longe, muito longe de qualquer consenso na vida brasileira.

O Brasil ingressará em uma curva rápida de envelhecimento. Nosso maior risco é o triste destino dos países que envelhecem sem superar a pobreza. A classe média e os mais ricos se defendem bem, em um país desigual como o Brasil. Contratam escolas privadas, planos de saúde, vão a Gramado tomar chocolate. Abaixo dos 10% mais ricos, porém, nossa renda média cai a menos de 3 600 reais. E depois é ladeira abaixo. E é essa imensa legião de pessoas que demanda um Estado que funcione. Vai aí, quem sabe, nosso grande problema: quem toma as decisões, em Brasília, já es-

tá bem servido pelo Estado. Anda no teto do funcionalismo, tem estabilidade; ganha os 5 bilhões de reais do fundão eleitoral; tem os 51 bilhões de reais para distribuir em emendas. Tudo isso que sabemos. O problema é o "brasileiro comum". O "resto", como escutei tempos atrás. É para ele, na minha visão, que o Brasil deveria avançar em um claro programa de reformas. Paulo Tafner e Fabio Giambiagi acabam de lançar um ótimo livro sobre a nova reforma da previdência que vamos ter que fazer. Vale o mesmo para a reforma do Estado, que exige coragem para ser feita. É um modo de sair da modorra. Recuperar a ambição que em alguns momentos parecemos ter. Para andar para a frente e não de marcha a ré, como parecemos estar fazendo. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

ANTONIO RUEDA
Vencedor de uma longa e violenta disputa com o deputado Luciano Bivar pelo comando do União Brasil, o advogado tomou posse como presidente da legenda no último dia 11.

PAULO COELHO
A Netflix anunciou que está produzindo um filme baseado no primeiro best-seller do autor, *O Diário de um Mago*, publicado em 1987.

SUCO DE LARANJA
Um estudo da USP revelou que o consumo da bebida pode trazer grandes benefícios para a saúde intestinal e contribuir para a prevenção de doenças crônicas.

DESCE

HAMILTON MOURÃO

Pode isto, senador? O político do Republicanos-RS pediu que o governo de Javier Milei conceda asilo político aos condenados pelo 8 de Janeiro que fugiram para a Argentina.

PROS

A PF deflagrou ação por desvio de recursos do fundo partidário e eleitoral da legenda. Os crimes teriam ocorrido em período anterior à incorporação dela pelo Solidariedade.

MARCELINHO CARIOCA

O ex-craque do Corinthians teve um apartamento leiloado por uma dívida de condomínio de mais de 2 milhões de reais.

“Quando eu era criança, via este torneio na televisão e sonhava ganhá-lo com vocês presentes.”

CARLOS ALCARAZ, tenista espanhol, ao celebrar seu primeiro título em Roland Garros diante da plateia da quadra principal

FREY/TPN/GETTY IMAGES

"A esquerda precisa mudar o discurso e propor ação dura contra o crime."

ELMANO DE FREITAS, governador do Ceará, do PT

"A política está distante dos quartéis, como tem que ser."

TOMÁS PAIVA, comandante do Exército brasileiro

"Todo dia eu leio um plano novo no jornal ou, às vezes, minha esposa vem falar: 'Li aqui um negócio, de que vai fazer isso'. Eu sempre fico surpreendido, porque eu não tenho plano nenhum."

ROBERTO CAMPOS NETO, presidente do Banco Central, cujo mandato termina em 31 de dezembro deste ano

"O Brasil é parte da solução."

LANDON LOOMIS, presidente da Boeing para América Latina e Caribe

"Netanyahu está nos impedindo de progredir em direção a uma verdadeira vitória (...) Por essa razão, estamos deixando o governo de emergência hoje, com o coração pesado, mas de todo o coração."

BENNY GANTZ, político israelense de centro-direita, ao abandonar o cargo de ministro do Gabinete de Guerra

"Você não se curvou, você não se rendeu, você continua a lutar de uma maneira que é simplesmente notável, e não vamos nos afastar de você."

JOE BIDEN, em conversa com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky

"Sim, esta informação é verdadeira, apesar da minha idade."

RUTH ROCHA, escritora de livros infantis, de 93 anos, ao confirmar que renovou contrato com a editora Salamandra por mais quinze anos

"Quero normalizar a mulher mais velha transando, gozando e mostrando o corpo que quiser."

INGRID GUIMARÃES, atriz, que acaba de lançar um vibrador feminino em parceria com uma sex shop

"Os seres humanos que vão viver 120 anos já estão entre nós."

PAULO NIGRO, presidente do Hospital Sírio-Libanês, em entrevista ao programa *VEJA S/A*

"Até onde o Endrick chegará? Não sei se será excepcional ou se virará um fenômeno, grande craque. Penso que há uma pressa para já colocá-lo em lugar que ainda não está."

TOSTÃO, ex-centroavante da seleção brasileira, campeão do mundo em 1970, em sua coluna semanal na *Folha de S.Paulo*

"Estou num processo interessante de edificação da minha autoestima enquanto mulher negra. Uma beleza que me foi negada a vida inteira."

ALICE CARVALHO, a Joaninha do remake da novela *Renascer*

INSTAGRAM @CARVALHOALICE

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Ramiro Brites

A vez do Zero Dois

Os inquéritos em curso no STF trarão, nas próximas semanas, especial transtorno a **Carlos Bolsonaro,** alvo em diferentes frentes na Corte por envolvimento com milícias digitais e a tal Abin paralela. “Pegamos ele”, garante um investigador da PF.

Só falta imprimir

O relatório da PF sobre a Abin paralela está em fase de revisão para ser levado a Alexandre de Moraes. Sobre as provas da atuação de Carlos no esquema, diz o mesmo investigador: “As coisas se conectam: Abin e milícias digitais”.

JOÉDSON ALVES/EFE

NA MIRA Carlos Bolsonaro: investigações contra o Zero Dois avançam na Polícia Federal

Missão olímpica

A pouco mais de um mês do início da Olimpíada de Paris, a PF organiza uma "delegação" de quarenta agentes para os jogos. Não é que a turma vai disputar medalhas. A PF, a convite da França, vai ajudar na segurança do evento.

O homem do presidente

Lula decidiu colocar na diretoria jurídica da Petrobras o secretário especial de Assuntos Jurídicos da Casa Civil, Wellington César Lima e Silva.

Crônica do fim

Lula matou a MP do PIS/Cofins no domingo passado. "A crise se alongou porque ninguém se entendia sobre como seria o velório", diz um ministro.

Pode anunciar

Na terça, Lula recebeu o chefe da CNI, Ricardo Alban, a sós. E autorizou que o próprio Alban, e não Fernando Haddad, anunciasse a morte da MP.

A dor da derrota

Depois de anunciar a decisão de Lula, Alban foi ao encontro de Haddad na Fazenda: "O clima era de velório", diz um interlocutor presente.

O silêncio que fala

Nenhum ministro defendeu Haddad nessa crise. O gesto não foi ao acaso: ficaram contrariados ao saber da medida durante agenda na China. "Não se faz política sozinho", diz um ministro.

No contrapé

Para se ter uma ideia, Simone Tebet estava cerca-

da de empresários na China quando a bomba estourou. Eles correram até ela para ter detalhes da MP. “Simone ficou muda. Não sabia”, diz um empresário.

Crítica dura

Ronaldo Caiado avalia que Haddad errou ao gestar a MP sem debate com políticos e empresários: “Parece médico formado em curso online. A Fazenda não é lugar para amadores”.

Dois pesos...

Lula não demitiu Juscelino Filho, indiciado pela PF, porque acha que ele tem direito de se defender. Não pensou assim ao rifar Neri Geller na Agricultura. Geller caiu por força de Carlos Fávaro, chefe da pasta e seu desafeto.

Discussão delicada

Em conversa com Alexandre de Moraes, Cláudio Castro disse ter receio de que a liberação do porte de pequenas quantidades de maconha, pela Corte, fortaleça o tráfico. “Falei que se for descriminalizar tem que liberar a venda também, em bancas de jornais, por exemplo”, diz o governador.

Medindo a febre

A campanha de Ricardo Nunes terá, na próxima semana, novas pesquisas para medir o impacto de Pablo Marçal na disputa em São Paulo.

Tô indo, viu?

Rodrigo Cunha confirmou a aliados no Senado que vai mesmo ser vice de JHC em Maceió. O Podemos já até escolheu o futuro líder, caso ele seja eleito.

SAULO CRUZ/AGÊNCIA SENADO

VIA DUPLA Davi: apoio da esquerda e da direita na eleição do Senado

Perdeu, playboy!

Após discursar em homenagem a Roberto Campos Neto, o deputado estadual Leo Siqueira revirou o plenário da Alesp, repleto de políticos experientes, para achar sua carteira perdida.

Prestação de contas

Campos Neto, aliás, irá em breve ao Senado para falar na CAE. "Lula que se prepare. Será um debate sobre juros e erros do governo", diz um senador.

O candidato de todos

Lula e **Davi Alcolumbre** fecharam recentemente a aliança em torno da eleição do senador para comandar o Senado no próximo ano. O petista, além de pedir votos na esquerda, prometeu não atrapalhar Alcolumbre na direita.

O dinheiro acabou

Numa reunião sobre o RS, Rui Costa jogou uma bomba no colo de Paulo Pimenta: não há dinheiro para reforma de casas e aluguel social no estado.

Eleição digital

Na próxima semana, o STJ vai decidir a data da votação das listas para cadeiras na Corte. Será por urna eletrônica.

Quase lá

Avançou a negociação entre o grupo farmacêutico Cimed,

de João Adibe, e o Grupo Silvio Santos pela aquisição da Jequiti. A Cimed deve comprar 70% do negócio. O valor está em discussão.

Quero de volta

Preso por lobby na Operação Zelotes, Alexandre Paes dos Santos foi inocentado e aguarda há três semanas para ter acesso a três carros, contas congeladas e obras de arte.

No meu CPF

Presidente do São Paulo, Julio Casares quer dar como garantia a empréstimos do clube contratos com Mondelez, Superbet, TV Globo e Blue. Até hoje estava tudo no CPF do cartola.

Causa importante

Casares é chefe da delegação brasileira na Copa América. Ele vai aproveitar o torneio para falar de combate ao racismo no futebol com o presidente da Conmebol, Alejandro Domínguez.

Para brasileiro ler

A editora Almedina Brasil lança, nas próximas semanas, *Viva a Liberdade, Carajo!*, o livro de ensaios do presidente argentino Javier Milei.

Alegria do futebol

A Giros Filmes vai lançar em 2025 *Gre-Nal, o Maior Clássico da América*. O documentário terá imagens de bastidores do primeiro clássico gaúcho depois da catástrofe no RS, em 23 de junho.

Olho no cofre

Procurador do MP no TCU, Lucas Furtado pediu que o tribunal atue para evitar

que parlamentares usem verba pública para viajar aos Jogos de Paris.

DIVULGAÇÃO

É OURO Alison: o sargento é um dos 62 atletas militares do Brasil em Paris

Tropa de elite

As Forças Armadas terão 62 militares — como o sargento **Alison dos Santos,** do atletismo — disputando medalhas em Paris. São 33 homens e 29 mulheres. Todos participam do Programa de Atletas de Alto Rendimento do Ministério da Defesa. ■

LONGE DO GOL

Com decisões equivocadas, como a natimorta medida provisória que limitaria créditos tributários das empresas, o governo Lula aumenta os riscos e a incerteza na economia

JULIANA ELIAS E **FELIPE ERLICH**

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM FOTOS DE FREEPIK, ANTONIO MILENA E JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

MONTAGEM COM FOTOS ISTOCK/GETTY IMAGES; RICARDO STUCKERT/PR

Apaixonado por futebol, o presidente Lula gosta de usar metáforas ligadas ao esporte para reforçar uma ideia ou expressar feitos de seu governo. Um projeto bem-sucedido é chamado de "gol de placa", por exemplo. Nos últimos dias, contudo, Lula deu uma tremenda "bola fora". Na terça-feira 4, milhares de empresários brasileiros acordaram sob a ameaça de um confisco de bilhões de reais das contas de suas empresas. De maneira simplificada, foi isso o que fez a Medida Provisória 1227, que restringiu o uso dos créditos tributários do PIS e da Cofins, dois impostos cobrados sobre os negócios. A MP foi publicada naquele dia pelo governo federal — sem aviso prévio e com efeito imediato. Os prejuízos potenciais, de acordo com a avalanche de advogados e entidades setoriais que prontamente emergiu para combater a decisão, seriam, além da abertura de um enorme buraco no caixa das empresas, os repasses dessa perda na forma de aumento de preços para clientes e consumidores. Apre-

sentada como “MP do Equilíbrio Fiscal” pelo governo, a medida ganhou o apelido de “MP do Fim do Mundo” tão logo caiu no domínio público, o que dá ideia do impacto desastroso que havia provocado. Se para as empresas foi um susto, para o país significou o aumento da percepção de risco nos quesitos contas públicas, inflação, taxa de juros e câmbio — ou seja, um abalo considerável na situação

A PROPOSTA DESASTRADA...

*O que previa a **MP 1227,** anulada parcialmente pelo Congresso*

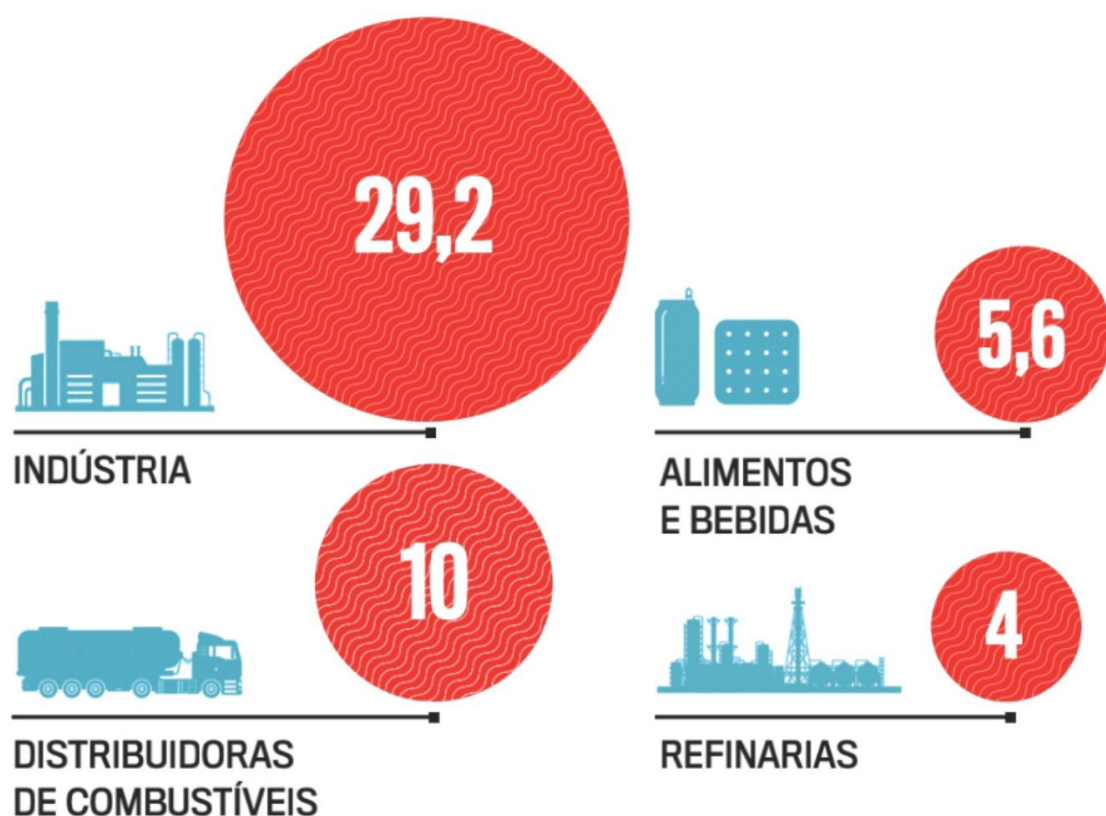
- **Empresas com créditos acumulados de pagamentos do PIS/Cofins não poderiam mais usar os valores para abater o pagamento de outros impostos, como imposto de renda e contribuição previdenciária**

- **Empresas com créditos presumidos de PIS/Cofins não poderiam mais recebê-los da União em dinheiro**

da economia, com sérias dúvidas sobre o poder e o destino de ninguém menos que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad *(leia a reportagem "O ministro ficou só")*.

O barulho gerado foi alto, e a vida da MP, ainda bem, curta. Na terça-feira seguinte, 11 de junho, o presidente do Senado e também do Congresso Nacional, Rodrigo Pacheco, anulou parte da medida provisória e a devolveu ao Exe-

...E O IMPACTO NO SETOR PRODUTIVO

Quanto alguns segmentos afirmam que perderiam em 2024 se a MP avançasse ***(em bilhões de reais)***

Fontes: *Ministério da Fazenda, Confederação Nacional da Indústria (CNI), Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP) e Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia)*

cutivo. As MPs são um tipo de proposição de lei prevista para ações emergenciais e que passam a valer imediatamente, de maneira temporária, sem precisar de aprovação prévia dos parlamentares. A votação e a conversão em lei acontecem depois. Por essa razão, a presidência do Congresso tem poder de impugnação quando avalia que a MP fere algum ponto da Constituição. Esse recurso, entretanto, foi usado pouquíssimas vezes. Um levantamento feito pelo escritório Cascione Advogados contou apenas outros cinco casos de devolução de MP desde a promulgação da Carta de 1988. Diante da bomba, Pacheco não teve alternativa.

A magnitude dos prejuízos que a MP de PIS/Cofins causaria às empresas, seu efeito imediato sobre preços, cotação do dólar e negócios na bolsa de valores, a forma açodada com que foi decretada, a reação ruidosa que causou, sua sobrevida efêmera e o fim excepcional que recebeu dão a dimensão da inépcia, se não da total falta de responsabilidade, de Lula e seu time no jogo econômico. A rejeição da medida provisória pelo setor produtivo e pelo Legislativo colocou toda a agenda da economia na berlinda. “Foi um recado claro de que a estratégia do governo de solucionar o problema fiscal apenas pelo aumento de receitas chegou ao limite”, diz o economista especializado em contas públicas Murilo Viana. Nas palavras do estrategista-chefe da corretora BGC Liquidez, Daniel Cunha, a agenda arrecadatória “morreria de morte morrida”, exaurida pelo tempo, mas, com o episódio da MP, “acabou morrendo de morte matada”. Tomara.

VEETMANO PREM/FOTOARENA

SAÚDE AFETADA Farmácia: com MP, o setor deixaria de contar com créditos para pagar impostos

A única forma de o governo se reerguer nesse campo, fundamental para o sucesso do país, é iniciar um processo de enxugamento de custos da máquina pública. Nos quatro meses até abril, a arrecadação da União cresceu 9% ante os mesmos meses do ano passado, considerado apenas o aumento acima da inflação. Sem nenhuma contrapartida de controle nos gastos, porém — que avançaram 12% no mesmo período, ressalve-se —, poucos acreditam na promessa

PATRICIA MONTEIRO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

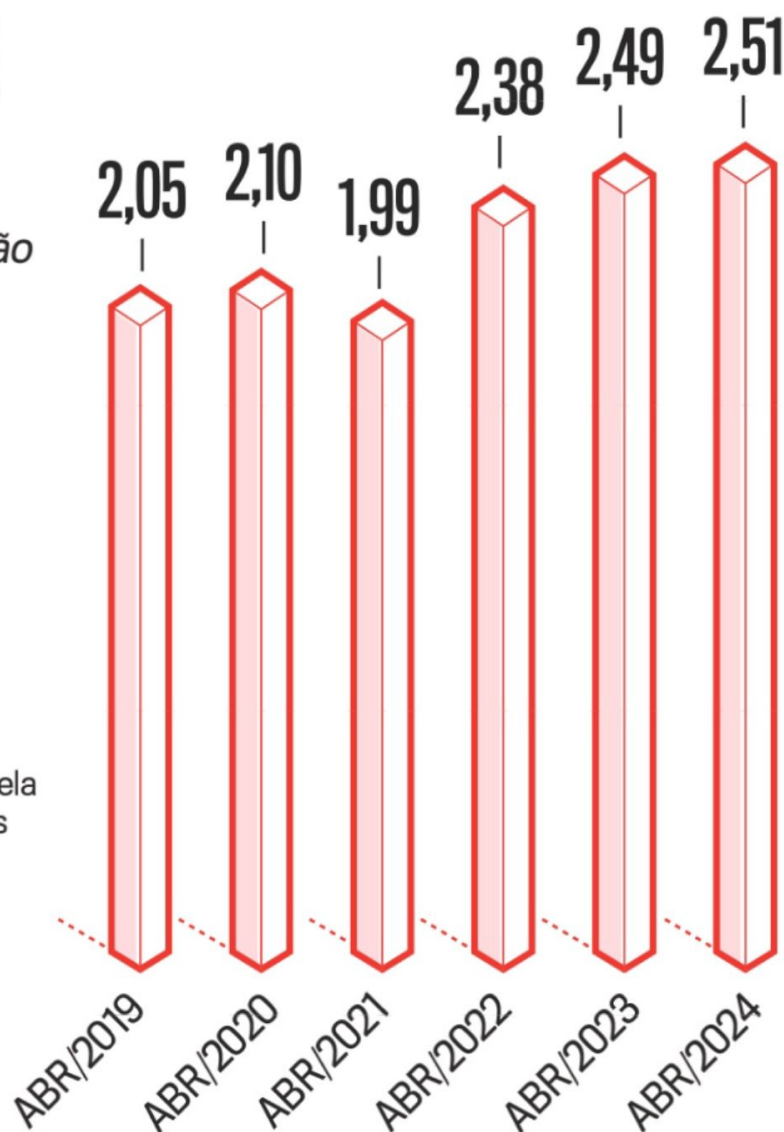
POR UM FIO Fábrica de tecidos: a medida causaria grandes perdas no setor

de zerar o déficit fiscal neste ou no próximo ano. A recente trapalhada da MP, com o ministro da Fazenda desgastado, contribui para reforçar as dúvidas, e, em decorrência, ao contrário do que o governo quer, está criada uma nova pressão para o Banco Central reduzir ou até estancar o corte da taxa de juro básica em sua reunião de 19 de junho.

A bola fora cometida com a natimorta medida provisória foi um erro crasso à luz da Constituição e das melhores

BRUNO AMARAL/FOTOARENA

BOMBA Posto de combustível: aumento no ato de até 7% no preço da gasolina

práticas de legislação tributária — aliás, contraria princípios da reforma que está para ser normatizada. Os créditos de PIS/Cofins são valores liberados pela Receita referentes ao que as empresas pagam a mais de tributos, conforme compram e vendem seus insumos e produtos. É uma maneira de evitar cumulatividade na cadeia, ou seja, a cobrança de imposto sobre imposto. Atualmente, as companhias podem usar esses créditos para pagar qualquer outra taxa

federal ou então receber o valor de volta da Receita em dinheiro. A devolução, porém, pode demorar mais de um ano e não tem correção. Com a MP, esses saldos passariam a ser usados apenas para abater pagamentos de PIS e Cofins. Na prática, faria sobrar crédito parado na conta das empresas, já que estas levariam mais tempo para debitá-lo totalmente, ao mesmo tempo que precisariam de dinheiro novo para pagar os outros impostos. No caso de setores que são isen-

tos de PIS/Cofins e que têm os chamados créditos presumidos, a MP vedava a devolução em dinheiro.

De acordo com o governo, numa espécie de preconceito permanente contra a iniciativa privada, trata-se de um sistema repleto de fraudes e distorções, como é o caso de negócios que chegariam a ter "imposto negativo", ou seja, que, além de não pagar o tributo, ainda recebem dinheiro a mais do Fisco. A realidade está longe disso. As medidas ajudam a reduzir uma carga tributária que hoje atrapalha e engessa investimentos no país. Nos cálculos da Fazenda, que até aqui só tem olhado para o lado das receitas, as mudanças permitiriam um aumento de arrecadação de 29 bilhões de reais neste ano. Mal aconselhado, Haddad garantiu que a medida não geraria custos ou inflação, mas não convenceu ninguém. "Os pagamentos de IPI vencem no dia 25, a contribuição previdenciária vence dia 20", diz o advogado tributarista Adolpho Bergamini, colunista de VEJA. "Uma farmácia que já contava com esses créditos para pagá-los em junho, agora iria pagar com o quê?"

Medicamentos, combustíveis, produtos agrícolas e uma série de alimentos, além de todas as exportações, que são isentas dos tributos, estão entre os setores que mais teriam sofrido com a implantação da MP. "Não há aumento de alíquota ou da base de contribuintes", diz Vanessa Canado, ex-secretária do Ministério da Economia para a reforma tributária e coordenadora do Núcleo de Pesquisas em Tributação do Insper. "Mas seria, sem dúvida, um aumento da carga, ou então

de onde viriam os 29 bilhões de reais a mais que o governo previu em receita?" De acordo com o Instituto Brasileiro do de Petróleo e Gás, a conta de créditos inutilizados para as distribuidoras de combustíveis chegaria a 10 bilhões de reais, e cobri-los significaria um aumento de até 7% na gasolina.

A reação de quem iria pagar a conta veio firme. Em declarações carregadas de revolta, o presidente da Con-

EPISÓDIO RARO

Nos últimos 35 anos, apenas seis MPs foram devolvidas ao governo pelo Congresso

1989
(GOVERNO SARNEY)

A MP 33 dispensava servidores civis da administração federal

2008
(GOVERNO LULA)

A MP 446 conferia isenção fiscal a entidades beneficentes de assistência social

2015
(GOVERNO DILMA)

A MP 669 alterava as alíquotas de desoneração da folha de pagamentos

federação Nacional da Indústria, Ricardo Alban, afirmou que o prejuízo para o setor seria de 29 bilhões de reais apenas em 2024. "O Poder Executivo está mordendo pelas bordas", disse, em evento recente, Rubens Ometto, sócio-controlador do grupo empresarial Cosan e um dos doadores da campanha de Lula em 2022. "Ele vai mudando as normas e as regulamentações para arrecadar mais. Do jeito que está, com o governo metendo a mão, querendo taxar tudo e com juros desse jeito, não dá." A medida, que chegou a valer por sete dias até ser devolvida, instaurou uma crise emergencial nas empresas.

2020 (GOVERNO BOLSONARO)

A MP 979 permitia a nomeação de reitores pelo ministro da Educação sem consulta às universidades federais

2021 (GOVERNO BOLSONARO)

A MP 1068 alterava o Marco Civil da Internet para dificultar a moderação de conteúdo

2024 (GOVERNO LULA)

A MP 1227 restringia o uso de créditos do PIS/Cofins

Fontes: *Senado Federal e Cascione Advogados*

AQUI, NÃO Pacheco, presidente do Senado: MP anulada e devolvida

"O empresário se movimentou, gastou dinheiro com honorários de advogados para se defender", diz o economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio, Felipe Tavares Dein. "Voltar atrás não zera a conta, já deixou um efeito negativo."

A "MP do Fim do Mundo" foi apresentada como forma de compensar o rombo de 26 bilhões de reais advindo da desoneração da folha de pagamentos, acordada entre governo e Congresso. Em 17 de maio, o ministro Cristiano Zanin, do Supremo Tribunal Federal, deu sessenta dias para que o projeto de lei que formaliza o acordo sobre a desoneração fosse votado. Quase metade do prazo

PATRICIA MONTEIRO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

REVOLTA Rubens Ometto, dono da Cosan: "Governo está metendo a mão"

já ficou para trás e falta uma peça fundamental: de onde virão os recursos, de modo a atender à Lei de Responsabilidade Fiscal? Derrotado, Haddad diz que a Fazenda não tem "plano B" para a compensação e colocou a Receita Federal à disposição do Senado para que uma solução seja encontrada em conjunto — só agora, depois de toda a confusão causada. A bola, então, estaria com os parlamentares, incumbidos de sugerir uma ideia melhor para manter a desoneração da folha de pagamentos. A julgar pelo passado recente em matéria de responsabilidade fiscal dos congressistas, é melhor o ministério procurar também, por si só, alguma solução.

Do infortúnio, o setor privado tirou algumas importantes lições. "Ficou claro que existe uma capacidade de articulação do empresariado de dimensão até então desconhecida", diz Ibiapaba Netto, diretor da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos, que acompanhou os fatos em Brasília. Verdade. Não há dúvida de que o poder de mobilização acabou sepultando a equivocada medida. Mas a questão crucial é que o episódio deu uma demonstração — para todo o mercado nacional e estrangeiro — de que a atual administração não compreende bem algumas variáveis básicas da atividade econômica, o que aumenta exponencialmente a incerteza sobre o cenário futuro. No saldo do imbróglio, ficou para o governo o alerta de que ele precisa urgentemente mudar a estratégia de jogo, tornar o meio-campo de negócios do Brasil mais seguro, adotar uma retranca nos gastos públicos e deixar o setor produtivo colocar a bola na rede. Se nada disso for feito, pode dar zebra. ■

MICHELLE FIORAVANTI/CNI

CONTRA-ATAQUE Alban, da CNI: o empresariado se mobilizou

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

ATÉ QUANDO?

A linha de crédito do ministro Haddad está chegando ao fim

NÃO ESCAPA a ninguém a sequência de erros cometida pelo governo nas últimas semanas. Parte disso se relaciona à piora do ambiente internacional, mas não deve ser visto como justificativa, pelo contrário.

Num mundo mais complacente, com a perspectiva de juros mais baixos, como prevalecia no começo do ano, a tática de ir empurrando os problemas com a barriga à espera da próxima eleição se tornara uma escolha tentadora, embora arriscada. Quando a maré muda, como mudou, as questões não resolvidas se tornam mais visíveis, assim como a ausência de um plano de voo para lidar com elas.

Era (e é) evidente que o "novo arcabouço fiscal" não serve para lidar com o forte desequilíbrio fiscal recriado pela emenda constitucional que acabou com o teto de gastos. Ao permitir salto considerável da despesa e reintroduzir (de forma intencional, ou não) as vinculações de despesas de saúde e educação ao desempenho das receitas, as novas regras tornavam inviáveis o cumprimento das metas fiscais, como alertado por todos os economistas que fizeram um mínimo de contas a respeito. A dívida pública voltaria a subir e, com ela, a percep-

ção de riscos e, portanto, as taxas reais de juros, principalmente nos horizontes mais longos, bem como o dólar.

O que se vê desde que o ambiente internacional ficou mais carregado, portanto, são esforços mal articulados para lidar com as dificuldades relacionadas a essa causa básica, sempre, diga-se, pela via de elevação de tributos; jamais no caminho de racionalização do gasto, desvinculação do Orçamento e outros temas difíceis.

É nesse contexto que vemos o aumento dos impostos sobre importação devidamente acobertado num projeto de lei que tratava de assunto absolutamente desconexo (um verdadeiro "jabuti", na linguagem parlamentar). Ou ainda a desastrada medida provisória que limita a compensação de créditos de PIS-Cofins, cujos efeitos sobre o setor produtivo em geral, mas particularmente sobre o segmento exportador, serão devastadores.

"O quadro é de um ministro da Fazenda acuado, não só pelo mercado financeiro, mas pelo partido de base do governo"

Fica claro, pois, que a política econômica — se é que merece tal nome — hoje se reduz a tentar levar adiante pautas caras à Receita Federal, cujo único objetivo é tentar aumentar a arrecadação, sem nenhuma preocupação com eficiência, produtividade ou justiça, na exata contramão do que se propõe com a reforma tributária.

O quadro que se forma é de um ministro da Fazenda acuado, não só pelo mercado financeiro, que aos poucos lhe retira o voto de confiança concedido no ano passado, mas principalmente pelo partido de sustentação do governo, um eco do triste processo a que foi submetido Joaquim Levy em 2015.

O problema não é o de eventuais vazamentos de conversas entre o ministro e o mercado financeiro, mas o pano de fundo onde se encaixa. Se houvesse um programa crível e um ministro realmente empoderado para levá-lo adiante, fofocas de mercado seriam vistas por exatamente aquilo que são.

Na ausência desses pré-requisitos, qualquer rumor ganha força, não porque seja necessariamente verdadeiro, mas porque pode sê-lo. E, a levar em conta a postura omissa, quando não hostil, do presidente, provavelmente será. ■

O MINISTRO FICOU SÓ

A confusão da MP revela a forma mambembe com que o governo toma decisões de altíssima importância, atinge a credibilidade da equipe econômica e fragiliza Fernando Haddad **DANIEL PEREIRA** E **MARCELA MATTOS**

REVÉS Haddad: "Se o presidente já resolveu, o que eu tenho que falar?"

JIM WATSON/AFP

ATÉ ALIADOS de Lula dizem que o governo é desarticulado politicamente, descoordenado na área administrativa e fértil em intrigas e disputas internas de poder. A derrubada de vetos presidenciais, por exemplo, tornou-se corriqueira no Congresso. Medidas prosaicas como um leilão de importação de arroz causam confusão, desgaste de imagem e até suspeita de favorecimento. Mesmo iniciativas consideradas prioritárias são decididas às vezes de maneira mambembe, quase amadora, algo surpreendente numa gestão chefiada pelo único brasileiro a conquistar três vezes a Presidência da República. Os exemplos de incompetência são muitos, mas o caso da medida provisória (MP) que restringia o uso de créditos de PIS/Cofins é emblemático. O texto foi editado sem que seus detalhes fossem apresentados à cúpula do Congresso e debatidos previamente com os setores da economia afetados pelas regras. Minado dentro do próprio governo, teve apenas sete dias de vida, até seu ponto principal ser anulado pelo comandante do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que, com a decisão, impôs um novo revés a Fernando Haddad. O ministro da Fazenda sempre experimentou certa solidão em sua campanha a favor do equilíbrio das contas públicas. A novidade é que agora ele também enfrenta um momento inédito de fragilidade política.

A devolução da MP tem como pano de fundo a dubiedade do governo com relação ao ajuste fiscal, alimentada sobretudo por Lula, e até a rivalidade em torno de sua sucessão dentro do PT. A medida começou a ser estudada pela

BUDA MENDES/GETTY IMAGES

PELAS COSTAS Lula: queixas, pressão e recuo sem consultar o ministro

Fazenda depois de o governo fechar, no início de maio, um acordo com o Congresso para manter a desoneração da folha este ano e iniciar uma transição gradual para o fim do benefício a partir de 2025. Numa negociação intermediada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), ficou estabelecido que Executivo e Legislativo trabalhariam juntos para encontrar uma fonte de compensação à desoneração, como determina a Lei de Responsabilidade Fiscal. A equipe de Haddad optou pela restrição ao uso de créditos de PIS/Cofins, apresentou a ideia a Lula e ministros importantes, como Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Rui Costa (Casa Civil), e, com a concordância de todos, passou a trabalhar na redação da MP. Questões de agenda, como a

marcha dos prefeitos, levaram o governo a divulgar a medida apenas na terça-feira da semana passada, 4 de junho. Um dia antes, ela fora tema da reunião realizada pelo presidente com a sua coordenação política, da qual fazem parte os principais ministros e líderes do governo no Congresso.

No encontro, prevaleceu a avaliação de que a MP enfrentaria resistência, como outras iniciativas adotadas pela equipe econômica, mas valia a pena apostar nela. O senador Rodrigo Pacheco foi avisado de que o ato seria baixado no dia seguinte, mas não recebeu uma cópia do texto. A sorte foi lançada, e a reação surpreendeu o governo. Dono do grupo Cosan, próximo de Lula e doador ao PT na última eleição, o empresário Rubens Ometto reclamou publicamente: "Do jeito que está, com o governo metendo a mão, querendo taxar tudo, não dá". O ex-governador e ex-senador Blairo Maggi, maior produtor de soja do país, ligou para Lula e apresentou uma série de queixas. O presidente, então, ordenou que Haddad conversasse com ele. Assim foi feito. O ministro alegou a Maggi que exportadores, como o grupo de sua família, não seriam prejudi-

CASA CIVIL

RIVAL CASEIRO Costa: o chefe da Casa Civil jurou que desconhecia o teor da MP

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

SURPRESA Padilha: tentativa de acordo com questão já resolvida

cados, ao contrário da versão corrente. Entidades empresariais também estrilaram. Em viagem à China com uma missão oficial brasileira, o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Alban, ao saber do caso, pediu explicações a Rui Costa, que disse que não sabia de nada a respeito da tal MP. Não era verdade.

Rival de Haddad tanto na linha sucessória de Lula quanto nos debates sobre a política econômica, Rui Costa — que, entre outras coisas, pressiona pelo abrandamento das metas fiscais — participou de várias reuniões de preparação da medida provisória. Por estar em viagem, podia até não ter lido a íntegra do texto, mas sabia de sua essência. Nas negociações com o núcleo duro do governo, o chefe da Casa Civil

havia pedido para que esperassem o seu retorno antes de a medida ser apresentada, mas acabou ignorado. Diante de tanta controvérsia, Lula aproveitou uma reunião da coordenação política, na segunda-feira 10, para tratar do assunto. Ele deu um prazo de 48 horas para que Haddad, Padilha e os líderes do governo no Congresso tentassem um acordo sobre a MP. A oportunidade estava dada, já que no dia seguinte, terça-feira 11, estava prevista uma reunião de Haddad com representantes da CNI e da Confederação Nacional da Agricultura. Deu tudo errado.

Sem avisar os seus negociadores, Lula se encontrou com Ricardo Alban no Palácio do Planalto antes da reunião de Haddad com as confederações. A conversa teria sido intermediada, segundo fontes do governo, por Rui Costa, o rival caseiro do ministro da Fazenda. Foi o ponto alto de uma monumental trapalhada. Ao sair da audiência, Alban deu uma entrevista dizendo que o presidente lhe confidenciara que a MP seria revogada. Essa iniciativa realmente já havia sido cogitada numa conversa entre Lula, Haddad e Rodrigo Pacheco, mas não havia decisão tomada nesse sentido. A fala de Alban pegou de surpresa Haddad, Padilha e o líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), que o aguardavam para a reunião na qual, esperavam os ministros, as resistências à MP seriam demovidas e um canal de negociação seria aberto. O grupo foi recebido por um ministro visivelmente contrariado, que não escondia a irritação.

JONAS PEREIRA/AGÊNCIA SENADO

REUNIÃO Wagner: líder do governo no Senado negociou uma saída política para a crise

"Pensei que vocês nem viriam. Se o presidente já resolveu, o que eu tenho que falar?", disse Haddad. O ministro tinha tomado conhecimento da decisão de revogar a medida pela entrevista do representante da CNI, que explicou: "Você acha que eu ia dar uma informação dessa se não tivesse autorização expressa do presidente Lula?". O mal-estar era patente. Após a reunião, os ministros tentaram passar a limpo a história. Ouviram de Lula, conhecido por falar aquilo que a audiência quer ouvir, que ele não disse a Alban que a MP seria revogada, mas que essa era uma possibilidade se não houvesse acordo. Era tarde. Antes da sessão plenária do Senado, Rodrigo Pacheco avisou a Jaques Wagner que devolveria a parte central da MP, como pediam setores da eco-

nomia, muitos deles presentes no Salão Azul do Congresso. O presidente do Senado alegou que a MP desrespeitava, entre outros pontos, o princípio da anterioridade, segundo o qual é proibida a cobrança de tributo antes de noventa dias da data de publicação da lei que o criou ou aumentou.

Numa tentativa de salvar a MP, sem saber que já estava tudo encaminhado com o presidente, Haddad chegou a sugerir a edição de uma nova medida, que estipularia a entrada em vigor da restrição do uso de crédito de PIS/Cofins só três meses depois de sua publicação. De nada adiantou. Para amenizar a derrota, ficou acordado que alguns trechos seriam preservados, como o que garante mais transparência e segurança nos recursos federais, em meio à suspeita de fraudes envolvendo créditos tributários. “É claro que o Haddad está preocupado. Ele achou uma saída para tapar um buraco. A saída não foi bem recebida, foi considerada ilegal pelo presidente do Congresso e voltou. Então, ele continua com o mesmo pepino na mão como o responsável pelas contas públicas”, disse a VEJA o senador Jaques Wagner. “Querem desoneração aqui, querem desoneração ali. Mas quem paga? Evidentemente que a parte do corpo que mais dói é o bolso. Toda vez que você vai mexer nos haveres de quem quer que seja, pessoa física ou jurídica, tem reação”, acrescentou. No Congresso, o presidente do PP, senador Ciro Nogueira, anunciou que o partido recorreu ao Supremo para tentar barrar a medida. “O governo precisa parar de criar problemas para o país”, disse o parlamentar.

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

OPOSIÇÃO Nogueira: "Governo precisa parar de criar problemas"

Derrotado no caso, o ministro da Fazenda declarou que não tem uma alternativa na manga. Uma compensação terá de ser encontrada para que a desoneração seja mantida em 2024. Não bastasse esse nó específico, Haddad não vive seus melhores dias no governo. No ano passado, ele conseguiu aprovar os principais pontos de sua agenda no Congresso, como o novo marco fiscal e a reforma tributária, ganhou o respeito da cúpula do Legislativo e afastou as suspeitas que corriam no mercado sobre a sua capacidade de resistir ao fogo amigo e à tentação de Lula de apostar na gastança como estratégia de atuação. Diante de tais feitos, o ministro consolidou, inclusive, a posição de favorito para suceder Lula dentro do PT. Este ano, no entanto, tem sido bem mais difícil pa-

ra ele. Projetos apresentados pela Fazenda foram rejeitados pelos congressistas ou atenuados, o que é do jogo. Já Lula, Rui Costa e companhia reforçaram a pressão por mais gastos, viram as metas fiscais de 2025 e 2026 serem alargadas e, com a ajuda das correias de transmissão do petismo, passaram a sabotar qualquer debate destinado a conter a expansão das despesas obrigatórias da União.

Chamado certa vez por Lula de petista com cara de tucano, Haddad está cada vez mais sozinho em sua luta para desengessar o Orçamento e desarmar uma bomba fiscal que está prestes a explodir. A derrota no caso da MP do PIS/Cofins pode até atrapalhar seus planos de recompor a arrecadação, mas não é nem de longe o seu principal problema. O ministro lida com um apoio minguante no governo, e expoentes do PIB, para a alegria de certos setores petistas, já questionam sua capacidade de manter uma política econômica responsável — uma crítica injusta, apesar da mancada da MP. Há sinais de um ataque especulativo e até quadros assanhados para substituir Haddad na Fazenda, o que, aliás, seria um desastre. Dois dias depois da rejeição da MP, o presidente Lula, numa entrevista em Genebra, finalmente saiu em defesa do auxiliar: "Não tem nada com o Haddad, ele é extraordinário ministro, não sei qual é a pressão contra o Haddad". A pressão é conhecida. Segundo um interlocutor, o ministro está um "pouco decepcionado", mas não abalado. Teimoso e avesso a recuos, ele não pretende jogar a toalha e quer manter sua cruzada — mesmo que mais solitária a cada dia que passa. ■

ANISTIA CIRCUNSTANCIAL

A proposta que foi concebida pelo PT para blindar seus militantes durante a Lava-Jato foi ressuscitada e, agora, pode beneficiar, entre outros, o ex-presidente Bolsonaro **LARYSSA BORGES**

AUTOPROTEÇÃO Plenário: os deputados aprovaram o pedido de urgência e, com isso, o projeto já pode ser votado nas próximas sessões

MÁRIO AGRA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

NO INÍCIO DE 2016, era consenso que não tardaria muito para a força-tarefa da Lava-Jato dar o bote final contra o então ex-presidente Lula, principal investigado da operação e sobre o qual pairavam acusações de endossar e de se beneficiar do monumental esquema de corrupção que havia sido descoberto na Petrobras. Àquela altura, integrantes da alta cúpula da petroleira já haviam renunciado por causa do escândalo, próceres do PT estavam atrás das grades e políticos de alto coturno encabeçavam uma lista extensa de autoridades acusadas de receber propina. Um detalhe em comum sedimentava a convicção generalizada de que condenações duras contra todos eles eram apenas questão de tempo: os suspeitos, em sua grande maioria, tinham sido delatados por antigos parceiros. Em troca de benefícios, como a redução de pena, investigados decidiram colaborar com a Justiça, confessaram seus crimes, revelaram a identidade dos supostos comparsas e devolveram parte dos bilhões que haviam sido desviados dos cofres públicos. O esquema desmoronou.

Nessa época, Dilma Rousseff ainda era presidente da República. Ela própria acabaria depois envolvida no escândalo por uma delação. Preso, o marqueteiro João Santana, que cuidou da propaganda eleitoral da petista, contou que o dinheiro do esquema de corrupção havia financiado a campanha da mandatária. Antes disso, para tentar interromper esse ciclo, o então deputado Wadih Damous (PT-RJ) apresentou um projeto de lei que impedia que in-

BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

PAULO LISBOA/FOLHAPRES

CORRUPÇÃO NA PETROBRAS

Principal empreiteiro do país, Marcelo Odebrecht foi preso, assinou um acordo de delação e contou que a empresa tinha um departamento específico para cuidar do pagamento a políticos. Entre os beneficiários estaria o presidente Lula, além de deputados, senadores, governadores e outras autoridades. Anos depois, ele disse que delatou sob efeito de coação — e conseguiu anular todos os processos que tramitavam contra ele.

vestigados presos pudessem negociar acordos de colaboração. O parlamentar alegou que estaria havendo uma subversão da ordem jurídica. A tese é que as prisões preventivas decretadas pelos investigadores da Lava-Jato estariam funcionando como instrumento de "tortura" para obter confissões, algumas nem sempre verdadeiras — algo, segundo ele, comparável ao que a ditadura militar fazia contra os opositores do regime. O projeto não avançou, o tem-

TON MOLINA/FOTOARENA

ISAC NÓBREGA/PR

GOLPE DE ESTADO

Ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro, o tenente-coronel Mauro Cid ficou preso por quatro meses antes de fechar o acordo de colaboração. Ele revelou a presença do ex-presidente em reuniões que discutiram um suposto plano golpista após as eleições de 2022. O militar confirmou que Bolsonaro vendeu joias que recebeu de presente quando estava no Planalto. Depois de tudo, Cid acusou a PF de distorcer sua delação.

po mostrou que houve exageros em alguns acordos, mas também que, sem eles, a estrutura criminosa provavelmente nunca seria completamente desvendada.

Oito anos depois, no início deste mês, a Câmara dos Deputados aprovou um pedido para que tramite em regime de urgência um projeto que proíbe a Justiça de formalizar acordos de colaboração com investigados presos — idêntico ao de Wadih Damous. O autor é o deputado Luciano

Amaral (PV-AL), da base do governo, que reproduziu os mesmos argumentos do petista para justificar a ressurreição da proposta. A diferença é que, desta vez, os polos se inverteram. Em 2016, Damous percebeu que as delações em cadeia apontavam na direção dos petistas. Agora, depois de reapresentada a proposta, deduz-se que os principais beneficiários seriam Jair Bolsonaro e antigos assessores. Enredado em inquéritos que apuram desde desvio de joias do patrimônio público até conspirações para um golpe de Estado, o ex-presidente foi delatado pelo tenente-coronel Mauro Cid, seu antigo ajudante de ordens. Cid estava preso preventivamente havia quase cinco meses quando decidiu colaborar com a Justiça e revelar, entre outras coisas, reuniões em que militares discutiram propostas para impedir a posse de Lula.

Para concordar em contar o que sabia, ele foi confrontado por seu próprio advogado com a perspectiva de ser condenado a até quarenta anos de prisão por crimes como peculato e lavagem de dinheiro. Entre encarar o cumprimento de uma pena altíssima e entregar o chefe, preferiu a segunda opção. "Há múltiplas motivações para políticos se assanharem com um projeto desses", resumiu, sob reserva, um ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Corte que muito provavelmente vai ser instada a analisar a legalidade da delação de presos, caso o projeto seja aprovado. "Isso é como uma infecção oportunista: une bolsonaristas, petistas, críticos de delações, alvos dessas mesmas dela-

AFP

IGO ESTRELA/GETTY IMAGES

CAIXA DOIS

Marqueteiro de Dilma Rousseff, João Santana, depois de ser preso, afirmou que a ex-presidente sabia da existência de um caixa dois de campanha abastecido pelas empreiteiras do escândalo do petrolão e também lhe passava informações sobre o andamento das investigações da Polícia Federal. A colaboração foi homologada e levou a petista a ser denunciada por obstrução de Justiça. O processo acabou arquivado.

ções e todos os que têm medo de serem delatados no futuro", disse o magistrado.

Apoiadores do ex-presidente defendem que, caso aprovada, a lei poderia retroagir, invalidando a colaboração do ex-ajudante de ordens. Casada com uma proposta que já tramita no Congresso para anistiar os condenados pelos ataques do 8 de Janeiro, pode abrir caminho para o ex-presidente voltar ao jogo político. No cenário mais otimista, já em 2026. A simples hipótese de que isso possa

RODOLFO BUHRER/LA IMAGEM/FOTOARENA

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

PROPINA PARA POLÍTICOS

O doleiro Alberto Youssef estava preso em Curitiba quando delatou como funcionava o esquema de corrupção que abastecia políticos do PT, PP e PTB, entre os quais o ex-presidente Fernando Collor. Suas revelações impulsionaram a Operação Lava-Jato e deram origem a uma sequência de outras delações. De todos os acusados, apenas Collor, já condenado a quase nove anos de cadeia, corre o risco de ainda ser preso.

ocorrer gerou um acalorado debate jurídico. "A delação premiada é uma norma processual porque tem um fim específico de produção de efeitos no âmbito do processo e por isso, em tese, a lei não poderia retroagir. O problema é que ela tem também um efeito material, porque envolve confissão de crimes. E, quando há efeitos materiais, é, sim, possível retroagir em benefício do réu ou investigado", diz o professor de direito constitucional e doutor em direito do Estado Pedro Serrano.

ASSASSINATO

Matador de aluguel, o ex-policial militar Ronnie Lessa, preso há quatro anos, fechou recentemente um acordo de delação, homologado pelo Supremo Tribunal Federal, em que confessou ter assassinado a vereadora Marielle Franco, o que já se sabia. A novidade é que ele apontou o conselheiro do Tribunal de Contas do Rio Domingos Brazão e o irmão dele, o deputado federal Chiquinho Brazão, como mandantes do crime. Os dois foram detidos preventivamente.

REPRODUÇÃO

FABIANO ROCHA/AGÊNCIA O GLOBO

A ressurreição do projeto aparece no instante em que avançam duas investigações com conexões políticas catapultadas por delação de presos — a de Mauro Cid e a do ex-policial militar Ronnie Lessa, que confessou o assassinato da vereadora Marielle Franco e apontou o deputado federal Chiquinho Brazão e o irmão dele, Domingos Brazão, conselheiro do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, como mandantes do crime. Embora a lei que instituiu a colaboração premiada tenha sido pensada como método efi-

caz de investigação contra o crime organizado, a classe política foi o principal alvo. A maior de todas as delações, realizada por executivos do grupo J&F em um caso de corrupção, envolveu mais de 1 800 autoridades, entre parlamentares, governadores, ministros de Estado e presidentes da República. A Lava-Jato, por sua vez, fechou quase 400 acordos, quase todos enredando políticos. Muitos delatores estavam atrás das grades, o que sempre gerou críticas. “Claramente se trata de práticas de tortura usando o poder do Estado”, disse certa vez o ministro Gilmar Mendes, decano do Supremo Tribunal Federal.

Juristas consultados por VEJA avaliam que limitar as delações é uma boa iniciativa, especialmente depois que ficou demonstrado que alguns colaboradores narraram fatos impossíveis de serem confirmados e até inventaram histórias com o objetivo de conseguir o acordo. Isso, porém, não significa que o instrumento deva ser eliminado como um dos elementos importantes para elucidar crimes. Indagado a respeito, Bolsonaro disse que não tem nenhum interesse em anular delações. O governo preferiu não se envolver na discussão, embora, indiretamente, tenha manifestado sua opinião sobre o tema. “Qualquer projeto de lei que alimente esse clima de intolerância, de beligerância, não deveria estar no centro das pautas neste momento”, declarou o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha. O deputado Luciano Amaral, autor do texto, afirmou que sua proposta “não possui nenhuma relação com

ideologias políticas nem se vê destinada a atingir investigações ou processos específicos".

Veloz como um raio, o pedido de urgência do projeto foi aprovado em votação simbólica. Isso acontece quando há acordo entre os partidos. Por ser "urgente", a proposta não precisará ser analisada pelas comissões temáticas da Câmara e seguirá direto para o plenário, podendo entrar em pauta já nas próximas sessões. Alguns deputados do PT pediram para que ficasse registrado que eles eram contrários ao pedido de urgência. Puro teatro. Um importante líder partidário, que pediu anonimato, contou que, na verdade, ninguém está muito preocupado com o aprimoramento do instituto da delação premiada. O que move neste momento petistas, bolsonaristas e os demais apoiadores da ideia é algo bem mais objetivo. "Amanhã, o delatado pode ser qualquer um de nós", resume ele. Em suma, o projeto é como muitos outros aprovados em Brasília: uma medida de autoproteção que beneficia suas excelências. ■

MURILLO DE ARAGÃO

OS CINCO DESAFIOS DE LULA

Faltam articulação, diálogo, habilidade para negociar...

O PRIMEIRO semestre do ano para o governo foi marcado por desencontros, derrotas e polêmicas, culminando com a devolução pelo Congresso da controversa medida provisória apelidada de o "Fim do Mundo", que limitava a dedução de créditos de PIS/Cofins para empresas. O fato é que o governo não consegue capitalizar o que faz de bom e não constrói uma narrativa forte para defender sua agenda. O que fazer?

O primeiro grande desafio é administrar um ministério extenso e heterogêneo. A falta de uma narrativa forte e unificada, aliada à limitação de recursos, exige um equilíbrio delicado entre as diversas alas políticas e interesses conflitantes. A maioria dos integrantes não possui grande capacidade de articulação política e atua mais em prol de seus microcosmos do que pelo sucesso do governo como um todo.

Outra tarefa essencial é comunicar de maneira eficaz as realizações do governo, transformando as boas notícias em apoio popular. Isso envolve não apenas divulgar os sucessos, mas também gerir as expectativas e reações de setores

mais centristas da sociedade, que podem se sentir alienados por certas políticas. Afinal, comunicar é tão ou mais importante do que governar. O governo, apesar de investir milhões em comunicação, não o faz de maneira inteligente.

Coordenar, com eficácia, as agendas com o Congresso também é essencial para evitar vexames como o da MP do Fim do Mundo. Em um regime que se assemelha ao semipresidencialismo e no qual o poder não é centralizado no Executivo, a habilidade de articular apoio no Congresso é fundamental. Lula precisa garantir que os poderes estejam alinhados em suas decisões, uma tarefa complicada que exige diplomacia, habilidade política e maior engajamento do presidente com todas as lideranças políticas relevantes.

Também é imperativo organizar uma narrativa que reconheça os horizontes políticos do governo no Congresso, na mídia e na sociedade. Sem essa narrativa, será difícil am-

“O governo não consegue capitalizar o que faz de bom e não constrói uma narrativa forte para defender sua agenda”

pliar sua base de apoio entre formadores de opinião e, até mesmo, no Congresso. Ser apenas antibolsonarista pode não bastar para Lula terminar bem seu terceiro mandato. Construir uma narrativa impõe organizar seu círculo íntimo para enfrentar desafios políticos iminentes, além das eleições municipais.

Finalmente, é crucial que Lula reative o diálogo com os setores produtivos do país, uma marca de seus primeiros mandatos. A falta de comunicação pode resultar em retaliações e bloqueios no Congresso, comprometendo a agenda governamental. O desabafo de Rubens Ometto, dias atrás, no Fórum Anual do Grupo Esfera, revela um distanciamento do governo com as lideranças empresariais. O governo Lula 3 está distante das forças produtivas.

Esses cinco trabalhos não são apenas desafios operacionais; eles são fundamentais para que o governo atual possa navegar em um ambiente político fragmentado e altamente volátil. O sucesso em cada uma dessas áreas será crucial para manter a estabilidade política e econômica do Brasil e para o sucesso do governo. Em que pesem os tropeços, equívocos e derrotas, Lula tem experiência suficiente para reinventar a sua gestão e pacificar a sua relação com o Congresso e com o setor produtivo. ■

FOTOS LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

VALE-TUDO Deputados brigam no Conselho de Ética: confusão iniciada com Nikolas Ferreira e André Janones teve empurrões, ofensas, dedo na cara e gritaria — imagens registradas por celulares e compartilhadas nas redes sociais

CENAS DE ZORRA TOTAL

Colegiados da Câmara viram campos de guerra entre governo e oposição, com troca de farpas, bate-boca e até ameaças de agressão, tudo pensado para obter lucro eleitoral **ADRIANA FERRAZ**

O GOVERNO LULA ainda não tinha completado três meses quando um depoimento dado à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados pelo então ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, sinalizou que o embate entre parlamentares de direita e de esquerda tinha tudo para ser explosivo na atual legislatura. Regada a bate-bocas, ironias, gritos e palavrões de ambos os lados, a audiência de março de 2023 foi apenas a primeira de muitas outras promovidas pela Casa em que o decoro passou longe. Na semana passada, André Janones (Avante-MG) e Nikolas Ferreira (PL-MG) trocaram empurrões no Conselho de Ética, órgão responsável justamente por punir quem passa do ponto. No mesmo dia, a deputada mais velha, Luiza Erundina (PSOL-SP), de 89 anos, preci-

sou ser internada após presenciar discussões acaloradas na Comissão de Direitos Humanos. Os episódios fizeram o presidente Arthur Lira (PP-AL) apresentar — e aprovar — uma mudança no regimento interno que irá permitir à Mesa Diretora propor a punição rápida de deputados envolvidos nesse tipo de baixaria com a indicação de suspender mandatos.

O recado de Lira foi dado em tom bastante claro na tarde de terça-feira 11 — e publicamente, por meio de suas redes sociais. "Não podemos mais continuar assistindo aos embates quase físicos que vêm ocorrendo na Casa e que desvirtuam o ambiente parlamentar, comprometem o seu caráter democrático e — principalmente — aviltam a imagem do Parlamento na sociedade brasileira", escreveu Lira. Ele está coberto de razão , mas terá trabalho para colocar ordem por ali. No mesmo instante, a tragédia climática do Rio Grande do Sul era usada como pretexto para uma troca agressiva de acusações entre o ministro Paulo Pimenta e bolsonaristas na CCJ, a comissão mais nobre da Casa. Nomeado para comandar a Secretaria Extraordinária de Apoio à Reconstrução do Rio Grande do Sul, o petista virou alvo da tropa de choque formada por Paulo Bilynskyj (PL-SP), Gilvan da Federal (PL-ES), Marcos Pollon (PL-MS), Bia Kicis (PL-DF) e Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Convocado para falar sobre a investigação da PF a respeito de *fake news* na tragédia, Pimenta respondeu nomeando como exemplos de mentirosos parlamentares como Kicis e Carla Zambelli (PL-SP). Ao final, deixou o recinto sob o coro de "fujão" por não ter aceitado responder às últimas perguntas.

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

RUIM DE VER Pimenta na CCJ: ministro chamou deputadas de mentirosas e ouviu coro de "fujão"

Pimenta apenas engrossou uma lista já extensa de ministros arrastados para esse circo. Até Fernando Haddad (Fazenda), mais moderado do que Pimenta e Dino, foi envolvido no espírito bélico desses colegiados. Na ida à Comissão de Finanças e Tributação em maio, usou várias vezes do deboche para responder aos bolsonaristas, como ao ser questionado por Filipe Barros (PL-PR) sobre o resultado fiscal de 2023. "Esse déficit não é nosso, o filho é teu, tem que assumir, tem paternidade aqui. Faz o exame de DNA", provocou o ministro, em sessão que contou ainda com afirmações de que, sim, a "terra é redonda" e questionamentos sobre o show de Madonna no Rio. A presença de ministros em comissões é vista como uma oportunidade por parte da oposição para provocar o confronto e aumentar o engajamento nas redes, editando e divulgando a parte do embate que lhes interessa. "A busca por *likes* tira o foco das discussões reais e desqualifica a política.

Esse movimento, puxado pela extrema direita, impede que o Parlamento cumpra uma de suas principais funções, o debate de temas de interesse da população", avalia Renato Janine Ribeiro, professor de ética e filosofia da USP. Segundo ele, para haver diálogo, é preciso haver acordo mínimo sobre a verdade dos fatos e também sobre "alguns valores éticos".

O clima de guerra se acentuou na atual legislatura em razão do avanço da direita na Câmara. Numerosa, a bancada conseguiu o comando de comissões importantes, como Educação, Constituição e Justiça, Segurança Pública e Agricultura, dando tração ao confronto ideológico. Com mais de 11 milhões de seguidores no Instagram, Nikolas Ferreira, por exemplo, é "professor" nessa seara. Presidente da Comissão de Educação, o deputado coleciona vídeos na internet com trechos de suas falas, seja dos grupos que integra formalmente, seja de outros aos quais comparece dependendo do tema ou do convidado. Diante da ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, ele questionou qual o conceito de mulher adotado pela pasta para abordar o uso de banheiros por pessoas transexuais. Publicado no dia 5, o post já teve mais de 350 000 curtidas e 18 100 comentários.

Em ano eleitoral, com a gestão petista enfraquecida pelas recorrentes derrotas no Congresso e a força demonstrada pela oposição ao impor sua pauta, a perspectiva é de que a política do confronto só cresça. "A truculência aumentou com a chegada do calendário eleitoral, mas também porque o governo sofreu derrotas importantes, gerando um empo-

ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

MUITA CALMA Arthur Lira: recado claro à bancada da lacração e da baixaria

deramento do bolsonarismo", acredita Sâmia Bomfim (PSOL-SP). No último dia 4, ela teve de ouvir uma deputada bolsonarista, Coronel Fernanda (PL-MT), citar indiretamente a morte do irmão dela, o médico Diego Ralf Bomfim, uma das vítimas em um ataque a um quiosque no Rio, para justificar o apoio à PEC que endurece a legislação sobre drogas. Integrante da Comissão de Segurança Pública, Coronel Telhada (PP-SP) atribui a escalada à dificuldade do governo de pautar seus projetos. "Na segurança, por exemplo, temos ampla maioria e vamos aprovar tudo o que for de interesse da população, querendo a esquerda ou não", afirma.

Uma arena quase certa para novos embates fora do tom entre direita e esquerda deverá ser o grupo de trabalho criado por Lira na semana passada para debater a regulação das plataformas digitais e impor regras contra *fake news*, hoje um dos temas que mais mobilizam o bolsonarismo. Entre os

parlamentares que vão integrar o grupo estão dois investigados pelo STF por espalhar notícias falsas — Gustavo Gayer (PL-GO) e Filipe Barros (PL-PR) — e outros que já se declaram contra quaisquer propostas que limitam a "liberdade de expressão", a exemplo de Marcel Van Hattem (Novo-RS). O mesmo cenário belicista é projetado para a CCJ durante a análise do projeto que propõe anistia aos condenados e investigados pelo 8 de Janeiro. Em tese, o texto não beneficiaria Bolsonaro, mas todos os demais que participaram de manifestações com motivação político-eleitoral ou que as apoiaram *(veja a reportagem "Anistia Circunstancial")*.

O motor para esse tipo de comportamento, muito distante do esperado para integrantes de um poder da República, talvez seja a falta de punição. Desde fevereiro do ano passado, 34 representações por ofensas, quebras de decoro, assédio e rachadinha foram protocoladas na Comissão de Ética. Nenhuma resultou em sanção severa. A solução proposta por Lira também gera conflitos, por não esclarecer de forma clara qual será a régua adotada para propor a suspensão cautelar de mandatos parlamentares. Outra crítica diz respeito ao fato de a proposta de punição imediata partir da Mesa Diretora, o que daria mais poderes a Lira às vésperas da eleição de seu sucessor. Seja qual for o modelo, o certo é que como está não dá para ficar. O país tem vários temas complexos a discutir e o que se espera de seus eleitos é que tratem essas pautas com seriedade, profundidade e decoro. Isso deveria pesar mais nas urnas do que vídeos, memes e *likes*. ■

RICARDO RANGEL

VIVENDO PERIGOSAMENTE

Movimento na Europa não é caso de pânico (ainda), mas de alerta

AS ELEIÇÕES para o Parlamento Europeu foram um choque: é a maior bancada de extrema direita já vista. Não é caso de pânico (ainda), mas é caso de alerta. Porque esse movimento não é novidade: o fascismo nasceu há 100 anos e se alimenta do ressentimento, da indignação, da frustração, do medo — que podem existir em qualquer época.

A Revolução Industrial, em fins do século XIX, aumentou a desigualdade e criou condições de trabalho mais precárias. A Revolução Tecnológica e a globalização fazem hoje a mesma coisa, só que de forma mais rápida e mais cruel.

A crise financeira de 1907, nos EUA, quase quebrou o sistema bancário, levou a forte recessão e gerou revolta contra os banqueiros; a crise de 2008 foi similar. A pandemia da gripe espanhola matou milhões de pessoas e gerou muito medo e insegurança; a da covid, também.

Há 100 anos, populistas e extremistas usaram o rádio para, ao repetir mentiras mil vezes, criar verdades e acirrar a polarização entre fascistas e comunistas. Hoje, com as re-

des sociais no lugar do rádio, a polarização se dá entre a extrema direita e o identitarismo intolerante de esquerda. O antissemitismo (agora de esquerda) está no patamar mais alto dos últimos oitenta anos.

Em 1923, Hitler iniciou sua marcha para o poder com uma tentativa de golpe de Estado na Baviera; no ano seguinte, Mussolini obteve uma vitória esmagadora nas urnas, abrindo caminho para a ditadura. Em menos de vinte anos, a Inglaterra seria a única democracia da Europa.

Hoje, a extrema direita domina países como Rússia, Hungria e Turquia e avança na Alemanha, França e Itália. Nos EUA, Trump, que tentou o golpe e foi condenado em 34 acusações, continua fortíssimo.

No Brasil, Bolsonaro tentou o golpe, está inelegível, é investigado por uma miríade de crimes (inclusive o roubo de uma joia até agora desconhecida) e deve ser preso. Mesmo

"Infelizmente, parece haver mais gente interessada em cortejar o desastre do que em evitá-lo"

assim, segue popular. A direita convencional não se afasta dele por medo de perder votos, há quem sonhe em revogar a sua inelegibilidade. No Congresso, a lei das *fake news* ficou para as calendas, há iniciativas para acabar com a delação premiada e anistiar os golpistas do 8 de Janeiro.

Políticos de todas as cores se xingam e se agridem para lacrar nas redes, os cancelamentos tornam inviável qualquer debate sério, os moderados praticamente sumiram.

Governo e Congresso não se entendem, mas ambos criam despesas esdrúxulas sem benefício para o cidadão. Sem plano de governo, petistas preferem acusar seus críticos de fascistas a apresentar propostas, e de vez em quando aparecem excrescências (como a MP devolvida por Rodrigo Pacheco).

Mesmo ministros do Supremo, instituição que salvou a democracia brasileira, se comportam como condestáveis, tomando decisões absurdas e fazendo viagens de luxo custeadas por empresários. Enquanto isso, o ressentimento popular cresce.

Há muitas diferenças entre 1924 e 2024, e a história não precisa se repetir — desde que aprendamos com o passado e nos esforcemos para evitar o desastre.

Infelizmente, parece haver mais gente interessada em cortejar o desastre do que em evitá-lo. ■

CHEIRO DE FRITURA

Indiciado por suspeita de corrupção e organização criminosa, o ministro das Comunicações se diz vítima de uma perseguição política que teria origem dentro do próprio governo **HUGO MARQUES**

INOCENTE Juscelino: dúvidas sobre a isenção da polícia e repetição do “que já vimos na Operação Lava-Jato”

ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA

REPRODUÇÃO

INVESTIGAÇÃO Vitorino Freire: obras suspeitas na cidade da família do ministro

pela PF como artífices e beneficiários de um esquema supostamente ilegal que envolve dinheiro de emendas parlamentares, obras de interesse privado e uma construtora amiga.

Segundo a Polícia Federal, Juscelino destinou verbas de suas emendas do Orçamento para a pavimentação de ruas e estradas em Vitorino Freire. Até aí, nada de anormal. O problema começa quando se descobre que havia uma combinação para que a empresa Construservice executasse a obra. Os investigadores colheram evidências de que o então deputado participava diretamente da trama. Mensagens encontradas em poder da polícia mostram o ministro e um empresário que seria o sócio oculto da tal empresa discutindo detalhes do processo. Numa apuração paralela, a Controladoria-Geral da União (CGU) alertou que uma das estradas que receberam asfalto passava na porta de uma das fazendas do ministro. A PF ainda reuniu indícios de que uma das empresas beneficiárias dos repasses pertenceria ao pró-

A ESCOLHA de Juscelino Filho como ministro das Comunicações do governo Lula foi uma daquelas surpresas difíceis de explicar com argumentos eminentemente técnicos. Típico representante do baixo clero da Câmara dos Deputados e sem conhecimento específico do setor, o parlamentar foi alçado de última hora ao primeiro escalão do Executivo em uma costura para que o partido dele, o União Brasil, integrasse o consórcio de legendas que, em troca de cargos relevantes, prometia alguma sustentação política à frágil base governista no Congresso. O ministro mal havia sentado na cadeira quando foi atropelado por uma sequência de acusações de desvio de dinheiro público para fins privados, malfeitos que teriam acontecido durante seu mandato. Por ordem do Supremo Tribunal Federal (STF), ele enfrentou o constrangimento de ter as contas bloqueadas para garantir o ressarcimento de parte dos recursos que ele teria desviado dos cofres públicos.

Na quarta-feira 12, o constrangimento chegou perto do ápice. Juscelino Filho foi indiciado pela Polícia Federal pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro, fraude em licitação, falsidade ideológica e organização criminosa. É o primeiro alto integrante do governo Lula 3 a passar por essa situação. O caso que recolocou o auxiliar do presidente de volta ao noticiário político policial envolve repasses de dinheiro da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) para o município de Vitorino Freire, no Maranhão, onde o ministro se criou e hoje tem a irmã dele, Luanna Rezende, como prefeita. Eles são apontados

X @PTBRASIL

RENOVAÇÃO À VISTA

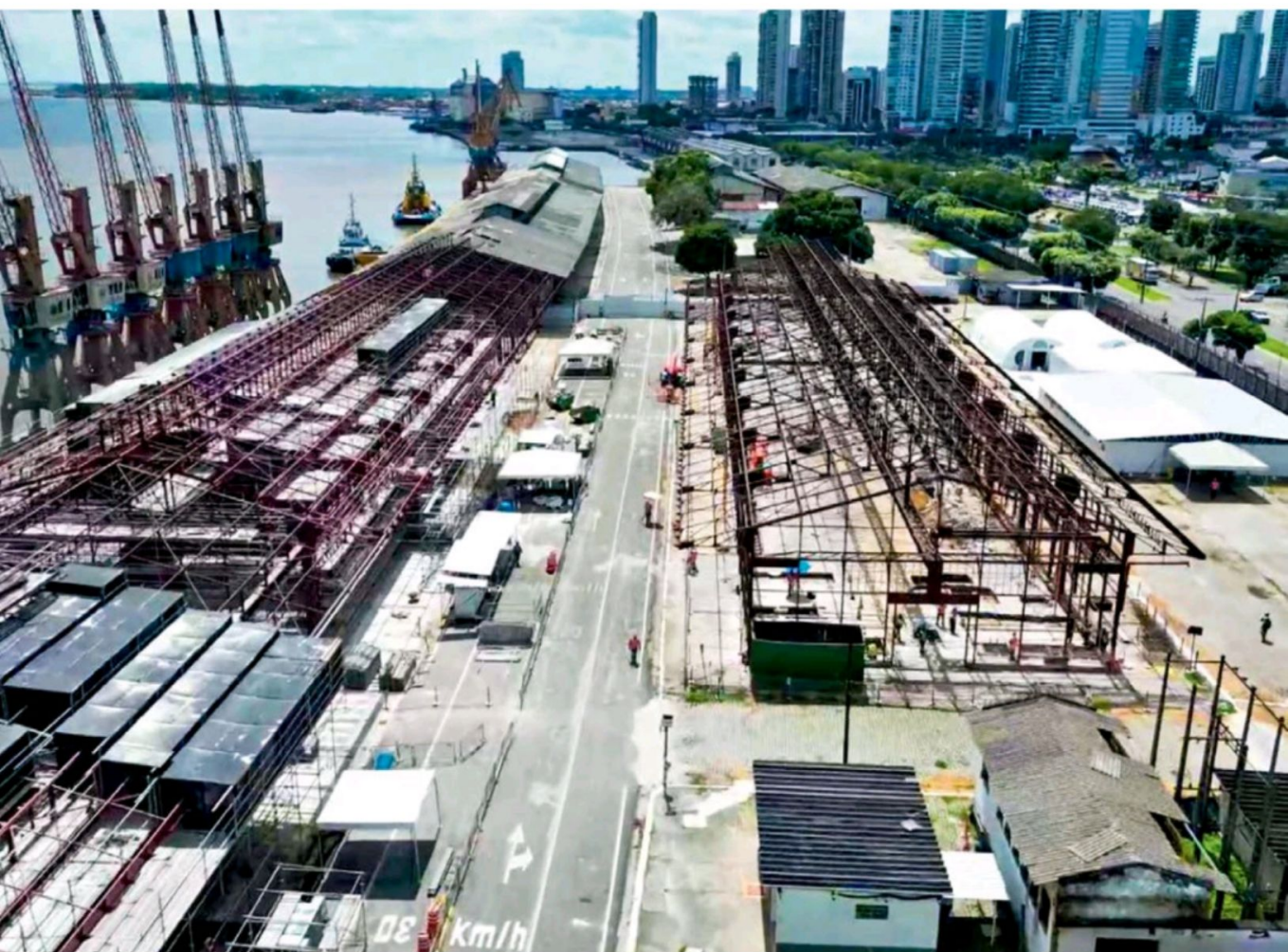
Há vinte anos, no primeiro governo Lula, José Dirceu era ministro-chefe da Casa Civil, José Genoino era presidente do PT e Ricardo Berzoini comandava o Ministério da Previdência. Os três representavam a nata do poder petista. Os dois primeiros foram condenados por corrupção, e Berzoini submergiu depois de ter o nome envolvido no episódio que ficou conhecido como "escândalo dos aloprados". Na segunda-feira, o trio participou de uma reunião virtual com Lula. Estavam acompanhados do ex-governador Olívio Dutra, do ex-ministro Tarso Genro, de Paulo Okamotto, ex-presidente do Instituto Lula, e do deputado Rui Falcão. A pauta do encontro: a renovação do PT.

prio Juscelino. Em dezessete meses de governo, o ministro foi torpedeado por denúncias que vão do uso irregular de jatos da FAB ao recebimento de diárias em viagens pessoais.

Aparentemente inabalável no cargo, o ministro voltou a repetir que não cometeu nenhuma ilegalidade e que as acusações contra ele partem de desafetos dentro do próprio governo. Nos bastidores, aliados de Juscelino sempre apontaram o dedo para o então ministro da Justiça Flávio Dino, adversário dele em disputas políticas no Maranhão e até poucos meses atrás superior hierárquico da PF. Indiciado, Juscelino acusou a Polícia Federal de ter agido politicamente para prejudicá-lo, sugerindo que está sendo vítima de algo parecido com o que, em sua visão, teria acontecido com alguns políticos e com o próprio presidente Lula. A ofensiva, disse ele, "suscita dúvidas sobre sua isenção, repetindo um modo operante que já vimos na Operação Lava-Jato e que causou danos irreparáveis a pessoas inocentes".

Ironia do destino, o inquérito que investiga o ministro tramita sob a responsabilidade do agora juiz Flávio Dino, que assumiu uma cadeira no STF em fevereiro. No dia do indiciamento, nenhuma figura de renome no governo saiu em defesa do ministro. O presidente Lula, que cumpria agenda no Rio, avisou que não iria se pronunciar. Quando chegou à Suíça, saiu pela tangente com um "Temos de dar a chance dele provar sua inocência". Reservadamente, o PT, a quem havia sido prometido o comando do Ministério das Comunicações e que desde a primeira denúncia pede abertamente a demissão de Juscelino, desta vez manteve um estranho silêncio. ■

DE BELÉM PARA O MUNDO

Disputa pelo comando da capital paraense, que vai sediar a COP em 2025, será um embate entre Helder Barbalho, a esquerda e o bolsonarismo **VICTORIA BECHARA**

EM OBRAS Porto Futuro II: local terá eventos de economia e cultura

AGÊNCIA PARÁ

A COP28, Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, é um dos eventos mais importantes e midiáticos do mundo. A edição de 2023, em Dubai, reuniu mais de 40 000 pessoas de 190 países, entre elas ambientalistas, cientistas, celebridades, líderes políticos, como Emmanuel Macron (França), e monarcas, como o rei Charles III, do Reino Unido. Em novembro de 2025, será a vez de Belém receber o acontecimento, dentro do plano do país para colocar a Amazônia ainda mais em posição de destaque nas discussões globais sobre o assunto. Em meio à correria visando preparar a capital do Pará para receber um encontro desse porte, há uma disputa paralela entre políticos locais, de olho na eleição municipal que já é considerada a mais importante da história de lá. Afinal, o próximo prefeito será uma das autoridades brasileiras mais importantes e com maior visibilidade durante a COP.

A corrida pelo comando de Belém a partir de 2025 deverá se dar entre dois grupos que já estão no poder local. O prefeito Edmilson Rodrigues (PSOL), que tem um governo mal avaliado (75% da população reprova sua gestão, segundo o Paraná Pesquisas), tem ao menos o histórico a seu favor: já venceu três vezes a eleição para prefeito (1996, 2000 e 2020). Seu principal adversário deverá ser o ex-secretário estadual de Cidadania, Igor Normando (MDB), o nome escolhido por Helder Barbalho (MDB) para tentar retomar o controle político da capital. Trata-se de uma questão de honra, já que foi ele quem atuou, ao lado do presidente Luiz Iná-

AGÊNCIA BELÉM

CORRIDA Rodrigues *(de azul):* pouco tempo para melhorar sua avaliação

cio Lula da Silva e da ministra Marina Silva (Meio Ambiente), para trazer a COP28 à Amazônia.

Nas cordas em razão do fraco desempenho na gestão, Edmilson Rodrigues ganhou um alento na última semana. Ele conseguiu manter o apoio do PT, que hoje ocupa o cargo de vice com Edilson Moura, e vão reeditar a dobradinha na única capital comandada pelos dois partidos. O PT cogitou se desgarrar de Rodrigues e lançar candidatura própria, mas manteve a parceria, homologada pela executiva nacional na segunda-feira 10. O casamento com o petismo é essencial para o prefeito. Além do apoio de Lula, ele terá mais tempo de TV e uma fatia generosa do fundo eleitoral, já que o PT é o maior partido da aliança (os outros são Rede, PV, PCdoB e PDT).

BRUNO CECIM/AGÊNCIA PARÁ

ESFORÇO O governador Barbalho: vitória virou uma questão de honra para ele

O outro cabo eleitoral com grande poder de influência na disputa já entrou pesado no jogo. Igor Normando, nome apoiado pelo governador Barbalho, tem a seu favor o capital político das Usinas da Paz, um projeto de segurança pública e ações sociais que comandou à frente da Secretaria da Cidadania e que virou um exemplo de política para a redução da violência em comunidades críticas do estado, em especial na região metropolitana. Falta ainda definir o vice da chapa — os cotados são Ursula Vidal (União Brasil) e Cássio Andrade (PSB), que comandavam as secretarias de Cultura e Esporte e deixaram os cargos nos prazos fixados pela lei. O fato de os nomes para a chapa serem de três ex-secretários mostra o tamanho da importância dada à eleição pelo governador. Ao contrário do prefeito, Barbalho tem 78% de aprovação na capital.

A disputa entre os dois grupos pode, no entanto, ser afetada por um terceiro e barulhento personagem. O deputado federal Éder Mauro, presidente estadual do PL, vinha pontuando bem nos levantamentos feitos antes da definição do nome de Helder. Delegado da Polícia Civil, ele afirma que "já matou muita gente, mas todos eram bandidos", costuma votar contra pautas ambientais na Câmara e é autor de projetos que favorecem o garimpo em áreas de conservação. Seu principal cabo eleitoral é o ex-presidente Jair Bolsonaro (surpresa zero, portanto), que já confirmou presença em Belém em 30 de junho. No pleito de 2022, a cidade deu 50,28% dos votos a Lula e 49,72% ao então presidente.

O desafio do "prefeito da COP" não é pequeno. Será ele o responsável por dar continuidade aos preparativos em andamento, como a construção do Parque da Cidade, onde ocorrerão algumas reuniões da conferência, e do Porto Futuro II, complexo para atividades de economia e cultura — os dois projetos tocados pelo estado e União. Barbalho também assumiu a tarefa de recapear ruas e avenidas importantes, o que deveria ser papel da prefeitura. "A cidade quer fugir dessa dicotomia entre esquerda e bolsonarismo porque o que mais falta aqui é zeladoria, saneamento, coleta de lixo e recapeamento", provoca Normando. Já o prefeito anunciou a reforma do Mercado Ver-o-Peso, um dos cartões-postais da cidade, e vai usar os menos de quatro meses que restam para tentar virar o jogo. O clima para a eleição da COP só vai esquentar daqui para a frente. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

APORTE Caminhão da Enel: a empresa investirá 18 bilhões de reais em infraestrutura

Operação-conserto

Presidente do Conselho de Administração da concessionária **Enel,** Guilherme Lencastre se reuniu com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, para apresentar os planos de investimento da companhia italiana no Brasil. Silveira tem criticado a atuação da Enel, que enfrentou vários apagões, e muita reclamação, em São Paulo.

Operação-costura

A Enel diz que vai investir 18 bilhões de reais em infraestrutura nos próximos anos — 6 bilhões de reais

apenas em São Paulo. Lencastre e outros executivos da Enel vão intensificar agendas com autoridades e imprensa para comunicar os próximos passos.

Hora de repaginar

A administradora de shopping centers Multiplan anunciará, nos próximos dias, 600 milhões de reais em investimentos para modernizar três de suas unidades. Entre elas, o bem-sucedido MorumbiShopping, em São Paulo.

Liquidação

A administradora Allos, que anunciou um plano de desinvestimento de 1 bilhão de reais, está em vias de fechar a venda do TopShopping, no Rio de Janeiro, por 100 milhões de reais.

Apetite por óleo

Os empresários Joesley e Wesley Batista, que entraram recentemente no ramo de óleo e gás com a compra da petroleira Fluxus, querem adquirir campos de petróleo na Venezuela e no Peru. Eles buscam campos pequenos avaliados em até 50 milhões de dólares.

Os números da tragédia

Por sua vez, a JBS, empresa de alimentos dos irmãos Batista, está inventariando os prejuízos causados pela tragédia no Rio Grande do Sul. A empresa perdeu 5 000 suínos e cerca de 1 milhão de frangos. Uma fábrica inteira foi destruída e parte dos 17 000 funcionários da companhia no estado foi realocada.

Sob uma espada

O empresário Rubens Menin, dono da MRV, não esconde sua preocupação com o cenário fiscal do Brasil. “Temos uma espada em nossas cabeças”, disse ao Radar Econômico. “O fiscal tem que melhorar para os juros caírem.”

Agora voa?

O governo federal prepara, enfim, o lançamento do Voa Brasil, programa de descontos de passagens aéreas. Silvio Costa Filho, ministro de Portos e Aeroportos, pretende fazer o anúncio em julho. A primeira fase deverá beneficiar aposentados e pensionistas — cerca de 22 milhões de pessoas.

Prevenção em alta

As seguradoras brasileiras contrataram 6,2 bilhões de reais em resseguro, o seguro do seguro, nos três primeiros meses de 2024. O valor é 6% maior do que o registrado no primeiro trimestre do ano passado, segundo levantamento feito pela plataforma IRB+Inteligência.

A força da renda fixa

Os Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDCs), um ativo de renda fixa, são a aposta da vez da indústria financeira. Segundo a consultoria empresarial Multiplike, o número de investidores na modalidade deverá chegar a 3,2 milhões até 2029 — são 100 000 atualmente. ■

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

ARROZ QUEIMADO

Ideia equivocada de importar o grão para regular o mercado nacional resulta em um leilão cheio de suspeitas e o saldo final é um dos maiores fiascos do mandato de Lula

VALMAR HUPSEL FILHO, LAÍSA DALL'AGNOL E ISABELLA ALONSO PANHO

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

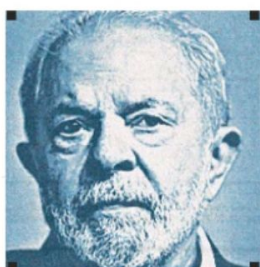
TUDO ERRADO Pretto, Teixeira e Fávaro: compra cancelada e demissão do secretário Neri Geller *(acima)*

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vinha desde o início do ano manifestando preocupação com a alta do preço dos produtos da cesta básica. Entre novembro de 2023 e fevereiro de 2024, os alimentos foram os principais itens a puxar para cima a inflação — e para baixo a popularidade do presidente. Em março, Lula se reuniu com Rui Costa (Casa Civil), Fernando Haddad (Fazenda), Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário), Carlos Fávaro (Agricultura) e Edegar

Pretto (Conab) para discutir o que fazer. E ouviu que a situação era sazonal, fruto das condições climáticas, e que o preço do arroz iria se estabilizar com a safra que era colhida no Rio Grande do Sul, maior produtor do grão. Em abril, Lula voltou ao assunto ao dizer que se arrependia de não ter já importado arroz da Venezuela para derrubar o preço no Brasil. A tragédia gaúcha fez o presidente tirar a ideia do papel. A medida, no entanto, pensada para ser positiva, abriu nova frente de enfrentamento com o agronegócio, deu origem a várias suspeitas de irregularidades e terminou sendo um dos maiores fiascos do atual governo.

A má ideia já dava sinais de que não terminaria bem desde o início. Foi contestada por agricultores, inclusive na Justiça, e se materializou em um leilão no qual uma loja de queijos, uma locadora de veículos e uma sorveteria ganharam contratos de centenas de milhões de reais. O alarme disparou com ainda mais força quando surgiram evidências de que pessoas ligadas ao secretário de Política Agrícola, Neri Geller, atuaram como intermediários de firmas envolvidas na disputa. Nem um grão de arroz havia chegado ao mercado nacional quando o governo decidiu anular o leilão em que adquiriu 264 000 toneladas do produto a 4 reais o quilo, reconhecendo que as companhias talvez não pudessem cumprir as exigências. Pior: anunciou a demissão de Geller, um ex-ministro da Agricultura de Dilma que quase virou ministro da mesma pasta sob Lula e que se tornou, assim, o primeiro integrante

do alto escalão do terceiro mandato do petista a cair sob suspeita de não ter agido de modo republicano.

Alertas não faltaram ao governo sobre a infelicidade da iniciativa. No começo de maio, quando Lula anunciou a intenção, produtores afirmaram que a medida não era necessária porque 85% da safra havia sido colhida, o suficiente para abastecer o mercado interno. O problema era outro: levar o produto para os consumidores depois do cenário de terra arrasada da infraestrutura gaúcha. Economistas apontaram ainda a possibilidade de o governo fazer *dumping* (venda a um preço inferior ao custo de produção), o

CRONOLOGIA DO DESASTRE

Como a compra de arroz virou uma encrenca política para o governo Lula

Março e abril

Lula passou a dizer com frequência – e discutiu isso com ministros da área – que pensava em importar arroz para reduzir o preço do produto e melhorar a popularidade do governo

que significava grave interferência no mercado. A oposição apontou o uso político da ação, uma vez que o arroz subsidiado chegaria ao mercado em setembro, mês anterior às eleições, com a logomarca do governo federal. “É uma interferência clara”, disse o deputado federal Alceu Moreira (MDB-RS), da bancada ruralista.

O governo, no entanto, insistiu na medida. O leilão, em si, foi um fracasso, porque a União não conseguiu as 300 000 toneladas que pretendia — o pacote todo prevê 1 milhão de toneladas. A abertura dos envelopes fez o problema escalar. A empresa que levou o maior naco, 763 milhões

9 de maio

Com as chuvas no RS, o presidente diz que vai importar o cereal para “equilibrar a produção” e “evitar a disparada de preços”. **Produtores afirmam que colheita era suficiente para abastecer o país**

de reais, era a Wisley A. de Souza Ltda, que opera uma loja em Macapá com o nome fantasia de “Queijo Minas”. A firma tinha um capital social de apenas 80 000 reais dias antes do leilão, quando mudou seu contrato social para que o valor chegasse a 5 milhões de reais, credenciando-a dentro dos requisitos do edital. Apenas a Zafira, uma companhia de trading de Florianópolis, possuía um histórico de atuação próximo do que exigia o edital. O constrangedor resultado do leilão despertou suspeitas de fraudes, o que politicamente era um desastre. No Legislativo, a oposição usa o assunto como nova trincheira para fustigar o governo e ar-

10 de maio

O governo passa a editar medidas provisórias e portarias que autorizam a Conab a importar até 1 milhão de toneladas de arroz, a um custo estimado de 7,2 bilhões de reais

29 de maio

É marcado para dia 6 de junho o primeiro leilão, para adquirir 300 000 toneladas do produto, com preço máximo de 4 reais o quilo

5 de junho

Deputados do Novo e do PSDB entram com representação no TCU e ação na Justiça Federal para barrar o certame — conseguem liminar impedindo o prosseguimento da iniciativa

ticula a instalação de uma CPI. A iniciativa é do deputado Luciano Zucco (PL-RS), ex-presidente da CPI do MST, que afirma ter 139 das 171 assinaturas necessárias para que o pedido seja protocolado. “Chama a atenção que, na medida em que estamos próximos de atingir o número, tenha havido a anulação do leilão. Estão assumindo alguma espécie de culpa que precisa ser investigada”, diz. A ideia pode ser apoiada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Segundo aliados, ele se empolgou com a possibilidade de abrir uma investigação contra Lula no Congresso. “O Amapá não produz nada, não tem desenvolvimento econômico, não tem

6 de junho

O governo derruba a liminar no TRF4, faz o leilão, mas só consegue 264 000 toneladas das 300 000 previstas. Quatro empresas levam contratos que somam 1,4 bilhão de reais

7 de junho

Deputados acionam o TCU e a PGR para apurar como a Wisley A. de Souza, uma loja de queijos em Macapá, que tinha capital social de 80 000 reais, arrematou 736 milhões em contratos

9 de junho

O deputado Luciano Zucco (PL-RS) começa a recolher assinaturas para criar a “CPI do Arroz”, que pode ter o apoio de Bolsonaro. Até quinta, tinha 139 das 171 assinaturas necessárias

empresas. De onde surgiu uma lojinha de queijos capaz de fazer a importação de um volume tão abrupto de grãos?”, questiona Silvia Waiãpi (PL-AP), uma das signatárias da petição pela CPI. “A investigação vai apurar se de fato houve fraudes em relação a essas empresas”, afirma Lucas Redecker (PSDB-RS), deputado que assinou a ação que resultou na suspensão do certame na Justiça gaúcha.

Outro episódio que aguça o interesse da oposição é a atuação de Neri Geller. Deputado por três mandatos e cacique do PP em Mato Grosso, ele perdeu os direitos políticos em 2022 por abuso de poder econômico e não conseguiu a

10 de junho

Começam a aparecer evidências de que ex-assessores ligados ao secretário de Política Agrícola, Neri Geller, atuaram como intermediários das empresas que participaram do leilão

11 de junho

O governo anuncia a anulação do primeiro leilão e uma revisão dos procedimentos antes de eventual retomada da iniciativa. Geller pede demissão ao ministro Carlos Fávaro (Agricultura)

reeleição. Apesar de ter sido interlocutor de Lula com o agronegócio durante a campanha, só entrou para o governo em dezembro de 2023, uma semana depois de ter mudado a sua situação judicial. Na Esplanada, partiu dele a indicação de Thiago José dos Santos, atual diretor de Operações e Abastecimento da Conab, divisão que organizou o certame. Três das quatro firmas que ganharam o leilão foram representadas pela Foco Corretora de Grãos Ltda, empresa do ex-assessor parlamentar do ex-secretário, Robson Luiz Almeida de França. As coincidências não terminaram aí. Apesar de Geller ter dito que a relação de trabalho entre os dois terminou em 2020, França consta até hoje como advogado do ex-deputado em 31 processos na Justiça Eleitoral de Mato Grosso — incluindo a prestação de contas do diretório estadual do PP, que já foi presidido pelo ex-secretário. O filho dele, Marcello Geller, é sócio de uma empresa com França. A VEJA, Neri Geller defendeu a licitude do leilão anulado e disse que não tem "uma vírgula a esconder".

O episódio contrariou Lula porque virou mais uma arma política para a oposição. Apesar de a ideia ter sido sua, o presidente ficou irritado com a forma amadora com que a sua equipe conduziu o processo. Em reunião com Fávaro e Teixeira e com o advogado-geral da União, Jorge Messias, Lula avaliou que a crise tinha potencial de atingir a imagem do governo e dar margem às especulações em torno de uma reforma ministerial, o que ele não pretende fazer antes do fim do ano. E pediu providências. Horas depois Geller foi exone-

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

“CRISE CRIADA” Tereza Cristina: “Não havia problema de abastecimento”

rado. O episódio também enfraquece Fávaro politicamente e, a depender dos desdobramentos da crise, pode causar novas baixas na Conab. Na quarta-feira 12, a Polícia Federal abriu inquérito para apurar o caso.

Além de não ter gerado nenhum ganho de imagem para o governo, o episódio piorou a relação de Lula com o agronegócio, responsável por um quarto do PIB brasileiro e dono de uma bancada poderosa no Congresso. “Foi uma crise criada. O governo já queria, lá atrás, importar direto algumas coisas. Não havia problema de abastecimento”, diz a senadora Tereza Cristina (PP-MS), ex-ministra da Agricultura e membro da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA). Com o senador Ciro Nogueira (PP-PI), presidente do partido, ela protocolou no Tribunal de Contas da União uma representação pedindo apuração das empresas envolvidas. Integrantes da

REPRODUÇÃO

A VENCEDORA Queijo Minas, em Macapá: contratos de 763 milhões de reais

FPA afirmam também ver com incerteza a gestão compartilhada da área agrícola entre o Ministério da Agricultura, comandado por Carlos Fávaro (PSD), e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, chefiado pelo petista Paulo Teixeira. Isso porque a Conab, liderada pelo também petista Edegar Pretto, candidato derrotado ao governo gaúcho em 2022, estaria mais ligada ao MDA do que à pasta de Fávaro.

A ideia também ajudou a carimbar no governo ainda mais a imagem de intervencionista e de um mandato apegado a ideias ultrapassadas, como o gigantismo do Estado, o uso de dinheiro público para sustentar o crescimento econômico e, agora, a prática de brigar com o mercado recorrendo a um arcaico tabelamento de preços. Os consumidores brasileiros não guardam boas lembranças das medidas tomadas no passado para segurar na marra os preços, como o

ROGÉRIO CARNEIRO/FOLHAPRESS

MÁ LEMBRANÇA Fiscais fecham loja em 1986: congelar preços não resolveu

Plano Cruzado, que em 1986 congelou preços e reduziu a inflação em curto prazo, resultando no aumento da popularidade do então presidente José Sarney. O plano, no entanto, causou um represamento e, a médio prazo, resultou em escassez e nova disparada dos preços. “Não há razão para o governo controlar preços. É como colocar gelo no termômetro”, resume o economista Cleveland Prates, professor de regulação econômica e organização industrial da Fipe. “Quem vai querer produzir sabendo que o governo vai interferir no preço de mercado?”, questiona.

Por qualquer ângulo que se olhe, a iniciativa foi um tiro no pé dado por Lula e seu governo. A lição que fica é que uma má ideia já tem potencial suficiente para dar errado — com as trapalhadas, ou coisa pior, produzidas pelo governo, não tinha mesmo como dar certo. O arroz passou do ponto. ■

UM NOVO PREGÃO

A prefeitura do Rio de Janeiro reduz impostos para facilitar a criação de uma bolsa de valores na cidade. Há projetos em curso, mas o caminho será longo para a ideia vingar **CAMILA BARROS**

DE VOLTA AO PASSADO A antiga BVRJ: pelo menos três empresas têm interesse em explorar o mercado carioca

CLEO VELLEDA/FOLHAPRESS

NO FINAL da década de 1960 e início dos anos 1970, a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro crescia em ritmo frenético. Esperançosos com o milagre econômico, os investidores impulsionaram a centenária BVRJ para uma alta de quase 5 000% em quatro anos, um desempenho que entraria para a história. No final de 1971, porém, a bolha especulativa estourou, resultando no pior *crash* financeiro do mercado brasileiro. Menos de duas décadas depois, outro duro golpe: em 1989, descobriu-se que o megainvestidor Naji Nahas utilizava operações falsas e cheques sem fundos para manipular o mercado. O escândalo abalou a reputação da bolsa do Rio, que perdeu espaço para a bolsa de São Paulo, até ser definitivamente incorporada por ela, no ano 2000. A trajetória oscilante parecia condenar o Rio de Janeiro a jamais sediar uma bolsa novamente. Agora, contudo, a cidade quer resgatar o velho passado — e, espera-se, sem as tramoias de antes.

Há alguns dias, o prefeito Eduardo Paes encaminhou à Câmara de Vereadores do Rio um projeto de lei que reduz o Imposto sobre Serviços (ISS) incidente sobre atividades de bolsa de valores. A proposta é uma alíquota de 2%, ante os atuais 5%. “A nova bolsa de valores vai atrair agentes do setor financeiro e empresas interessadas em investir e se estabelecer na cidade”, diz Paes. “Temos a expectativa de aumento da oferta de serviços relacionados a esse mercado, como bancos, corretoras de investimentos e outras instituições financeiras.”

ASCENSÃO E QUEDA

Os momentos-chave da histórica Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

O INÍCIO

A BOLSA DE VALORES DO RIO DE JANEIRO FOI FUNDADA EM 1851, NO AUGE DO PERÍODO IMPERIAL BRASILEIRO

A CRISE

EM 1989, FORAM DESCOBERTAS MANIPULAÇÕES FINANCEIRAS PRATICADAS PELO MEGAINVESTIDOR **NAJI NAHAS.** O CASO FEZ AS AÇÕES LISTADAS PERDEREM UM TERÇO DE SEU VALOR E COMPROMETEU A CREDIBILIDADE DA BOLSA CARIOCA — QUE JAMAIS SE RECUPEROU

O FIM

A BOLSA DO RIO ASSOCIOU-SE À BM&FBOVESPA. NA ÉPOCA, AS DEMAIS BOLSAS REGIONAIS, COMO AS DE MINAS GERAIS, BAHIA E PARANÁ, TAMBÉM ENCERRARAM SUAS OPERAÇÕES, E SÃO PAULO PASSOU A TER A ÚNICA BOLSA DE VALORES DO BRASIL, QUE HOJE SE CHAMA B3

A iniciativa municipal ocorre no momento em que surgem no setor privado movimentações de empresas interessadas em concorrer com a B3, a bolsa de São Paulo. Controlada pelo Mubadala, fundo soberano de Abu Dhabi, a companhia Americas Trading Group (ATG), especializada em fornecer tecnologia para negociações de ativos financeiros, planeja lançar uma nova bolsa brasileira no segundo semestre de 2025. Chamada ATS, ela provavelmente ficará sediada no Rio, mas também deverá manter operações em São Paulo. Por ora, a empresa aguarda a autorização do Banco Central para levar o projeto adiante. “Quando o país só tem uma bolsa, há mais risco sistêmico”, diz Claudio Pracownik, presidente da ATG. “Ter mais de uma bolsa é uma prova de maturidade do mercado.”

Não se trata do único projeto em gestação. A registradora de ativos financeiros CSD espera receber ainda em 2024 as licenças para fazer a liquidação e a custódia de ativos. Após essas autorizações, a companhia buscará o registro como contraparte central, última peça para que possa atuar como bolsa — o que, pelo cronograma do projeto, deverá ocorrer em meados de 2027. “O monopólio da B3 deixou o mercado parado”, diz Edivar Queiroz, presidente da CSD BR. “Acreditamos que, com melhores infraestruturas financeiras, o mercado brasileiro poderá aumentar em até quatro vezes.” A CSD não definiu onde será a sua sede. “O Rio foi berço de várias instituições financeiras e, por isso, é um potencial ponto para nós”, afirma Queiroz.

CRIS FAGA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

MONOPÓLIO B3, em São Paulo: a concorrência deverá beneficiar investidores

Na América Latina, Argentina, Equador, Chile e Uruguai possuem mais de uma bolsa de valores. No mundo, os Estados Unidos são líderes na descentralização de mercado: Nyse e Nasdaq são as principais, mas, entre bolsas regionais ou focadas em produtos específicos, há pelo menos quinze em operação. Além de ATG e CSD, outros projetos tomam corpo no Brasil. “O Banco Central apoia o aumento da concorrência, e a Comissão de Valores Mobiliários não se opõe a termos novas

LAILSON SANTOS

GOLPE O megainvestidor Naji Nahas: operações falsas e cheques sem fundos para manipular o mercado

infraestruturas", diz André Duvivier, presidente da SL Tools, fintech que busca a certificação para se tornar um balcão organizado (ambiente de compra e venda de ativos fora da bolsa de valores) e concorrer com a B3 no segmento de renda fixa. Além de atrair mais empresas para o mercado de capitais, novas bolsas poderiam reduzir os valores das taxas cobradas dos investidores. O tempo dirá se, como muitos outros projetos no Brasil, a Bolsa do Rio não vai morrer na praia. ■

A MARÉ VIROU

O avanço da direita radical na eleição do Parlamento Europeu era esperado, mas sua dimensão sacudiu o continente e expôs o tamanho da insatisfação popular com os atuais governantes

AMANDA PÉCHY E **ERNESTO NEVES**

VEXAME Macron: com menos da metade dos votos obtidos pela extrema direita, convocou eleições, sob risco de tiro no pé

ELIOT BLONDET-POOL/SIPA/AP/ MAGEPLUS

Arquitetada depois da devastação imposta pela Segunda Guerra e concretizada em 1992, a União Europeia (UE) encarna desde seu nascimento um conjunto de princípios e regras formulado para banir da sociedade, repousada em um confortável colchão social, as manchas da intolerância, da truculência e do autoritarismo. O bloco, hoje com 27 países, tem como base o regime democrático, calcado em instituições fortes e independentes. Na economia, empreendeu reformas capazes de aliar crescimento com inclusão e proteção social. Ao admitir novos membros e direcionar a eles bilhões de euros, elevou o padrão de vida de países como Portugal e Polônia. Funcionou por um bom tempo, mas nos últimos anos, com a situação econômica fazendo água, uma nuvem de insatisfação popular cada vez mais densa se espalhou sobre a UE, até desabar sobre a eleição para o Parlamento Europeu: no domingo 9, a direita radical, um ninho de preconceitos e extremismo, saiu de vez do limbo político e elegeu um número nunca visto de deputados.

O resultado foi particularmente dramático na França, onde os candidatos do Renascimento, partido do governo, levaram tal surra que o presidente Emmanuel Macron, em decisão cercada de controvérsia, decidiu dissolver a Assembleia Nacional. Na contagem final, a chapa do partido governista ficou com 15,1% dos votos, contra 34,4% do Reagrupamento Nacional, de Marine Le Pen, um sobrenome abominado até algum tempo atrás pela

A ERA DOS EXTREMOS

O mapa que emergiu das eleições para o Parlamento Europeu mostra a direita radical em primeiro ou segundo lugar em nove dos 27 países do bloco

carga de antissemitismo e racismo que carregava e que ela foi suavizando ao entregar a presidência (embora continue dando as cartas) e a cabeça da chapa a Jordan Bardella, político carismático e boa-pinta de 28 anos. "Não posso fingir que nada aconteceu", justificou Macron, ao convocar eleições para 30 de junho, com segundo turno em 7 de julho — duas semanas antes do início da Olimpíada de Paris. "Fiquei chocada. A dissolução pouco antes dos Jogos é extremamente perturbadora", desabafou a prefeita da capital, Anne Hidalgo.

A interpretação geral é que Macron, ciente de que votar para o distante Parlamento Europeu é diferente de votar dentro de casa, quer unir a população em torno da rejeição a Le Pen — fórmula com que a derrotou em duas eleições. Trata-se de uma aposta arriscadíssima que pode, se a ultradireita repetir a façanha, obrigá-lo a conviver com um primeiro-ministro intragável, e o nome mais provável é justamente o de Bardella.

Com sede em Estrasburgo, na França, o Parlamento Europeu abriga políticos de todos os matizes, reunidos em blo-

cos que brigam, esperneiam, mas no fim se acomodam e aprovam as decisões da Comissão Europeia, o órgão executivo da UE. Nestas eleições, a coalizão Partido Popular Europeu (PPE), de centro-direita (na nova conjuntura, mais centro do que direita), continuou majoritária, arrebanhando 189 das 720 cadeiras. Unindo-se à Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas (S&D), que ficou em segundo, e a outras legendas menores, o PPE continuará tendo maioria de cerca de 400 deputados. Parece confortável, mas não é. Impulsionada pela conquista de um quarto do Parlamento e do primeiro ou segundo lugar em nove países (*veja o mapa)*, a direita radical certamente vai buscar impor sua voz.

Esse extremo do leque político está representado em dois blocos que, por enquanto, não se bicam, mas já falam em se unir: o Identidade e Democracia (ID), que ganhou 58 cadeiras, e o Conservadores e Reformistas Europeus (ECR), que obteve 73. O primeiro é comandado pela francesa Le Pen, e o segundo, pela primeira-ministra italiana Giorgia Meloni — o que instala duas mulheres na linha de frente da virada à direita da Europa.

Le Pen é velha conhecida dos eleitores, mas com roupagem renovada: varreu para debaixo do tapete assuntos desagradáveis, como o antissemitismo e o encanto por Vladimir Putin, e, em um golpe de mestre, convocou o jovem Bardella, ele próprio filho de imigrantes italianos (assimilados pela cultura francesa, o que, segundo ele, faz toda a diferença), para ser a cara nova do partido. A

CHESNOT/GETTY IMAGES

FILIPPO MONTEFORTE/AFP

TRIUNFO A francesa Le Pen e a italiana Meloni *(à dir.)*: duas mulheres no comando da virada direitista europeia

italiana Meloni, ao contrário, é uma nova estrela em plena ascensão. Habilidosa e pragmática, firmemente pró-Ucrânia, aproximou-se de Ursula von der Leyen, presidente da poderosa Comissão Europeia, e se solidificou no comando de um país que parecia ingovernável — seu partido, o neofascista Irmãos da Itália (hoje devidamente domado pelas circunstâncias), fez a maioria dos deputados italianos no Parlamento Europeu. Missão cumprida, Meloni se prepara para brilhar no palco do G7, com reunião marcada para 13 a 15 de junho em Borgo Egnazia, um resort de luxo no salto da bota italiana. “O futuro da Europa está nas mãos dessas mulheres”, diz Kai Enno Lehmann, professor de relações internacionais da USP.

Sacudida, ela também, pelos ventos direitistas, a Alemanha viu a ultrarradical Alternativa para a Alemanha (AfD) conquistar 15% dos votos e se tornar a segunda maior banca-

da alemã no Parlamento Europeu. A AfD é acompanhada de perto pela polícia alemã, por seu extremismo e relativização do regime nazista, e recentemente foi removida do bloco de Le Pen no Parlamento Europeu quando um de seus deputados declarou que a SS, a polícia de Hitler, não era "necessariamente criminosa". Por mais que procure se afastar desse tipo de barbaridade e embalar a xenofobia em uma aura de nacionalismo e antiviolência, a ultradireita repaginada de Le Pen, Meloni e companhia continua sendo ultradireita — aquela que cultua a pátria e a "família cristã", quer proibir o aborto e persegue homossexuais, entre outros retrocessos.

A opção pela direita radical na Europa tem como combustível mais inflamável a crise migratória, problema que se amplifica nas redes sociais, atiçando o sentimento contra, principalmente, muçulmanos vindos do norte da África e do Oriente Médio. "Nossa civilização pode morrer porque será afogada por imigrantes que vão mudar irreversivelmente nossos costumes, nossa cultura e nosso modo de vida", proclamou o francês Bardella em campanha. Mas também contribuem para a insatisfação do eleitorado as novas regulamentações para combater a crise climática, que exige mudanças drásticas na agricultura, e a falta de oportunidades. A Europa não cresce com vigor há mais de uma década e foi ultrapassada pela China, pelos Estados Unidos e por nações emergentes na acirrada briga pelos mercados globais.

Na virada do século XXI, época de ouro da União Europeia, as fronteiras entre os países foram extintas, o euro

DPA/GETTY IMAGES

"FECHEM AS FRONTEIRAS" Comício da AfD alemã: cartaz contra imigração

nasceu como moeda forte a integrar as economias do bloco e 300 das 1 000 maiores empresas do planeta tinham sede lá. Hoje, o cenário é melancolicamente diferente. O continente vai mal em vários indicadores, incluindo investimentos, pesquisa e produtividade. Relatório elaborado por Enrico Letta, ex-primeiro-ministro da Itália, mostra que há excesso de burocracia, um mercado financeiro fragmentado e empresas pouco competitivas. Além disso, a baixíssima taxa de natalidade fará com que a população comece a cair em breve, encolhendo a força de trabalho. "A inflação elevada nos últimos anos e a recessão durante a pandemia pioraram uma frustração que já era latente", afirma Fredrik Erixon, do Centro de Política Econômica Internacional. Na eleição do Parlamento Europeu, o descontentamento deu seu recado: ou os governos se mexem ou, logo, logo, a Europa terá outra cara. ■

VALMIR MORATELLI

ERA UMA VEZ EM ROLIÚDE

Ao não ter seu contrato renovado com a Globo, em 2022, **ISIS VALVERDE,** 37 anos, resolveu apostar suas fichas na carreira internacional. Isso posto, mudou-se para Los Angeles, matriculou-se no curso da preparadora de elenco Ivana Chubbuck e passou a fazer de tudo para chamar a atenção da mestra. "Mandei tantas mensagens que ela me ligou, perguntando por que eu a perseguia", recorda a *stalker* Isis. Até agora, o único resultado da investida foi um papel em *Alarum,* novo filme de ação de Sylvester Stallone, previsto para estrear em dezembro. Sem novos convites em Hollywood, a atriz voltou ao Brasil e esteve em Cabaceiras, no interior da Paraíba – a "Roliúde nordestina" –, rodando *Maria Bonita*, série do Star+. Mas funciona uma mineira interpretando a famosa jagunça? "Há muitas Marias no Brasil", responde.

INSTAGRAM @ISISVALVERDE

BARRIGAS EM CAMPO

SAMIR HUSSEIN/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

Tentando passar um ar de normalidade em casa, onde Kate continua em tratamento contra um câncer, o **PRÍNCIPE WILLIAM,** 41 anos, em visita ao centro de treinamento da seleção inglesa às vésperas do início da Eurocopa, compartilhou com os jogadores uma conversa que teve com os filhos no carro, a caminho da escola. “Perguntei o que deveria dizer a vocês”, contou. A melhor resposta, como era de se esperar, veio do caçula espevitado, Louis, 6 anos: “Diga para comerem o dobro do normal”. William emendou o relato com uma piada adequada a sorrisos amarelos: “Imaginei vocês correndo pelo campo com barrigas enormes”. O atacante Harry Kane, 30, entrou na brincadeira: “Nosso nutricionista não ficou muito feliz com esse conselho”.

MENOR AO VOLANTE

Dando um tempo dos ruidosos comentários das redes sociais, nas quais defende com gosto – e, segundo desafetos, interesses inconfessáveis – a PEC 3/22, conhecida como a da "privatização das praias", **NEYMAR JR.,** 32 anos, batizou na basílica de Cotia, no interior de São Paulo, a filha **MAVIE** (pronuncia-se Maví), de 8 meses, fruto da relação com a influenciadora **BRUNA BIANCARDI,** 30. Assistiram ao ato religioso familiares dos dois lados, mas não a irmã do jogador, Rafaella, que alegou "compromissos profissionais" e passou o dia postando fotos em uma praia do Rio – comenta-se que ela e Bruna não se dão. De presente do papai, Mavie ganhou uma mini-Lamborghini elétrica avaliada em 5 000 reais, que pode chegar a 5 quilômetros por hora e é indicada para crianças a partir dos 3 anos. "Tá feliz com o carro novo", postou o atacante.

INSTAGRAM @NEYMARJR

INSTAGRAM @NEYMARJR

TUDO PELO DIÁLOGO

Prestes a completar três anos à frente do *Domingão,* em setembro, **LUCIANO HUCK,** 52 anos, consolida o estilo "entretenimento social" em quadros que misturam merchandising com histórias tristíssimas e desfecho de superação. Parece populismo, mas, segundo ele, não é. "Quando você chega à Faria Lima, é um universo que não existe no dia a dia. Tudo o que puder fazer para abrir portas ao diálogo entre o Brasil com s e o Brazil com z, que é o do capital, eu farei", promete Huck, em referência à Avenida Brigadeiro Faria Lima, em São Paulo, via que concentra a sede de gigantes da indústria e do mercado financeiro — entre eles, um banco no qual o apresentador se capitaliza como garoto-propaganda. Cargo político, por ora, nem pensar.

PATRICIA MONTEIRO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

AÇÃO EM FAMÍLIA

OLGA MALTSEVA/AFP

GETTY IMAGES

Raramente vistas em público, as duas filhas de Vladimir Putin, 71 anos, **KATERINA TIKHONOVA** e **MARIA VORONTSOVA** (das quais nem sequer se sabe a idade, supondo-se que estejam na casa dos 30, por aí), discursaram em painéis do desidratado Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo. As duas, que não usam redes sociais nem costumam dar entrevistas, e nunca aparecem juntas, são fruto do casamento de Putin com Lyudmila Putina, 66, de quem ele se divorciou em 2013, e atuam na área científica. Maria, endocrinologista, discorreu ao vivo sobre biotecnologia. Katerina, executiva de tecnologia com contratos no Ministério da Defesa, derramou, por videoconferência, profusos elogios ao complexo militar-industrial do país. Ambas são suspeitas de facilitar a lavagem de dinheiro do pai e, enredadas nas sanções contra a Rússia, estão com as contas no exterior bloqueadas. ■

TERRA DE NINGUÉM

O caso Marielle trouxe à luz a crescente ocupação irregular de nacos do Rio pelas milícias, que praticam a grilagem, ocupando vastos terrenos na base do medo e sob a conivência de esferas públicas

SOFIA CERQUEIRA

MÁRCIA FOLETTO/AGÊNCIA O GLOBO

MOEDA DE TROCA Jacarepaguá, Zona Oeste carioca: a imensa área seria o pagamento pelo assassinato de Marielle

Cunhado em meados do século XIX, o vocábulo grilagem encontra suas raízes numa antiga prática de armazenar documentos falsificados em uma caixa com a presença de grilos. A papelada era então corroída e se revestia de aparência envelhecida, ilegível, passando por verdadeira. Um truque para driblar a lei — nesse caso, em relação à usurpação de terras alheias, crime muito comum no Brasil desde os primórdios coloniais. Em nenhum outro lugar do país, porém, essa praga se dissemina hoje de forma tão escancarada, em flagrante deboche ao poder público, como no Rio de Janeiro, onde o motor da bandalha são as milícias, grupos cada vez mais articulados e poderosos. Sua área de atuação preferencial fica no entorno da Barra da Tijuca, na Zona Oeste, bairro da classe média que, junto a outros da região, compõe um vasto território onde os marginais dão as cartas, não raro com a conivência de autoridades, mantendo a população à sombra do medo.

O assunto voltou aos holofotes nacionais com as sórdidas revelações sobre o assassinato de Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes — de acordo com o relatório da Polícia Federal, foi justamente a ação da vereadora para barrar um projeto que frearia a grilagem em áreas sob a atuação dos acusados, os irmãos Chiquinho e Domingos Brazão (deputado federal e conselheiro do Tribunal de Contas do estado, respectivamente), que os teria levado a encomendar sua morte. O texto foi aprovado. Em delação premiada, o ex-policial militar Ronnie Lessa, o assassino confesso, relata que uma

generosa extensão de terra naquela vizinhança, sobre a qual os Brazão pretendiam avançar ilegalmente, foi oferecida a ele como pagamento pelo crime — algo que renderia lucro de “uns 100 milhões de reais”. VEJA visitou as imediações, um terreno vigiado por homens armados que pararam a reportagem, justificando: “Os caras observam tudo e mandaram perguntar o que vocês estão fazendo aqui”. Foi a senha para dar meia-volta e ir embora.

Um mergulho na delação do executor da barbárie contra Marielle ajuda a entender os labirintos da grilagem, que envolvem instituições variadas e a ousadia de quem nada teme. A primeira providência dos marginais é limpar a área que está na mira e cercar o terreno o quanto antes. Em geral, são terras particulares ou devolutas, estas últimas do governo — ambas sem uso. Aí entra em cena uma bem azeitada engrenagem, que envolve um topógrafo para avaliar as condições do solo e despachantes

SOFIA CERQUEIRA

SEM MEDO DA LEI Muzema: a associação de moradores é que oficializa tudo

com esquema em cartórios, de onde a documentação falsa sai com timbres e carimbos. Nada que demore mais do que quinze dias após a invasão, informa Lessa. As investigações conduzidas sustentam que, em algumas das transações, agentes do próprio município são consultados pelos bandidos sobre o status da propriedade, e as quadrilhas se valem de laranjas para tocar a operação, colocando como donos gente humilde para acobertar o negócio. Essa seria, inclusive, uma das táticas empregadas pelos Brazão em sua atividade grileira, conforme denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR).

A estratégia básica nesse nicho da criminalidade, tocado a toda pelos milicianos, é recrutar pessoal para ocupar terrenos e, mais tarde, reivindicar a posse e pôr o edifício de pé

em tempo recorde — a média para tudo ficar pronto é de quatro meses, um terço do que leva uma construção regular, daí a notória fragilidade das estruturas. Apenas nos últimos três anos, um serviço especializado da prefeitura carioca recebeu cerca de 1 500 denúncias de ocupações ilegais e obras sem licença. "Ao atacar essa atividade, sabemos que estamos asfixiando uma parte financeira vital dessas organizações, que têm no mercado imobiliário valiosa fonte de renda", afirma Brenno Carnevale, secretário municipal de Ordem Pública do Rio. Desde 2021, foram 3 500 demolições — 70% delas em áreas sob o jugo da bandidagem, o que dá os contornos do quão avançada ela está. O prejuízo estimado para o caixa das quadrilhas é de algo como meio bilhão de reais.

Investigações mostram que essas facções usam de criatividade para atuar à margem da lei, como se observou ao lado de uma comunidade da Zona Oeste, onde a solução da milícia local para evitar a demolição de um edifício desabitado (portanto, passível de demolição sem autorização judicial) foi repousar um par de sapatos sobre um tapete acomodado na porta, instalar cortinas nas janelas e pendurar roupas na varanda. Detalhe: por dentro, o imóvel de três andares ainda estava no esqueleto, conforme revelam as imagens cedidas pelo MP *(veja ao lado)*. "O crescimento dessas ocupações levou o MPRJ a criar uma força-tarefa para não só atuar no combate, como fazer um trabalho preventivo e municiar as investigações", conta Fabio Corrêa, coordenador do Grupo de Atuação Especializada no Combate ao Crime Organizado (Gaeco), do MP do Rio.

MINISTÉRIO PÚBLICO

GOLPE DA FACHADA Construção irregular: roupas na varanda *(acima)* escondem o interior ainda em obras

MINISTÉRIO PÚBLICO

Em uma visita à Muzema, território da região onde a milícia fatura alto com uma profusão de construções em áreas griladas, a reportagem verificou que apartamentos ilegais são vendidos com a intermediação da própria associação de moradores. Um corretor ligado à quadrilha explicou a VEJA que é a entidade que concede um “certificado de propriedade” ao morador. O lucro se multiplica ainda com aluguéis, administração e cobrança de um “imposto” quando o dono resolve repassar o imóvel. “Não há dúvidas de que esses esquemas se proliferam com a conivência de políticos, que trocam facilidades de olho em futuros votos na região”, enfatiza o sociólogo José Cláudio Alves.

Na Câmara de Vereadores, a grilagem ganha impulso por meio de um dispositivo legal que transforma loteamentos em Áreas Especiais de Interesse Social (Aeis). O mecanismo, criado com o louvável propósito de atender aos mais pobres, acaba por ter seu fim desvirtuado. “Todo mundo aqui tem pânico de votar contra as Aeis e sofrer retaliações”, diz um parlamentar, que pediu anonimato. Desde a criação do instrumento, três décadas atrás, foram aprovadas mais de 1 000 Aeis, a imensa maioria em territórios onde o crime manda e desmanda. “É fundamental haver uma metodologia rigorosa para acompanhar esses projetos”, alerta a vereadora Tainá de Paula, do PT. Por duas vezes, Chiquinho Brazão propôs, com sucesso, a criação de tais áreas — ambas na Zona Oeste.

Um dado que confere contornos ao nó fundiário do Rio são as denúncias contra loteamentos e obras ilegais, uma mé-

dia de duas por dia nos últimos cinco anos — entre as mais recorrentes do Disque Denúncia, segundo recente levantamento. “O poder público não consegue responder na velocidade com que o crime organizado age. É preciso ganhar agilidade e dispor de leis menos permissivas”, afirma o antropólogo Paulo Storani, ex-capitão do Bope, o batalhão de elite fluminense. O setor imobiliário abre um vasto leque de negócios aos milicianos, grupos paramilitares que, num passado não tão distante assim, eram vistos como provedores de segurança em locais que o poder público deixava desguarnecidos. Nos territórios que mantêm sob suas garras, cobram taxas de serviços básicos, como gás e “gatonet”, montam redes de transporte irregular e obrigam os comerciantes a lhes pagar um percentual para poder trabalhar.

MARIO VASCONCELLOS/CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO/AFP

CONTRA A BANDALHA
Marielle: tentativa de frear o esquema da grilagem

Dos anos de 1980 para cá, essas organizações não pararam de crescer. De acordo com o Mapa dos Grupos Armados do Rio, feito pela Universidade Federal Fluminense em parceria com o Instituto Fogo Cruzado, são as milícias que encabeçam a expansão criminosa no Rio, à frente do tráfico. Um avanço que se traduz em números apavorantes: essas quadri-

MARCELO THEOBALD/AGÊNCIA O GLOBO

ASSASSINO CONFESSO Lessa: crime cometido de olho na chance de liderar sua própria milícia

lhas têm atuação em 25% dos bairros cariocas, imensas áreas que funcionam à margem da lei e já respondem por 58,5% da extensão da cidade, porção onde vivem 2,5 milhões de habitantes. “A grilagem se mostrou um negócio central para esses bandidos, que têm no domínio territorial a base para suas atividades”, observa o sociólogo Daniel Hirata, coordenador do estudo. Foi o que certamente atraiu Lessa, que se converteria em líder de milícia (já tinha até pensado no nome, Medellín) e garantiria aos Brazão um profícuo reduto eleitoral, segundo as investigações. “Fui chamado para uma sociedade”, resumiu o assassino de Marielle. Um escracho . lei que, se não for combatido, continuará a espalhar o terror e ceifar vidas. ■

PICADA DE ESPERANÇA

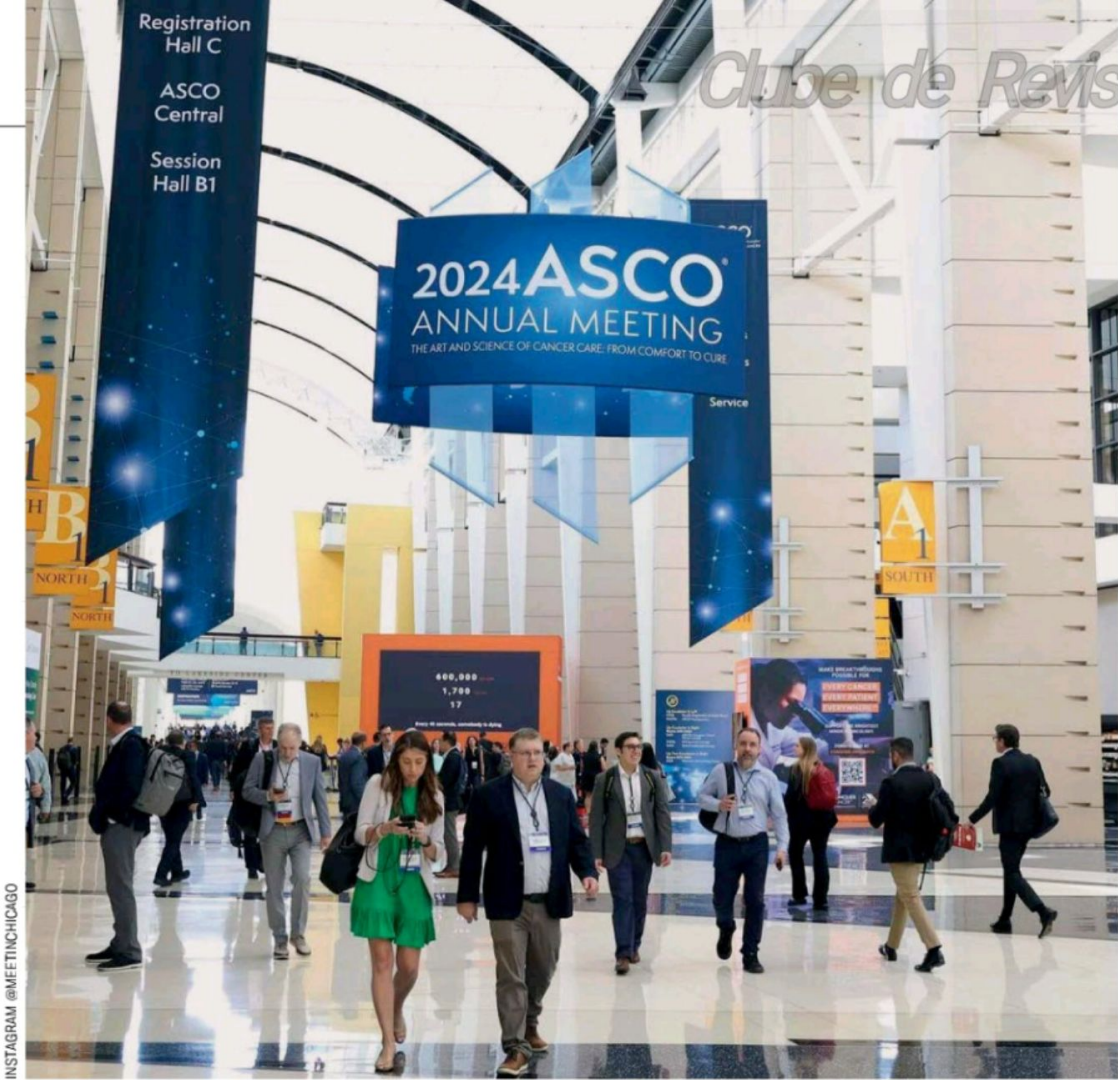
Depois de ajudarem o mundo a conter o vírus da covid-19, as vacinas de RNA mensageiro alçam novos voos e se mostram promissoras no tratamento do câncer **PAULA FELIX**

PROTEÇÃO PERSONALIZADA Prova de conceito: vacina terapêutica evitou volta da doença e aumentou taxa de sobrevida

ISTOCK/GETTY IMAGES

É COMO SE FOSSE um retorno às origens. Anos antes de a humanidade se tornar refém de um patógeno avassalador e letal, com a pandemia de covid-19, cientistas quebravam a cabeça em uma tecnologia capaz de atacar tumores de um modo inédito: enviando instruções genéticas precisas ao sistema imunológico para despertar uma reação do corpo à doença. Eis que o coronavírus pegou o planeta de surpresa e pesquisadores sagazes tiveram uma ideia: por que não adaptar esse método a uma vacina contra o micróbio? Testada e aprovada, a solução baseada no chamado RNA mensageiro vingou. O resto é história, e as duas mentes por trás dos avanços críticos para o projeto sair do papel ganharam o Nobel de Medicina em 2023. Agora, com a pandemia sob controle, a ferramenta voltou à sua proposta original de combater um dos males mais temidos, o câncer.

Na última semana, durante a reunião anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (Asco, na sigla em inglês), o maior evento do mundo a debater inovações nessa área da medicina, estudos clínicos apontaram os benefícios da abordagem para deter o melanoma, o mais agressivo câncer de pele, e o tumor colorretal, enfermidade em ascensão, inclusive entre pacientes jovens. A proposta das vacinas em sua vertente terapêutica é ousada e segue a mesma linha de raciocínio dos imunizantes contra infecções: ativar a produção de anticorpos, desta vez contra as células cancerosas.

O diferencial é que o produto apresenta uma cópia sintética do tumor do próprio paciente ao organismo, tornando-

INSTAGRAM @MEETINCHICAGO

INTERESSE GLOBAL Asco: imunoterapia foi destaque no maior evento da área

se um tratamento altamente personalizado. Em combinação com a imunoterapia mais tradicional, a inovação propiciou resultados potencializados. Isso foi demonstrado, em sessão da Asco, em uma pesquisa com dados de três anos de pacientes com melanoma de alto risco que receberam uma vacina terapêutica da Moderna junto com um imunoterápico. O risco de recorrência ou morte dos pacientes foi reduzido em 49%, e o de metástase (quando a doença se espalha), em 62%. Além disso, a taxa de sobrevivência sem retorno dos tumores foi de quase 75% em dois anos e meio. “Parece fic-

ção científica, mas é muito bom ver que já temos a capacidade de bioengenharia para produzir algo assim", diz o oncogeneticista Bernardo Garicochea, da Oncoclínicas&Co.

A vantagem da tecnologia é que ela vai além do tratamento para o tumor em atividade, como fazem os métodos mais convencionais e conhecidos, caso da químio e da radioterapia. "As vacinas podem se posicionar não só no cenário das doenças ativas, mas gerar resposta imunológica prolongada para o paciente resistir à volta da doença", afirma o oncologista Pedro Uson, do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. Outros benefícios são a aplicação, que pode ser diretamente na lesão ou pela veia, além da duração das doses dentro do corpo. "Os produtos de RNA mensageiro têm proteção contra proteínas que podem degradar seus componentes."

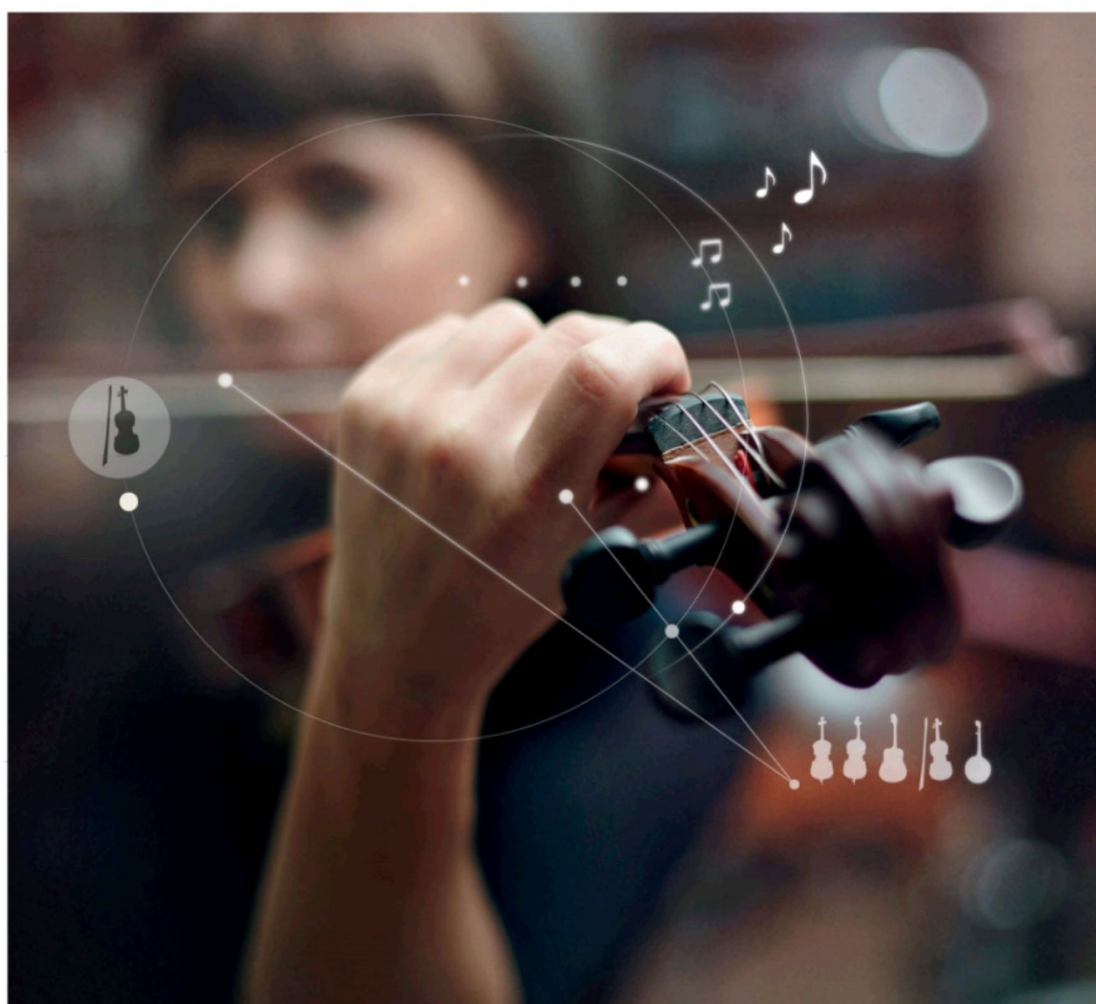
Foi nessa linha de evitar as recidivas de um câncer que se concentraram os testes com a fórmula da BioNTech focada em tumores colorretais. Após uma cirurgia para remoção de 30 centímetros do intestino grosso e sessões de quimioterapia, o professor britânico Elliot Pfebve, de 55 anos, foi o primeiro paciente a receber o tratamento experimental para evitar que a doença se manifeste novamente. Parecendo confiante, nas fotos que registraram sua sessão dentro do estudo, Pfebve faz parte de um projeto encabeçado pelo sistema público de saúde do Reino Unido que prevê a participação de 10 000 pacientes até 2030 em uma plataforma para o desenvolvimento de vacinas contra o câncer.

UNIVERSITY HOSPITALS BIRMINGHAM NHS

CONFIANÇA Elliot Pfebve: primeiro a receber vacina contra tumor no intestino

Pelo mundo, ensaios clínicos em diferentes fases desbravam a possibilidade de aplicação da tecnologia em lesões malignas no pâncreas, no fígado, na mama, na garganta e até no sistema nervoso central. Há desafios à vista, como a correta identificação dos pacientes aptos a se beneficiar do método. Também será necessário descobrir o número adequado de doses e o período de proteção delas. O tempo para produção dos componentes individualizados e o custo da terapia também entram no pacote das limitações. São etapas a ser vencidas na batalha contra um mal que ainda sabe se livrar das algemas da medicina. De volta para sua missão inicial, as vacinas de RNA sugerem que haverá menos chances de um tumor escapar. ■

NO COMPASSO DA EVOLUÇÃO

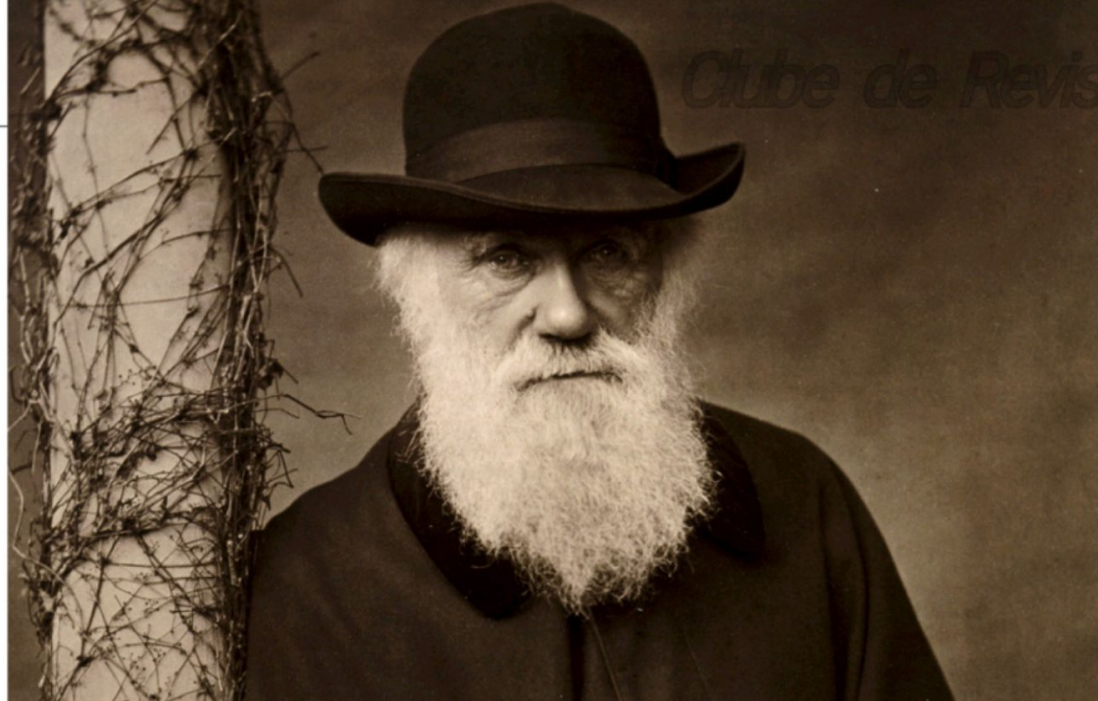
Uma questão que agita pensadores de todos os tempos é por que humanos são tão afeitos à música. Uma nova pesquisa diz que isso tem tudo a ver com a sobrevivência **AMANDA PÉCHY**

VLADIMIR SEROV/TETRA IMAGES/GETTY IMAGES

PARA A ALMA O violino numa orquestra: a música extrapola a linguagem convencional e traduz o estado de espírito

ENVOLTO EM QUESTÕES filosóficas maiúsculas — o mundo é finito?, Deus existe? —, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) acrescentou mais uma ao rol das perguntas que o atormentavam intelectualmente. "Como a música, constituindo-se apenas de sons, consegue traduzir tão bem os estados da alma humana?", indagava o grego, diante de uma percepção universal, a de que os humanos não apenas produzem melodias de rara sensibilidade, mas deleitam-se em ouvi-las. Vários giros da Terra depois, Charles Darwin (1809-1882) já havia incendiado o pensamento ocidental com sua teoria da seleção natural quando se pôs a refletir sobre como a musicalidade teria ligação com a evolução humana. "Essa é uma das mais misteriosas capacidades dos *sapiens*", dizia ele, que observava como os ritmos, desde tempos ancestrais, "despertavam paixões ardentes" — o que sugeria ser mais um fator em prol da sobrevivência.

Bem-vindo a um tópico que causa constante ebulição entre os cientistas, sempre rachados sobre o tema. Para uma ala relevante, a música seria um fenômeno unicamente cultural, portanto, assimilado em sociedade — um pensamento que ganha eco na obra do célebre linguista Steven Pinker, professor da Universidade Harvard. "A música é uma tecnologia, não uma adaptação", pontificou Pinker, elevando a fervura de um debate que acaba de dar um relevante passo adiante.

Uma vasta pesquisa, recém-publicada no periódico *Science Advances*, fez um contundente aceno à hipótese darwiniana. Depois de dissecar canções de 55 etnias tão

ENGLISH HERITAGE/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

PIONEIRO Darwin: para ele, as melodias estimulavam a atração sexual

distintas quanto árabe, basca, cherokee, maori e iorubá, quase uma centena de especialistas de 46 países (o Brasil incluído) constataram impressionantes padrões em comum entre elas, o que lhes forneceu base para apoiar a linha evolutiva. "A metódica análise mostra que estamos diante de uma linguagem universal, inerente à espécie", falou a VEJA Yuto Ozaki, da universidade japonesa de Keio, que liderou o projeto. A equipe, composta por musicólogos, psicólogos, linguistas e biólogos, investigou itens bem específicos ao escutar pessoas cantando — alcance de graves e agudos, timbre, andamento e até a quantidade de notas com diferentes frequências contidas em um só som. Foi tudo de ouvido, já que os computadores ainda não são capazes de captar nuances de tal natureza. Conclusão: a música é como um idioma global, um esperanto de variados sotaques, uma ferramenta vital para a própria existência.

No século XIX, quando cutucava o tópico, Darwin trouxe à luz novos ângulos que já sustentavam suas ideias. Em *A Descendência do Homem e a Seleção em Relação ao Sexo*, de 1871, ele afirmava que muitas das características animais eram esculpidas no curso da evolução para dar uma mãozinha ao acasalamento, perpetuando as espécies. Citou, por exemplo, a cauda do pavão e, no caso do *Homo sapiens*, a música, justamente por sua singular capacidade de impulsionar a atração sexual. Outra linha de raciocínio que sacudiu a academia foi a de que o ato de cantar contribuiria para a união do bando, gerando vínculos sociais que teriam ajudado tribos pré-históricas a vingar. "É por sua habilidade para a cooperação com um número incontável de estranhos que os humanos dominam o mundo", registrou o historiador Yuval Harari, em *Sapiens: uma Breve História da Humanidade*.

Algumas cabeças mobilizadas em torno da discussão defendem que a predisposição à música seria ainda fruto de uma evolução acidental, uma espécie de efeito colateral da luta humana pela sobrevivência. Uma pesquisa publicada na *Nature* lembra que homens e mulheres apreciam fenômenos que se repetem sob padrões conhecidos. Quando a espécie começou a associar certos sons e cheiros ao perigo, deixou de perecer por causas banais, um tremendo alívio. Como a música tem uma progressão lógica de notas, acordes e andamento, também se torna possível antecipar melodias — o que traz o mesmo tipo de segurança e con-

forto. Segundo uma corrente, é por isso que, ao escutar uma bela canção, o cérebro libera dopamina, hormônio ligado à felicidade. Quanto mais ela emociona, maior será a produção da substância, que acaba por desencadear um ciclo virtuoso desejável à reprodução. “A dopamina, afinal, estimula as pessoas a ir atrás de parceiros”, diz o psicólogo americano Geoffrey Miller, da Universidade do Novo México, nos Estados Unidos.

Uma pergunta que até hoje agita as rodas acadêmicas é por que apenas os humanos produzem harmonias de alta complexidade (nem mesmo os pássaros têm esse dom). Uma teoria é que a música se presta à necessidade do *Homo sapiens* de passar aos outros algo que a linguagem convencional não traduz — um estado de espírito. Ao alcançar esse degrau, a possibilidade de trocas de afeto se amplia. “A música é também um ingrediente do amor”, analisa a bióloga evolucionista Suzanne Sadedin. O elo amoroso, aliás, é outro relevante laço firmado ao longo da estrada da evolução. Do ponto de vista darwinista, a vida a dois elevou as chances de sobrevivência em meio aos inóspitos cenários de outras eras, uma vez que um protegia o outro. Mesmo distante da efervescência do debate de cunho científico, William Shakespeare (1564-1616) já ia ao coração do problema, ao sugerir: “Se a música é o alimento do amor, continue tocando”. E evoluindo. ■

A GRANDE FAMÍLIA

Após a extinção dos dinossauros, os mamíferos dominaram o planeta — uma odisseia retratada em um novo livro com inúmeros percalços e lições do passado para o futuro **DIOGO SPONCHIATO**

ERA DO GELO Mamutes-lanudos: pesando até 8 toneladas, viveram no último período glacial, há cerca de 10 000 anos

SHUTTERSTOCK

PARECEM CRIATURAS e paisagens extraídas de um filme de fantasia, mas são cenas reconstruídas por um cientista em cima de um farto trabalho de campo e laboratório com fósseis de milhões de anos. Ao rebobinar o fio da história, o paleontólogo americano Steve Brusatte revela, em *Ascensão e Reinado dos Mamíferos* (Editora Record), a jornada de aventuras, turbulências e êxitos pela qual passou essa extensa e diversificada classe de animais. Numa narrativa didática e repleta de descrições vivas e minuciosas, o leitor acompanha a longa trajetória evolutiva que permitiu ao grupo que reúne desde elefantes e baleias até homens e morcegos crescer, aparecer e prosperar, deixando pelo caminho incontáveis espécies extintas. "Eu acredito que mamutes-lanudos e tigres-dentes-de-sabre são quase tão icônicos e famosos quanto qualquer dinossauro", diz o autor, fazendo referência a dois célebres personagens que um dia habitaram o globo.

Professor da Universidade de Edimburgo, na Escócia, e consultor da franquia *Jurassic World,* Brusatte tem o talento narrativo e a habilidade de descomplicar uma aula de anatomia, geologia e paleontologia. Roda um filme que começa há 325 milhões de anos com bichos escamosos que foram o último ancestral em comum entre mamíferos e répteis. A partir dos chamados protomamíferos — uma categoria que abrange criaturas espinhudas que mais evocam dinossauros —, o relógio da evolução acompanhou as mudanças no clima e na face da Terra, consolidando as

DIVULGAÇÃO

O AUTOR Brusatte com um crânio de dentes-de-sabre: saga recontada

características notáveis dos *Mammalia*, caso da cobertura de pelos e do aleitamento materno. Mas o grande marco viria a ocorrer 66 milhões de anos atrás, com a queda do asteroide que dizimou tiranossauros rex, triceratopes e outros sáurios. Pequenos mamíferos que lembravam roedores, mais hábeis a se esconder dos cataclismos e com menos massa para regular a temperatura corporal diante dos extremos, sobreviveram às feras assombrosas no novo e árduo mundo que se instaurou.

Sem dinossauros à vista, a grande família se expandiu em todos os sentidos — por terra e mar. Com o tempo, os animais ficaram maiores, no topo da cadeia alimentar, e

FOTOS STEVE BRUSATTE/UNIVERSITY OF EDINBURGH; SARAH SHELLEY/UNIVERSITY OF EDINBURGH

PEQUENO NOTÁVEL
O "castor primordial": fósseis e reconstrução de mamífero que sobreviveu aos dinos

dominaram os ecossistemas. Com o resfriamento do planeta, a Era do Gelo de milhares de anos atrás passaria a abrigar criaturas hoje lendárias, que, mais recentemente no cronômetro histórico, até chegaram a conviver com os antepassados do homem — para o azar delas. "Quando mamutes e dentes-de-sabre vagavam pela terra, também existiram outros mamíferos gigantes: rinocerontes peludos, castores do tamanho de humanos, veados com chifres maiores que uma mesa de jantar, tatus do tamanho de um Fusca", descreve Brusatte, particularmente fascinado pelas preguiças de 3 metros que se arrastaram pelas Américas. A elevação da temperatura global por causas naturais e a atividade

SCIEPRO/SPL/GETTY IMAGES

COLOSSO Baleia-azul: com até 30 metros e 180 toneladas, a maior criatura da história

humana, porém, levariam muitos desses seres ao desaparecimento. O fato é que, durante uma importante janela de tempo, os mamíferos tiveram a oportunidade de se adaptar, se diversificar e se consolidar. Um símbolo majestoso disso ainda hoje nada pelo oceano — apesar da ameaça de extinção. É a baleia-azul, que, com suas 180 toneladas e 30 metros de comprimento, é o maior animal de todos os tempos, sobrepujando inclusive os dinossauros pescoçudos.

A epopeia traçada por Brusatte também oferece aprendizados para o presente e vislumbres para o futuro. "O aquecimento global não é algo novo. Já aconteceu outras vezes, só que por razões diferentes, como a erupção de vulcões, não

pelos seres humanos emitindo gases do efeito estufa", afirma o cientista. No livro, ele conta como esse fenômeno propiciou que muitos mamíferos encolhessem a fim de sobreviver às intempéries. "Animais menores dissipam o calor com mais facilidade."

Com as calotas polares derretendo e a destruição dos hábitats, há boas chances de essas cenas se repetirem. "Como paleontólogo, me sinto mais confortável olhando para o passado do que prevendo o futuro", diz. "Mas, ao rever a longa história da Terra, podemos ver como os animais responderam às mudanças climáticas e tentar compreender o que virá." A VEJA Brusatte descreve o que imagina para dentro de 1 000 anos, mesclando toques de pessimismo e otimismo: "Vejo um mundo muito mais quente, que passou por turbulências, mas é resiliente. Algumas espécies morreram, como ursos-polares, elefantes e rinocerontes. E outras se adaptaram, tornando-se menores. Os humanos também estão lá, utilizando novas fontes de energia que não destroem o planeta". Tomara. ■

ASCENSÃO E REINADO DOS MAMÍFEROS,
de Steve Brusatte (tradução de Alessandra Bonrruquer; Editora Record; 462 páginas; 89,90 reais)

TRANQUILIDADE Cathay Pacific: cama, pijama e banho

LUXO NAS NUVENS

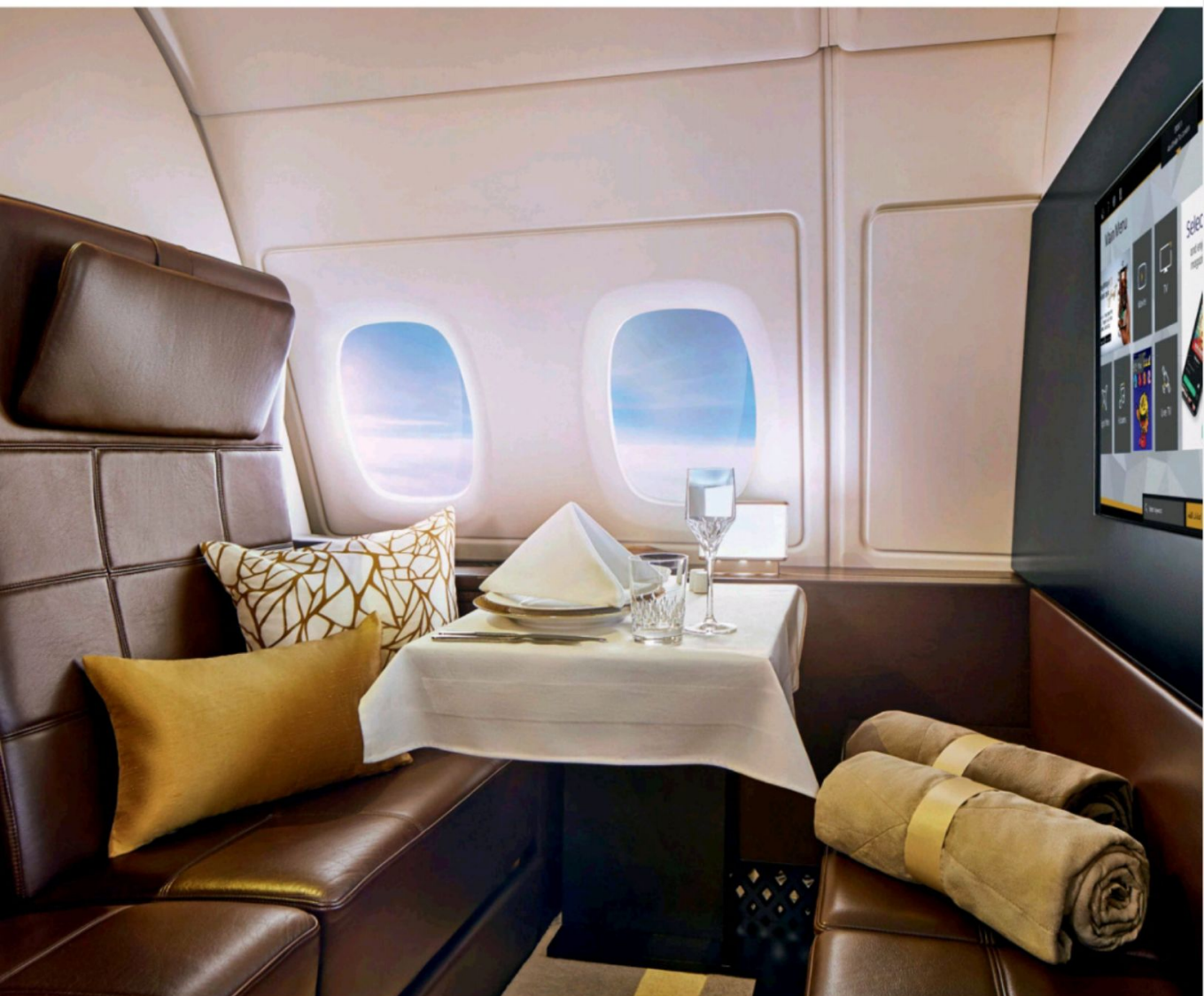
Depois de um tempo de austeridade, da reclusão imposta pela pandemia, a primeira classe das viagens internacionais está de volta, com design adequado a aeronaves mais delgadas **VALÉRIA FRANÇA**

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

APARTAMENTO Sala vip da Air France, em Paris: suítes para quatro pessoas

poltronas reclináveis, com champanhe e caviar. A primeira classe vive um novo momento.

As companhias asiáticas lideram a toada. As europeias seguem a trilha. A Qatar, com novo CEO, acaba de anunciar o desenvolvimento de instalações refinadas. A Cathay Pacific, de Hong Kong, oferece uma cama com pijama e banho. A Etihad, dos Emirados Árabes, bate bumbo para um espaço a bordo chamado The Residence, suíte com três quartos no superjumbo A380 da Airbus que faz o circuito Abu Dha-

CONFORTO Cabine da Etihad: a mais luxuosa disponível hoje

COMO O TEMPO VOA, não demorou para que a primeira classe em travessias de avião ficasse para trás — resultado de cálculo econômico (já não valia a pena), aperfeiçoamento da ergonomia em assentos executivos e, também, de um pouco de cuidado com o exagero em mundo tão desigual. A pandemia acelerou o processo, e adeus ao luxo. Há agora, depois de tanta reclusão, um interessante movimento de retomada das

DIVULGAÇÃO

bi, Nova York, Londres e Paris. O preço: 24 000 dólares, o equivalente a pouco mais de 128 000 reais por pessoa. Há sala de estar, enxoval assinado pela grife Giorgio Armani e um arsenal de requintes e mimos oferecidos aqui embaixo, na Terra.

DOUGLAS MILLER/KEYSTONE/GETTY IMAGES

POMPA Voar nos anos 1960: poltrona reclinável e menu caprichado

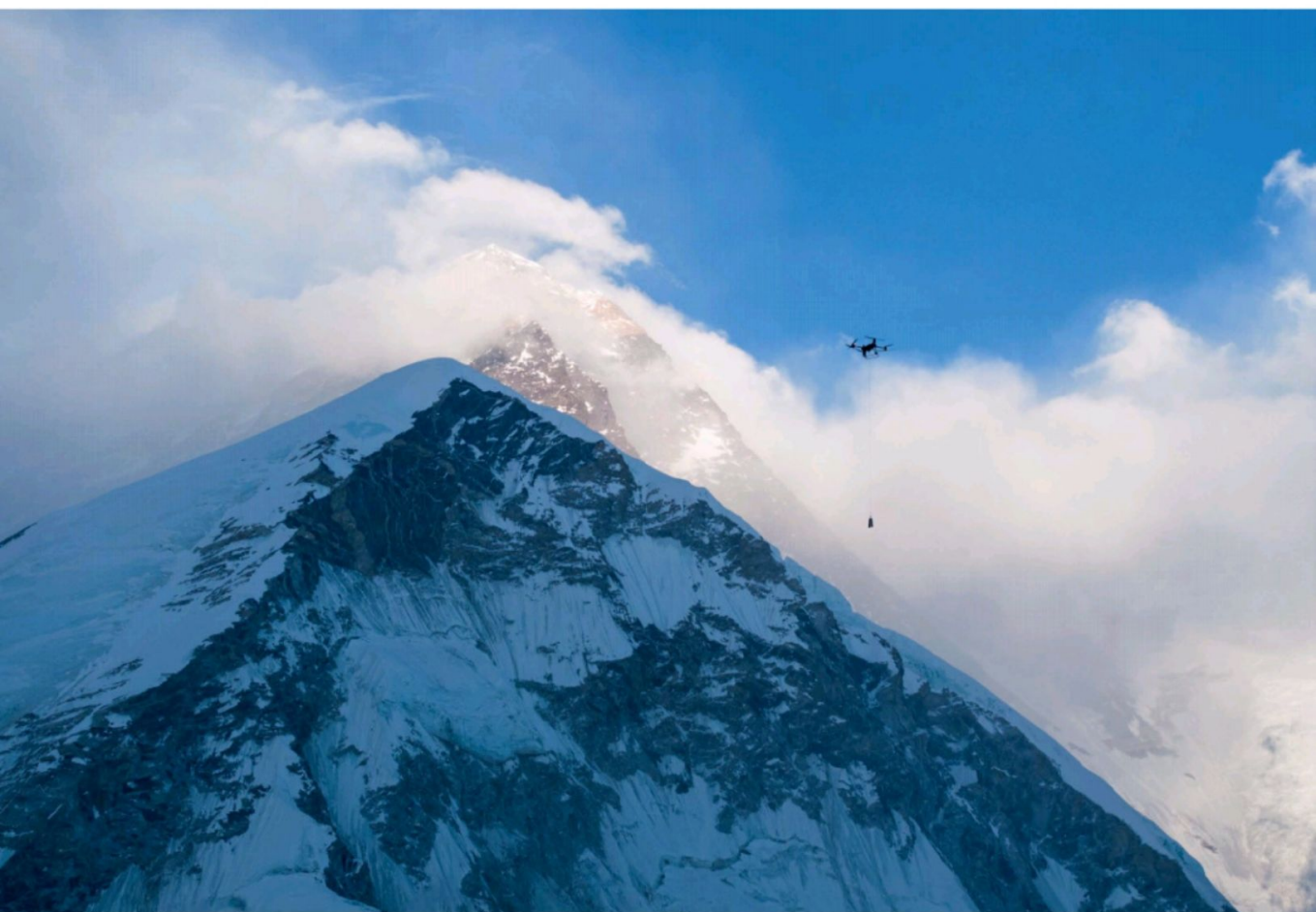
A experiência, gostam de ressaltar as empresas, começa antes da decolagem. Quem compra as passagens mais caras tem serviço de chofer e sai de casa em limusine. No aeroporto, tem acesso a salas vip, não aquelas que os cartões de crédito oferecem para seus clientes, mas espaços realmente únicos. "Buscamos aprimorar o terminal separado para a primeira classe, criado há dez anos", diz Annette Taeuber, diretora-geral da Lufthansa e Swiss para o Brasil, que anunciou aporte de 2 bilhões de dólares na modernização da exclusividade. No terminal especial, o passageiro é recepcionado por um atendente especial. A Air France, atenta ao imenso fluxo em julho e agosto, com a Olimpíada de Paris, celebra a inauguração de um lounge no aeroporto Charles de Gaulle. Ali, a empresa

montou suítes com capacidade para quatro pessoas, com cama de casal, banheiro, varanda e escritório — além de possibilidade de relaxar em um spa de uma fabricante de cosméticos.

Há que considerar, sim, que o retorno em grande estilo, embora o luxo nunca tivesse desaparecido totalmente, anda na contramão de um padrão de mercado que busca a democratização do transporte aéreo. Ela existe, de fato, em deslocamentos mais curtos. Para cruzar oceanos, contudo, tudo indica haver terreno para uma gama de ofertas, das mais econômicas às mais dispendiosas. E, depois de tanta austeridade, brotou um tantinho de vontade de voltar no tempo, aos anos 1960 e 1970, quando voar era um evento inigualável, sonhado, comemorado e, para quem tivesse bala na agulha, representava sinônimo de pompa.

O resgate impôs adaptação industrial. No passado, especialmente nos modelos 747 da Boeing de dois andares, os *double deck*, havia área de sobra para caprichados cantos. Hoje, com os canudos de alumínio mais delgados, foi preciso mudar. “O design das aeronaves forçou a inovação na distribuição de assentos”, diz Flávio Pires, CEO da Associação Brasileira de Aviação Geral. Pode-se celebrar, então, a segunda revolução do requinte como uma vitória da engenhosidade do design. Para poucos, sem dúvida. Dá para rir com a *boutade* do produtor dos anos de ouro de Hollywood, David O. Selznick (1902-1965): “Só há duas classes: a primeira e a falta de classe”. O problema é que nenhuma delas é imune às turbulências. ■

MEMÓRIA DA ALTITUDE

A publicação on-line da correspondência de George Mallory, o mítico alpinista britânico que morreu a caminho do pico do Everest, em 1924, mistura amor e ciência **MARÍLIA MONITCHELE**

ENTREGA EM DOMICÍLIO O drone chinês, como um pássaro na mais famosa das montanhas: revolução tecnológica

DJI/DIVULGAÇÃO

SERIA um ganso-indiano, o pássaro recordista de alturas que na primavera e no verão do Himalaia é visto ao redor do Everest? Não. Na semana passada, um drone voou do acampamento-base para o acampamento 1 da maior montanha do mundo, e a 5 500 metros de altura entregou três cilindros de oxigênio e 1,5 quilo de suprimentos — de sobra, na volta, transportou mais de 15 quilos de lixo acumulados entre a rocha e a neve.

O veículo voou durante dezessete minutos, com ventos superiores a 50 quilômetros por hora e temperaturas abaixo de zero grau. Em nota, a empresa chinesa DJI comemorou o feito. “O equipamento tem potencial para revolucionar o montanhismo no Everest.” Não por acaso, para iluminar o sucesso da empreitada, a operação ocorreu na semana em que, há 100 anos, o alpinista britânico George Mallory e seu parceiro, Andrew Irvine, morreram ao tentar chegar ao cume pela face norte do colosso. O corpo de Mallory seria encontrado apenas em 1999 — em mito que só ganhou relevo. A façanha do desbravador atravessou o tempo como sinônimo de coragem, de zelo e conhecimento científico, apesar do desenlace trágico. Cabe então perguntar: com instrumentos como o treco oriental, lá pertinho do infinito, a dupla teria sobrevivido? Talvez sim, talvez não.

Vale, então, mergulhar em um tesouro que acaba de ser publicado, e de livre acesso, pelo Magdalene College da Universidade de Cambridge, por meio do qual é possível traduzir os humores de Mallory quando tentava o impossível: cra-

ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY/GETTY IMAGES

PREPARO Mallory e Irvine *(de chapéu)*, antes da subida: “50 para 1 contra nós”

var a bandeira britânica lá no topo, a 8 849 metros, em marca que só seria alcançada por Edmund Hillary e o xerpa, nativo do Nepal, Tenzing Norgay, em 1953. A preciosidade é a coleção de cartas trocadas entre o esportista e sua mulher, Ruth, entre 1914 e 1924. Convém, portanto, para compreender a estatura do material, ir logo para as derradeiras, antes do sumiço, evidentemente, que foram resgatadas intactas dentro da mochila de Mallory, preservadas magicamente pelo gelo e pela neve. “Querida, eu te desejo o melhor que posso — que sua ansiedade tenha um fim antes de você receber esta carta —, com as melhores notícias. Que também serão as mais rápidas. São 50 para 1 contra nós, mas ainda

vamos tentar e nos orgulhar. Grande amor para você. Sempre seu amoroso, George", escreveu. De Ruth: "Tento manter-me bastante alegre e feliz, mas sinto muito sua falta. Acho que quero sua companhia ainda mais do que costumava querer. Sei que fui bastante irritante e desagradável algumas vezes e sinto muito, mas o motivo principal quase sempre foi porque estava infeliz por ter tão pouco de você".

As descrições — para além do choro da distância — começam com as primeiras impressões do terreno, tempo sem GPS, é evidente, e de escassos mapas. Atravessam episódios terríveis — como a avalanche que arrastou oito xerpas — e, aos poucos, vão se aproximando do graal desejado, a vitória do ser humano sobre as forças da natureza, em uma época em que pôr os pés na Lua era sonho distante. As missivas iluminam os personagens (o corpo de Irvine nunca foi encontrado), mas são insuficientes para desvendar todos os mistérios. Há, ainda hoje, a crença de que teriam chegado até o ponto final. "Mallory assumiu riscos para ultrapassar os limites, como mostra parte da correspondência, e no final das contas isso lhe custou a própria vida", disse a VEJA Katy Green, arquivista do Magdalene College.

As especulações são alimentadas pelo desaparecimento da câmera fotográfica, que poderia conter evidências dos passos da empreitada. Além disso, um retrato de Ruth, que o marido prometera deixar no pico, sumiu. Ele o teria deixado lá no fim do mundo, a beijar as nuvens? "Saber se chegaram ao topo e, em caso afirmativo, por qual caminho, é indaga-

ção que concede ainda mais interesse à coleção digitalizada", diz Green. O magnetismo do Everest é inegável. Desde o pioneirismo de 1953, com Hillary e Tenzing, mais de 6 000 pessoas se aventuraram na jornada. Cerca de 300 morreram. No ano passado, o Nepal emitiu 463 licenças para alpinistas estrangeiros, o maior número de todos os tempos. "Mallory teria ficado bravo e triste com tamanho movimento", diz Green. "Ele nutria um grande amor e respeito pela natureza." Um modo de saber o que pensava, portanto, é ir aos arquivos. E trata-se de consultá-los "porque estão lá", para citar a famosa resposta à pergunta que fizeram a Mallory, querendo saber por que ele queria tanto galgar o Everest. ■

REPRODUÇÃO

SAUDADE Ruth em carta para o marido: "Quero sua companhia, ainda mais do que costumava querer"

NÃO ME ABORREÇO COM OS PROBLEMAS

Eduardo Dussek, de 66 anos, convive há uma década com a doença de Parkinson — sem perder o bom humor

NO INÍCIO DOS ANOS 2000, estava muito estressado com a vida de cantor. Eram muitas viagens, shows e trabalhos com a produtora que havia acabado de montar. Eu era um workaholic. Os médicos haviam me alertado para reduzir o ritmo. Comecei a ter pesadelos constantes em que tinha de fazer uma gravação no alto de uma montanha e precisava levar o equipamento sozinho. O significado psicológico era evidente: estava sobrecarregado. Até que, há uns dez anos, comecei a sentir leves tremores nas mãos. Após me consultar com vários especialistas, veio o diagnóstico definitivo: tenho doença de Parkinson.

Na época, tomei a decisão de não ficar deprimido com o resultado. Não há cura, mas há tratamento contra os sintomas e era possível diminuir as causas dos tremores reduzin-

do o ritmo de trabalho e, claro, me medicando. O Parkinson causa vários problemas motores. Você perde bastante os movimentos das mãos e das pernas. Hoje, a doença está controlada e eu consigo andar, malhar, nadar e até andar de bicicleta, mas tudo sem exageros. Não posso me cansar. Falar e cantar me cansa muito, e tudo que exige atenção e concentração pode desencadear algumas crises. Sempre que fico ansioso ou estou atrasado em cumprir algum prazo, os tremores retornam. Descobri que eu deveria me preocupar menos e fazer coisas que me dessem alegria e contentamento, porque a dopamina ajuda a relaxar. Decidi optar pela pintura. Na juventude, estudei com meu pai, Milan Dusek, que era artista plástico. Depois, entrei na faculdade de arquitetura, que logo larguei para fazer música. Após a morte de papai, porém, eu assumi o estúdio dele, com os instrumentos, pincéis e tintas. E voltei a pintar.

Eu também comecei a fazer shows e palestras em associações de pacientes com Parkinson. Nesses encontros, costumo dizer que é preciso aceitar a doença, não só o Parkinson, mas qualquer uma que vá acompanhá-lo pelo resto da vida. A doença não pode ser encarada como algo ruim, e você não deve ficar se perguntando: “Por que eu?”. Essa pergunta soa meio ridícula. São situações que nos fazem ter mais conhecimento de vida. A doença é uma ótima conselheira. É um fator de iluminação. Não me vejo como um coitado. Sou um romântico incurável. Estou feliz, não tenho estresse: tenho amor e trabalho. As dívidas estão controladas.

Não me aborreço com os problemas, nem me entristeço. Mudei-me da loucura do Rio de Janeiro para Niterói, perto de uma praia tranquila.

Nunca escondi a doença do público, mas nas últimas semanas, após ter feito uma participação especial no *Altas Horas*, da Globo, passei a receber uma enxurrada de afeto e mensagens positivas. Com o Serginho Groisman, eu senti o ímpeto de me abrir publicamente sobre a doença. Não quero que tenham pena de mim, porque não sou galinha. Cantei e dancei no programa sentado em uma cadeira de rodas, numa coreografia à la Charlie Chaplin, em homenagem ao meu grande amigo Ney Matogrosso. Foi um dia especial.

Sempre fui bem-humorado, e o alto-astral me ajuda a lidar com a situação. Se deixo um prato cair no chão, debocho de mim mesmo. Não deitarei numa cama para esperar a morte chegar. Esse é o caminho errado. Não sou herói, e a doença não é razão para desgraça ou júbilo. Não vou ficar fazendo a cabeça das pessoas para seguirem uma crença. Cada um tem a sua. Mas acredito na energia de se conectar com o universo. Mantenho a morte sentada ao meu lado esquerdo e sirvo drinques para ela. Um dia, ela vai se manifestar. Deixarei um vídeo gravado para ser exibido no meu velório. Estarei vestido de anjo e contando piadas. Não sou um palhaço, mas não tenho culpa se o mundo é uma piada. Não tenho data para morrer. Gosto de viver. ■

Depoimento a Felipe Branco Cruz

A CESTA É GLOBAL

O basquete americano da NBA não é mais apenas uma disputa extraordinária — caiu no gosto do público, inclusive no Brasil, ao virar um estilo de vida fora das quadras **ANDRÉ SOLLITTO**

TORCIDA NBA House, em São Paulo: espaço para 45 000 pessoas

DIVULGAÇÃO

É UM MODO de vida, muito mais do que apenas uma modalidade esportiva. As fenomenais partidas da NBA, a liga profissional de basquete dos Estados Unidos, ultrapassaram as fronteiras americanas e hoje, mais do que nunca, abraçam o mundo. Os fãs vestem as regatas e os bonés. Procuram os tênis das estrelas. Pouco importa o resultado dos jogos, o desempenho dos finalistas de 2024, à exceção, claro, de quem acompanha com olhos de especialista. As partidas do play-off entre o avassalador Boston Celtics e o Dallas Mavericks são um espetáculo de técnica e estratégia, devem ser aplaudidas, mas vale mesmo o que anda fora das quadras, para além das cestas, dos rebotes.

O interesse crescente pelo basquete é fenômeno global, visto pela TV em 214 países e territórios. Não à toa, a NBA está negociando um acordo de transmissão com a ESPN, a Amazon e a rede americana NBC. O negócio, avaliado em 76 bilhões de dólares, prevê onze anos de contrato. Cada emissora terá uma certa quantidade de jogos durante a temporada e à Disney, dona da ESPN, caberá o privilégio de transmitir as finais. Para isso, vai desembolsar 2,6 bilhões de dólares por ano. O acerto quase dobrará o faturamento da NBA com direitos de imagem, de 1,5 bilhão de dólares anuais para 2,6 bilhões de dólares. Em tempo de proliferação dos serviços de streaming, a transmissão ao vivo de eventos esportivos é um dos poucos métodos eficazes de manter as pessoas sentadas

BRIAN BABINEAU/NBAE/GETTY IMAGES

ELEGÂNCIA O letão Kristaps Porzingis, do Celtics: ídolo dentro dos ginásios e ícone fashion fora deles

no sofá em frente da televisão em horários determinados.

O Brasil, nesse ambiente de sucesso feito de marketing e excelência, tem lugar de destaque. O país é hoje o terceiro maior mercado fora dos Estados Unidos, atrás apenas do Canadá — por razões óbvias, já que um dos times, o Toronto Raptors, é de lá — e da China. A NBA House, espaço de entretenimento instalado no Parque Villa-Lobos, na Zona Oeste de São Paulo, com imenso telão e brincadeiras, que espera receber 45 000 pessoas, virou ponto inescapável de atração. Ano a ano, nos dias das finais, tem feito parte do calendário da cidade, como as se-

CIFRAS DO JOGO

76 BILHÕES

DE DÓLARES É O VALOR DO ACORDO DE TRANSMISSÃO DOS JOGOS DA LIGA PELA ESPN, NBC E AMAZON

3,85 BILHÕES

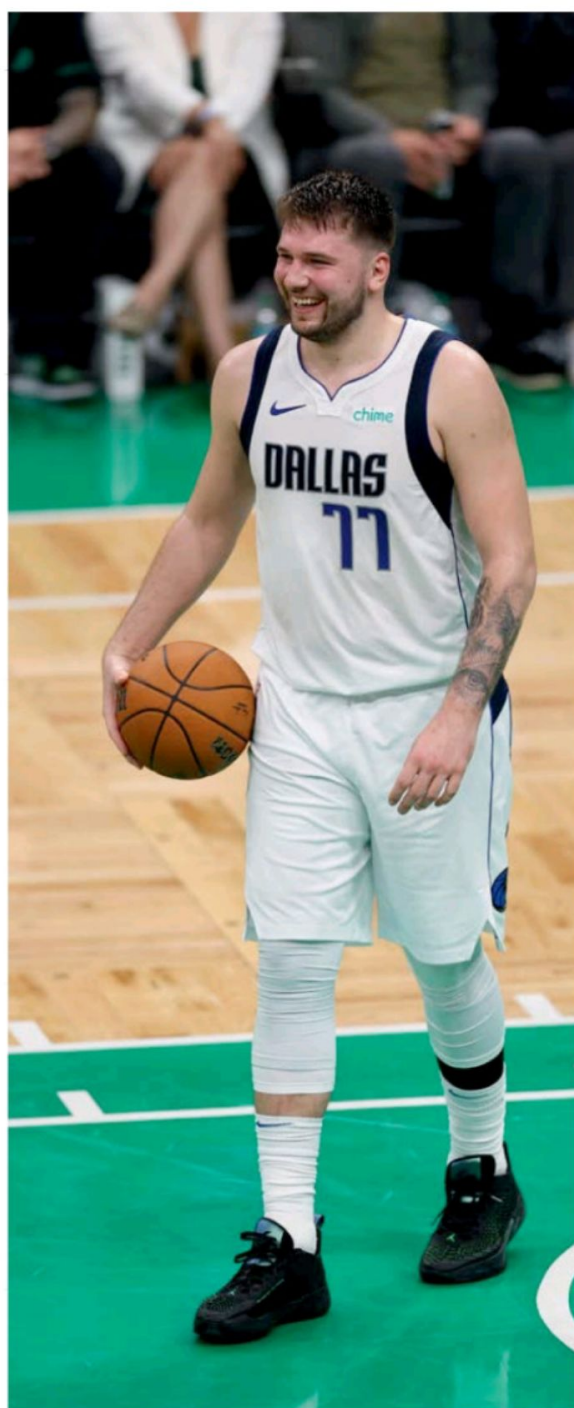
DE DÓLARES É O VALOR DE MERCADO MÉDIO DE UM TIME DA NBA

135 MILHÕES

DE DÓLARES É O TETO SALARIAL DOS JOGADORES NA TEMPORADA 23/24

Fonte: *NBA, Forbes, Wall Street Journal*

manas de moda e os festivais de gastronomia. É expansão que reflete a audiência de 50 milhões de brasileiros que acompanham as transmissões e as repercutem nas redes sociais. “A ideia é que os fãs mergulhem no universo do torneio, como se estivessem nos EUA”, diz Rodrigo Vicentini, responsável pela NBA House.

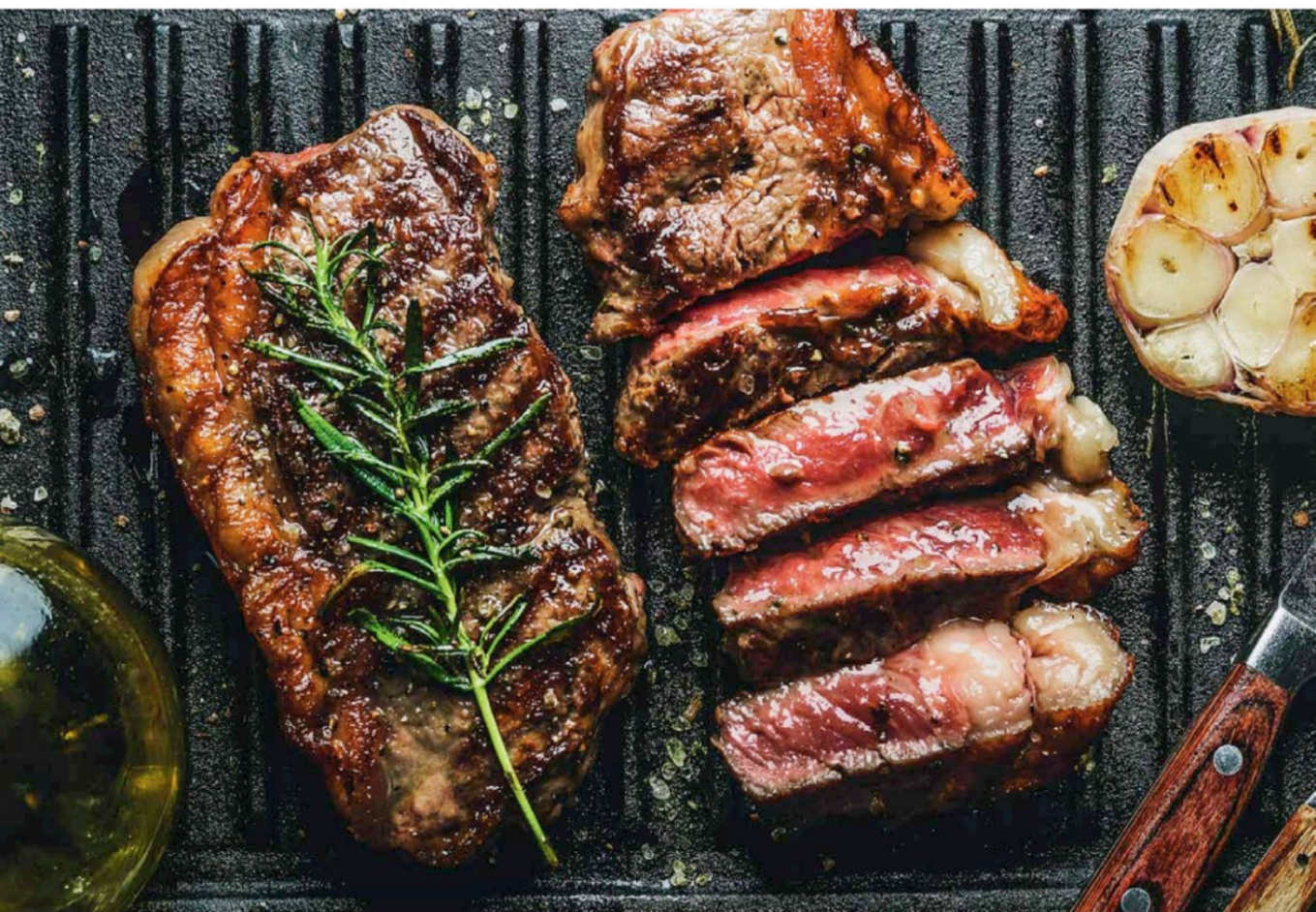
A estratégia de fazer o basquete viajar funciona ancorada em um outro aspecto, alimentado com vigor: muitos dos astros são estrangeiros (eles são 125, número recorde). É o caso do sérvio Nikola Jokic, do Denver Nuggets, campeão da temporada anterior. Lembre-se do letão Kristaps Porzingis,

MERCEDES OLIVER/NBAE/GETTY IMAGES

ESTRELA O esloveno Luka Doncic, do Dallas Mavericks: ele pode ganhar 1 bilhão de dólares ao longo da carreira

do Celtics, que acaba de retornar de uma lesão (celebrado também pelo show de elegância a caminho dos vestiários). Convém não esquecer, é claro, do esloveno Luka Doncic, do Mavericks — ala armador que pode logo, logo alcançar salário de 100 milhões de dólares anuais, afora a publicidade, e que, segundo especialistas, ao final da carreira conseguirá juntar 1 bilhão de dólares, mais do que o mito Michael Jordan, mais do que LeBron James. Ah, tem ainda o novato, ou *rookie*, o gigantão francês Victor Wembanyama, do San Antonio Spurs. Na Olimpíada de Paris, com a camisa da França, ele será recebido com especial zelo, na figura de um personagem que foi brilhar na meca e aparecerá em casa.

O momento é realmente extraordinário e tudo indica caminho ainda mais luminoso para os próximos anos. Nas palavras de Stephen Curry, do Golden State Warriors, que em 2024 andou apagado, mas é nome incontornável e popularíssimo: "O basquete não é só esporte". Ele tem razão e não seria errado atribuir a ribalta de agora a Jordan, que nos anos 1990 praticamente inventou um negócio, ao associar seu nome à logomarca da Nike. Ele parou de jogar em 1999, e lá se vão 25 anos. No entanto, os modelos de tênis com a assinatura do craque venderam, em 2022, algo em torno de 5,1 bilhões de dólares. Ele sozinho recebeu 250 milhões de dólares. A NBA é um palco iluminado de adrenalina, suor e muito dinheiro *(veja no quadro)*. Chuá! ■

SOTAQUE ESTRANGEIRO

Cortes argentinos, uruguaios e americanos ganham espaço no churrasco brasileiro, ampliando e sofisticando o vocabulário e o paladar de quem aprecia carne **ANDRÉ SOLLITTO**

NA PARRILHA O bife ancho, um dos mais tradicionais e celebrados na Argentina: desembarque no Brasil com sucesso

VICUSCHKA/MOMENT/GETTY IMAGES

NÃO TEM ERRO. Uma visita a um dos novos e descolados restaurantes dedicados ao churrasco nas grandes capitais brasileiras é um festival de ofertas de cortes. Basta uma rápida olhada no menu para perceber a variedade de nomes em inglês ou espanhol, como tomahawk, shoulder, denver, ancho, chorizo, asado de tira e outros, ao lado dos já conhecidos picanha, maminha e fraldinha. O churrasco brasileiro mudou, sob a influência de países com grande tradição de preparo da carne na brasa, e hoje exige do consumidor vasto e cuidadoso conhecimento em torno de ofertas que nem mesmo existiam há cerca de dez anos.

Há, nessa travessia gastronômica, uma interessante história de como o paladar foi sendo moldado, na medida em que a importação ganhava fôlego e as técnicas de fora passaram a ser compreendidas. É difícil precisar o momento exato em que esses cortes começaram a se espalhar. Mas o desenvolvimento do churrasco ajuda a dar pistas relevantes. Por aqui, o hábito de comer carne assada no fogo é quase tão antigo quanto a chegada dos portugueses em terras brasileiras, na Bahia. Foi no Rio Grande do Sul, porém, que a cultura se consolidou. Lá, preparam-se peças grandes em espetos, a uma distância maior do fogo. Nos países vizinhos, como Uruguai e Argentina, a cultura do "assado", feito em churrasqueiras conhecidas como parrillas, com a carne mais próxima da brasa, é muito mais comum. Aos poucos, esse recurso acabou se popularizando do Sul para o resto do país.

ABC DO CHURRASCO

Provenientes da Argentina, Estados Unidos e Uruguai, novos cortes ganham espaço nos menus

ANCHO

DE ORIGEM ARGENTINA, É EXTRAÍDO DA REGIÃO DO CONTRAFILÉ, ENTRE A SEXTA E A DÉCIMA SEGUNDA VÉRTEBRAS

+

ASADO DE TIRA

DE ORIGEM URUGUAIA, VEM DA COSTELA DO BOI E GANHOU POPULARIDADE NA REGIÃO SUL DO BRASIL

+

DENVER

CRIADO EM 2009 NOS ESTADOS UNIDOS, É RETIRADO DA PARTE MAIS MACIA DO ACÉM, NA REGIÃO DIANTEIRA DO BOI

+

CHORIZO

CORTE ARGENTINO, TAMBÉM É RETIRADO DO CONTRAFILÉ, COMO O ANCHO, MAS NO MIOLO DA PEÇA

+

TOMAHAWK

ORIGINÁRIO DOS ESTADOS UNIDOS, VEM DA PARTE DIANTEIRA DO BOI E TEM FORMATO QUE REMETE AO MACHADO INDÍGENA

A preferência crescente pela parrilla é quase científica, de manejo. “Há um controle maior do ponto e de como quer preparar a carne”, diz Cristiano Rodrigues, o Chef Cris, que comanda a cozinha das quatro unidades da rede Casa Porteña. Com o equipamento, vieram os cortes favoritos dos países vizinhos, de culinária reputada.

Em um cenário de constante busca por novidades, é natural, em qualquer civilização, que as tendências alimentares mudem. Há algum tempo, o barbecue americano, defumado com madeiras de árvores frutíferas, caiu no gosto do público, mas hoje perdeu espaço e está mais restrito a um nicho. Já cortes de carne como o denver, criado em 2009 em um programa voltado para o desenvolvimento de alternativas mais baratas e saborosas às peças tradicionais, e o tomahawk *(leia no quadro ao lado),* ambos dos Estados Unidos, têm conquistando espaço crescente em restaurantes mais modernos, de apelo internacional.

É o caso do Beefbar, rede internacional com sede em Mônaco e unidades na Europa, no Oriente Médio, na Ásia e nas Américas. “Nossa intenção sempre foi trazer cortes novos que o público não está acostumado a encontrar com facilidade”, diz Diego Porto, chef responsável pela filial brasileira, em São Paulo. “O paladar do brasileiro tem mudado nos últimos anos e as pessoas não querem só o filé-mignon de sempre.” No cardápio, os clientes podem escolher a procedência da carne, entre opções nacionais, uruguaias, australianas e americanas.

BURCU ATALAY TANKUT/MOMENT/GETTY IMAGES

EXCLUSIVO Peças de wagyu, o boi japonês: carne conhecida pelo marmoreio

No novo mundo do churrasco, é preciso conhecer também outras inovações de preparo. É o caso das carnes *dry aged*, termo que faz referência a um processo de maturação controlada em condições específicas de temperatura, umidade e circulação de ar. Com o tempo, a carne perde umidade, fica mais macia e com sabor concentrado. Ou ainda o wagyu, nome usado para se referir a qualquer uma das quatro raças de gado de corte japonesas conhecidas pela alta qualidade e pelo marmoreio (a gordura intramuscular) da carne. A criação dos bois segue regras específicas de dieta e cuidados. São dois exemplos de produtos que custam caro,

mas já fazem parte do vocabulário de churrasqueiros e consumidores. A carne *dry aged* é encontrada em supermercados, guardada em vitrines transparentes que mostram a evolução do bife, cada vez mais escuro. E o wagyu, importado a preço de ouro — um chorizo de 600 gramas custa 800 reais —, é vendido em empórios selecionados.

É claro que toda essa influência passa por um filtro bem brasileiro. Os acompanhamentos estrangeiros, como as batatas, muito comuns na Argentina, dão lugar ao arroz biro-biro e à farofa. O chimichurri divide espaço na mesa com o vinagrete. E, assim, as churrascarias no modelo rodízio vão ficando para trás. A moda, hoje, é levar à mesa do cliente uma reunião dos melhores cortes disponíveis. Olhe para o lado: o ancho aparece acompanhado da linguiça calabresa e o tomahawk dá as mãos à picanha. Apesar do sotaque internacional, o churrasco segue como brava instituição brasileira. Só que seu vocabulário ficou mais amplo e diversificado. A carne é forte. ■

O PASSADO MORA AO LADO

Entre as estrelas da atualidade, peças antigas e releituras de clássicos são uma das mais quentes tendências da moda atual, com aceno evidente à sustentabilidade

SIMONE BLANES

MIKE COPPOLA/GETTY IMAGES

GISELA SCHOBER/GETTY IMAGES

JAMIE MCCARTHY/GETTY IMAGES

EXCLUSIVIDADE Anya Taylor-Joy *(à esq.)*, Marina Ruy Barbosa e Zendaya: musas da nova geração escolhem o vintage pela atemporalidade de peças únicas e eternas

EM 1935, quando vivia o auge do perfume Chanel nº 5, do vestidinho preto e de seus tailleurs de tweed, a estilista francesa Coco Chanel (1883-1971) decretou aversão ao aspecto mais descartável do mercado em que atuava. "Sou contra a moda que não dure. Não consigo imaginar que se jogue uma roupa fora só porque é primavera", disse ela. Quase 100 anos depois, o pensamento da criadora nunca esteve tão atual e oportuno. Criações do século passado, da própria Chanel ou de outras grandes *maisons,* lançadas entre os anos 1920 e 1990, e interpretações de roupas icônicas e populares em outros tempos se encaixam em uma das tendências mais quentes da moda contemporânea: o vintage. Na era da tecnologia e da reprodução em escala, o valor está nos modelos do passado e no fazer artesanal da alta-costura.

O tapete vermelho das grandes festas do entretenimento, termômetro do que as celebridades e modelos vestem ou vestirão, confirma o retorno dos antigos desenhos, com pompa e circunstância. Chama atenção principalmente o apelo que essas roupas causam nas gerações mais novas. Marina Ruy Barbosa apareceu em Cannes vestindo um modelo clássico da Chanel de 1987. No Met Gala, a atriz Zendaya, a queridinha da hora, atraiu olhares para seu estonteante vestido em estilo vitoriano de alta-costura da Givenchy, desenhado por John Galliano em 1996. Anya Taylor-Joy, a Furiosa do cinema, levou à festa do Oscar uma releitura de dois dos designs mais famosos

CHRISTOPHE PETIT TESSON/EFE

GIOVANNI GIANNONI/WWD VIA GETTY IMAGES

LEGADO Exposição de Yves Saint Laurent *(acima)* e desfile de Schiaparelli: homenagem aos antigos

de Christian Dior, os vestidos Junon e Venus. Os originais de alta-costura, de 1949, fazem parte do acervo do Metropolitan Museum of Art, em Nova York.

As celebridades são as principais referências dos jovens da geração Z, que não chegaram aos 30 anos de idade. Eles resgatam peças esquecidas em brechós e nos armários das avós e ajudam a viralizar o movimento nas redes sociais. No TikTok, o tema vintage já tem mais de 20 milhões de visualizações. "Vivemos um momento de mistura de épocas, em que aumentam as experiências de casamento entre o antigo e o novo", diz a consultora de moda Manu Carvalho. Valorizar o antigo, enfim, movimento que começou nos anos 1970 com os hippies, é um contraponto necessário ao consumismo excessivo dos dias de hoje. Dito de outro modo, e não

apenas no universo do estilo: conhecer o passado é um modo de refletir sobre o futuro. "Não é apenas uma tendência, mas sim uma esteira de referências", afirma Manu.

Também não se trata só de nostalgia, mas de um pensamento que envolve expressão de identidade, consciência global e a construção de um estilo que ecoará além das estações por meio de três pontos fundamentais para a moda atual, tão genérica e pasteurizada: durabilidade, sustentabilidade e exclusividade. Os dois primeiros, obviamente, se referem à contribuição do vintage para a chamada moda circular, já que as roupas não ficam acumulando poeira no guarda-roupa e não são facilmente descartadas. Já o privilégio da exclusividade é um recurso de marketing e divulgação, atrelado a gente famosa. Simples assim, embora quase sempre muito caro: "Quero um igual".

Outro movimento, truque de evidente sucesso, é aparecer em eventos de grande popularidade vestindo roupas que já foram tema de conversas e cliques dos pa-

AMY SUSSMAN/GETTY IMAGES

VIDA NOVA A atriz Sydney Sweeney: vestido usado por Angelina Jolie em 2004

parazzi em outras festas. O exemplo vem da atriz Sydney Sweeney, que foi vista em um evento depois do Oscar com um modelo de Marc Bouwer usado por Angelina Jolie em 2004. Não deu outra: uma enxurrada de cliques. A história resgatada foi recurso usado nas passarelas de Paris, que revisitaram as criações de estilistas de décadas passadas. De mãos dadas com a origem de tudo, a lista inclui alguns dos principais nomes da indústria, como Chanel, Dior, Balenciaga, Balmain, Schiaparelli e Yves Saint Laurent.

O interesse pelo antigo cresce e, junto com ele, as oportunidades de negócios. Há empresas focadas na revenda de roupas de segunda mão e brechós chiques que oferecem peças já usadas com o mesmo cuidado dispensado pelas lojas de peças novas. De acordo com uma pesquisa do Boston Consulting Group, de 2020, esse mercado é avaliado em 30 bilhões a 40 bilhões de dólares e deve crescer entre 15% e 20% ao ano. Os dados mostram que há mais gente interessada em peças de segunda mão e mais itens do tipo saindo dos brechós para os guarda-roupas dos consumidores.

Mas a questão é: vale a pena vestir de novo? Sim, vale, já que o vintage reflete a evolução da moda ao longo do tempo e garante a perenidade para as gerações futuras. Como também anunciou Coco Chanel, que sabia de corte, costura e do domínio das palavras: “A moda passa, o estilo permanece”. Que seja então um estilo à prova do tempo e à revelia de modismos que vêm e vão, por nada. Há, sim, peças com força suficiente para ser eternas enquanto durem. ■

REALEZA ROUBADA
Emma D'Arcy na pele de Rhaenyra: a rainha foi passada para trás por madrasta e meio-irmão

UMA PROVA DE FOGO

Na segunda temporada de *A Casa do Dragão*, HBO redobra a aposta no universo pop de *Game of Thrones*, com investimento milionário em batalhas grandiosas, além de mais tensão e intrigas

RAQUEL CARNEIRO

DIVULGAÇÃO

Há uma anedota em Westeros que diz: “Quando um novo Targaryen nasce, os deuses jogam uma moeda para cima. Enquanto isso, o mundo prende a respiração esperando o resultado”. De um lado da moeda, está a grandiosidade; do outro, a loucura — duas características comuns e aleatórias na família que ostenta fios platinados na cabeça e dragões no quintal. Essa dualidade é parte essencial de ***A Casa do Dragão,*** spin-off da incensada série *Game of Thrones*, que estreia sua segunda temporada no domingo 16, no canal pago HBO e na plataforma de streaming Max. Se a solitária Daenerys Targaryen e seus três filhotes cuspidores de fogo fizeram barulho na série original, a trama derivada — inspirada no livro *Fogo & Sangue* — observa o poderoso clã 170 anos antes, quando, no auge de seu domínio, uma guerra civil entre eles e seus vários dragões dilacera o grupo — e detona a instabilidade política que paira sobre os Sete Reinos do universo criado pelo americano George R.R. Martin.

Lançada em 2022 sob expectativa intensa, *A Casa do Dragão* foi feita com o investimento altíssimo de 200 milhões de dólares, valor comparável ao orçamento de filmes da Marvel. O drama de fantasia deveria não só manter aceso o interesse pelo rentável mundo de *Game of Thrones,* como tinha de reverter o gostinho amargo deixado pelo fim controverso da produção original em 2019. Os desafios eram muitos — e foram, um a um, vencidos:

FOTOS HBO

OPOSIÇÃO Alicent e Aegon II: mãe conspirou para filho instável assumir o trono

a série provou seu valor ao fechar a primeira temporada com média de 29 milhões de espectadores por episódio. O marco notável e inédito para uma nova trama do canal foi celebrado — mas, como dita a regra da TV, agora é preciso ir além.

Assim, a HBO redobrou a aposta, fazendo de *A Casa do Dragão* sua principal série de 2024 — outras produções do canal, como a elogiada *The Last of Us*, foram jogadas para o ano que vem. A decisão de colocar todas as

fichas num só projeto reflete também, é verdade, a reorganização financeira da Warner Bros. Discovery, grupo do qual a HBO faz parte e que carrega uma dívida de 42 bilhões de dólares. Mesmo assim, estimativas de bastidores indicam que o orçamento da nova temporada seria maior do que o da primeira. Para fazer dela um espetáculo épico, o número de episódios foi reduzido de dez para oito, concentrando recursos.

Entre os upgrades está a chegada de mais dragões e a promessa de duas grandes batalhas — a primeira temporada teve só uma, e apenas a quinta de *GoT* foi tão bélica. “Temos a sorte de dispor de recursos para essas cenas”, disse a VEJA o cocriador da série Ryan J. Condal. “Usamos locações lindas, teremos vários dragões envolvidos, mas no fundo o espetáculo só funciona se o público estiver emocionalmente ligado aos personagens.” Tal fórmula é elevada a novos patamares de tensão logo no primeiro episódio da segunda fase.

Com a morte do rei Viserys I, vivido de forma brilhante por Paddy Considine, a primeira temporada se encerrou com um cisma no clã. De um lado está Rhaenyra Targaryen (Emma D’Arcy), escolhida pelo pai como herdeira, que quebraria a tradição da supremacia masculina no direito ao Trono de Ferro. Do outro, seu meio-irmão Aegon II (Tom Glynn-Carney), filho da astuta e religiosa rainha Alicent Hightower (Olivia Cooke), que nasceu depois da promessa de Viserys à filha — e que, sem dúvida, carrega

o gene da insanidade tão acentuado entre os Targaryens. A disputa na linha sucessória, claro, será envolta por muitas intrigas, manipulações, ressentimentos e uma boa dose de sangue. Após a morte de um de seus filhos na temporada anterior, Rhaenyra agora quer vingança — e uma ação impulsiva de seu marido (e tio), o príncipe Daemon Targaryen, vivido por Matt Smith, radicaliza as reações passionais (e violentas) de ambos os lados. O personagem, aliás, terá uma trajetória particular curiosa.

Rejeitado como segundo herdeiro ao trono pelo irmão, Viserys I, o rebelde Daemon acumulou as dores do luto da morte do rei, da primeira esposa e do enteado — eventos que o empurram para um amadurecimento forçado. "Ele está em uma jornada de desconstrução e de autodescoberta", disse Smith a VEJA *(leia a entrevista ao lado)*. O aprofundamento psicológico do personagem revela o verdadeiro poder da saga. A violência, o sexo abundante e os dragões podem ser atrativos certeiros, mas, para continuar de pé, o roteiro não pode perder de vista a complexidade dos tipos que transitam em Westeros. Da rainha beata que esconde seus pecados, passando pelo rei despreparado e instável até o príncipe em crise existencial — todos rodeados pela corrupção, pelo amor ao poder e pelos horrores da guerra por motivos escusos —, *A Casa do Dragão* reflete o mundo real, sem deixar de ser entretenimento de primeira qualidade. Uma prova de fogo que, até agora, ela conseguiu vencer. ■

DIVULGAÇÃO

MARIDO DA RAINHA
Daemon em cena: guerra particular

“O BRASIL É MEU LUGAR FAVORITO”

O ator inglês Matt Smith falou a VEJA sobre a série — e seu amor pelo país.

Tanto em *A Casa do Dragão* quanto em *The Crown* você interpreta príncipes casados com rainhas

poderosas. Como é dar vida a esses homens que precisam se adaptar a um lugar de submissão? É o que acontece com a maioria dos homens no mundo, não é? Eu gosto bastante desse tipo de papel, mas para os personagens é mais difícil – tanto Philip *(de* The Crown) quanto Daemon são coadjuvantes de grandes mulheres, inteligentes e marcantes, logo eles precisam suprimir o orgulho e o ego. Eu ainda tive a sorte de contracenar com atrizes brilhantes, Claire Foy, como rainha Elizabeth II, e, agora, Emma D'Arcy.

Como compara a trajetória de Daemon da primeira para a segunda temporada? Ele está passando por um período de transição. A morte do irmão *(o rei Viserys I)* foi um baque. Alguns eventos nos primeiros episódios são significativos. É o início de uma jornada de desconstrução e de autodescoberta. Daemon terá um momento bem sombrio.

Ele estará envolvido nas grandes batalhas dessa fase? Não posso dizer muito, mas diria que Daemon está em guerra consigo mesmo.

Você costuma vir ao Brasil com frequência. Qual sua relação com o país? Eu amo o Brasil. É meu lugar favorito no mundo. Eu me mudaria para aí num piscar de olhos. Adoro feijoada e coxinha. É um lugar com vida.

A ANTI-TAYLOR SWIFT

Iconoclasta e malcriada assumida, a cantora Charli XCX faz barulho ao preencher o papel que andava em falta no pop: o da bad girl que não se furta a polemizar com as artistas boas-moças

DIMITRIOS KAMBOURIS/GETTY IMAGES

PIRRALHA ATREVIDA
A cantora, com seu visual vamp característico: letras contra o Grammy e com supostas indiretas à rival

CHARLI XCX tinha apenas 15 anos quando anunciou que iria sair de casa para morar em Londres com um amigo que conheceu na internet e promovia raves ilegais. Desesperados, seus pais conseguiram convencê-la a ficar no meio-termo: em vez de se mudar, ela poderia apenas tocar nas festas, acompanhada por eles. Foi com essa atitude pirracenta, em 2008, que a adolescente conseguiu lançar sua carreira de cantora. Hoje, aos 31, Charli rejeita o figurino de boa-moça, tão comum entre as estrelas, e assume, sem rodeios, a fama de malcriada. Apoiada por um público fiel, a nova bad girl do pop decidiu nomear seu recém-lançado sexto álbum, de *Brat* — em inglês, "pirralha". As provocações já começam na capa do disco — um quadrado verde simples, sobre o qual o título é escrito em baixa resolução. Enquanto alguns se revoltaram com a singeleza, outros aplaudiram. Em post no X, Charli justificou a escolha com um rasgo feminista: "A demanda constante por acesso aos corpos e rostos de mulheres em capas de álbuns é misógina e entediante".

Conhecida pelos hits *Boom Clap* e *Fancy*, Charli se consolidou não só por trabalhar com produtores incensados da música eletrônica, mas pela postura desafiadora. Numa era em que o pop parece alérgico à incorreção política — as rádios estão lotadas de artistas como Taylor Swift, que falam das dores da feminilidade e de relações tóxicas em letras chapa-branca —, a atrevida Charli chega para fazer um providencial contraponto. Não à toa, os fãs a identificam como uma anti-Taylor — e ela não deixa de incentivar a rivalida-

de. *Sympathy Is a Knife*, canção do novo álbum, deu margem para especulações nesse sentido nas redes. Na música, Charli canta sobre uma garota que a deixa insegura, destacando: “Não conseguiria ser ela, nem se eu tentasse / Somos opostas, estou do outro lado”. O detalhe capcioso é que ela diz não aguentar mais ver a tal garota nos bastidores do show de seu namorado (hoje noivo), George Daniel, baterista da banda The 1975. O grupo ganhou notoriedade no ano passado, quando Taylor viveu um namorico de um mês com o vocalista, Matty Healy. “Dedos cruzados, espero que eles terminem logo”, canta Charli. Ela não assume, mas também não nega as conjecturas sobre o alvo real de sua letra.

As ousadias da moça vão muito além. Na faixa *Spring Breakers,* ela se imagina incendiando a cerimônia do Grammy: “Derramei um monte de gasolina no carpete, acendi um cigarro, dei uma tragada, então apenas o joguei”. O delírio tem razão de ser. Indicada duas vezes à premiação, em 2015, ela diz que desde então tem sido esnobada em razão das suas atitudes fora da curva. “As pessoas não querem ver garotas gostosas e malvadas prosperarem”, brincou nas redes quando não recebeu indicações pelo álbum *Crash*, de 2022. Charli XCX pode não ganhar o Grammy — mas faz barulho. ■

Mariana Carneiro

FURACÃO TROPICAL

Uma retrospectiva no Rio celebra cinquenta anos da carreira de Luiz Zerbini, que expõe em cores explosivas a exuberância da natureza e as mazelas do Brasil real

MARCELO MARTHE

MULTIMÍDIA O pintor: expoente da geração 80, retratou o país redemocratizado e mantém sua sintonia com a realidade

EDUARDO ORTEGA

AO CIRCULAR pela Praia de São Conrado, vizinha de sua casa-ateliê no Rio, ou durante as viagens com a família, o artista plástico Luiz Zerbini cultiva uma mania estranha. De olhar sempre atento a detalhes que a maioria ignoraria, ele cisma com objetos prosaicos — pode ser uma concha, um pedaço de isopor ou um pneu velho. Ato contínuo, recolhe a quinquilharia e leva para casa. "Já nadei para pegar uma corda de navio bastante pesada que vi no mar", conta. Os objetos podem passar anos largados até o artista finalmente se lembrar e extrair algo deles — em um processo de criação que o próprio compara com o sistema digestivo dos bovinos. "Viver é ruminar paisagens. Talvez por isso me reconheça no olhar doce, perdido, silencioso de uma vaca que passa a vida ruminando. Remoendo o que viveu e sonhando memórias", reflete Zerbini.

PAT KILGORE

IRREVERENTE Autorretrato de 1995: casamento com Regina Casé

Itens obtidos segundo seu método errático estão entre as 140 obras da mostra ***Paisagens Ruminadas,*** que abre nesta quarta-feira, 19, no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio. Mas essas criações são apenas curiosidades pitorescas numa obra de abran-

gência oceânica que ganha sua maior retrospectiva no momento em que ele celebra cinco décadas de trajetória. Zerbini, de 65 anos, honra o epíteto de "artista multimídia": seu arco de interesses vai da videoarte à escultura, passando pelas recentes monotipias — criações em que aplica imagens chapadas de folhas tipicamente tropicais e outros elementos no quadro. Ele é, sobretudo, um dos mais incensados pintores da arte brasileira atual — ou, mais que isso, um tradutor da alma nacional em imagens que sintetizam o caos tropical, unindo da vegetação luxuriante às mazelas da nação, como a pobreza e a violência urbana.

O apego de Zerbini ao Brasil real é quase um atestado de origem: ele é um dos expoentes da Geração 80, safra de artistas que emergiu no país na primeira década pós-ditadura militar. "Zerbini está entre os pintores que produziram a primeira iconografia de um Brasil democratizado", diz a curadora Clarissa Diniz. Ele nunca atingiu as cifras milionárias das obras de colegas dos anos 1980 como Beatriz Milhazes e Adriana Varejão. Mas seu prestígio é inquestionável. "Embora não tenha alcançado os preços delas, ele tem a mesma importância, e continua experimentando com vigor", diz o marchand Jones Bergamin.

A capacidade de manter-se relevante tem a ver com um traço de personalidade: ele é um artista obcecado em olhar para a frente. Tanto que ficou confuso com a ideia de ser tema de uma retrospectiva. "Eu até esqueci quem eu era", brinca. Sua sintonia com o Brasil de hoje fica evidente numa série de telas de alta voltagem que produziu a partir de 2014. Atendendo a uma provocação do curador Adriano Pedrosa, fez uma releitura contun-

JAIME ACIOLI

CENA POLÍTICA A releitura da *Primeira Missa:* um choque brutal de mundos

dente do quadro *Primeira Missa,* em que o acadêmico Victor Meirelles (1832-1903) idealiza o Brasil recém-descoberto: no lugar da harmonia entre brancos e indígenas, a obra expõe o choque brutal de mundos. Depois dela, o Masp comissionou outras telas de igual impacto, como sua visão demolidora — e, ao mesmo tempo, visualmente irresistível — do Massacre de Haximu, chacina de índios ianomâmis por garimpeiros em 1993.

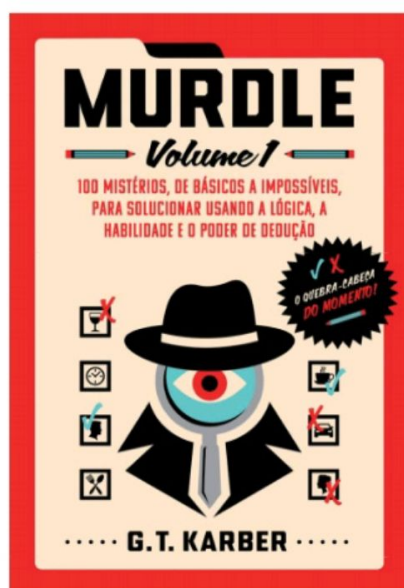
A defesa do meio ambiente e dos indígenas é uma marca, mas há também irreverência na vida do pintor. Paulistano, ele

PAT KILGORE

EXOTISMO A tela *Doce Ilusão* (2023): texturas vegetais com a cara do país

estudou arte desde cedo e, na juventude, se juntou à trupe teatral carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, no posto de cenógrafo (ao lado de outro nome da Geração 80, Leonilson). Casou-se com uma estrela do grupo, a atriz Regina Casé, mãe de sua filha mais velha, Benedita (mais tarde, teve outras duas meninas, Rita e Violeta, de um segundo casamento). "O Asdrúbal foi um circo que passou e me levou. Não voltei mais", diz. Desde então, Zerbini adotou o Rio como lar — um cenário deveras adequado para o furacão tropical dos pincéis. ■

CHARADAS CRIMINAIS

Fenômeno no exterior e no Brasil graças a títulos como *A Mandíbula de Caim* e *Murdle,* a onda dos livros-jogos sobre mistérios policiais renova um velho (e lucrativo) filão **AMANDA CAPUANO**

MENTE APURADA
G.T. Karber e seu livro: matemático criou uma série de enigmas para a internet, vertida em fenômeno editorial em países como a Inglaterra

DIVULGAÇÃO

EM UM DIA tedioso de 2021, o matemático americano G.T. Karber — filho de advogados e neto de um investigador do FBI — estava em um café quando teve a ideia de um enigma: em um guardanapo, descreveu um crime com uma série de suspeitos, elencou dicas para encontrar o verdadeiro responsável, além da arma e do local do crime, e enviou a um amigo. Apaixonado por mistérios policiais, ele criou, pouco depois, um programa de computador para garantir que as dicas não tivessem furos e produziu uma leva desses enigmas para o site Murdle — que foi vertido no livro de mesmo nome, lançado recentemente no Brasil, com 100 casos a ser solucionados. Protagonizada pelo detetive Logicus, a obra tem também uma narrativa interligada. "Além de resolver os enigmas, é possível desvendar uma trama maior à medida que os casos vão sendo elucidados", explica Marina Ginefra, editora de aquisição da Intrínseca, que publicou a obra por aqui.

Fenômeno no Reino Unido, com mais de 200 000 cópias adquiridas nos primeiros seis meses, *Murdle* está entre os lançamentos mais vendidos da Amazon por aqui e é o exemplar mais recente de uma safra de livros-jogos que têm despontado em todo o mundo. Com temática criminal, essas tramas interativas imergem o leitor em um universo próprio, transformando a obra em uma espécie de jogo de detetive, no qual quem lê é também jogador e interfere ou desvenda a história com investigações e tomadas de decisões. Lançado na Espanha em 2021, *Crimes*

INSTAGRAM @MODESTO_GARCIA

ALÉM-MAR O espanhol Modesto García: autor criou enigmas com ferramentas digitais e analógicas para ajudar na resolução de casos fictícios

Ilustrados chegou ao Brasil este mês, pela editora Record, e compartilha a premissa: é preciso resolver 27 casos analisando a cena do crime e seguindo uma série de dicas espalhadas pelas páginas — há, inclusive, recursos digitais como QR code e áudios que auxiliam na investigação.

Apesar de ter voltado à tona há pouco, a união de livros e jogos não é um fenômeno exclusivo da contemporaneidade: Agatha Christie, por exemplo, foi contratada em 1930 para planejar uma caça ao tesouro para deteti-

INSTAGRAM @PROFVITORSOARES

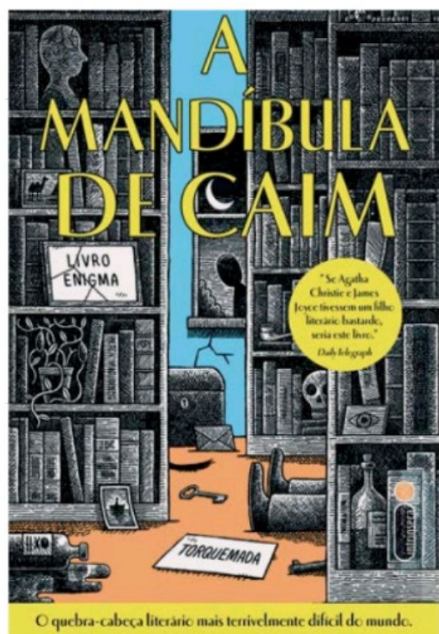
NO BRASIL Vítor Soares: historiador e podcaster é coautor de livro-jogo de RPG que se passa na ditadura militar nacional

ves, e os livros-jogos em si também têm precedentes. "Houve ondas grandes deles nos anos 1970 e 80", explica Cassiano Machado, editor da Record — retrocedendo ainda mais no tempo ao citar *A Mandíbula de Caim* (Intrínseca). Resgatado em 2021 e alçado a fenômeno pelo TikTok, o livro foi criado originalmente na década de 1930 pelo compilador de palavras cruzadas Edward Powys Mathers. Impressa em ordem aleatória, a obra precisa ter suas páginas reordenadas corretamente pelo leitor

para que entenda o mistério e a história como um todo. Só no Brasil, já vendeu 200 000 cópias.

Há ainda obras que seguem a linha do RPG, como *O Porão* (Record), trama nacional de Vítor Soares e Giovanni Arceno que bebe de tradição antiga. "O livro é inspirado em uma coleção chamada *Aventuras Fantásticas (Fighting Fantasy)*, que chegou ao Brasil nos anos 1980 e é bem tradicional", explica o historiador Soares — que, além de coautor da obra, é apresentador do podcast *História em Meia Hora*. Ambientado na ditadura militar, *O Porão* vale-se de recursos como jogo de dados e de uma narrativa não linear em que o leitor escolhe qual decisão seguir e que página ler em seguida, determinando os caminhos até o desfecho da trama. "Você vai jogar com uma guerrilheira, a Samanta; sua missão será adentrar o porão do Dops, resgatar uma pessoa e sair de lá vivo", diz Vítor.

Ao se afastarem da literatura de fato e se aproximarem mais do entretenimento em definição mais ampla, os livros-jogos exalam um apelo nostálgico que aproxima o leitor de um mundo analógico, como nos tempos em que as poucas opções de lazer eram jogos de tabuleiro, sudokus e palavras cruzadas. "Tem a ver com o começo do encantamento do ser humano pelas narrativas, porque você está apelando para a fantasia e a imaginação", opina Machado, da Record. A visão é compartilhada por Marina Ginefra, mas ela destaca que há ligação

INSTAGRAM @GREGKARBER

DESAFIO COMPLEXO
A Mandíbula de Caim: obra impressa em ordem errada foi criada pelo compilador de palavras cruzadas Edward Powys Mathers *(à dir.)*

recorrente com o mundo digital. "Os livros interativos funcionam como uma ótima alternativa para quem deseja fugir das telas", diz. "Mas eles também dialogam com a cibercultura, e vemos isso tanto em *A Mandíbula de Caim* quanto em *Murdle*", destaca, explicando que o primeiro explodiu no TikTok com "pessoas interessadas em trocar ideias em busca da solução", enquanto o segundo nasceu de um jogo on-line. Nas páginas, todo mundo quer — e pode — ser detetive. ■

SÉRIE AFIADA Capitão Pátria *(à esq.)* heróis de moral duvidosa em xeque

TELEVISÃO

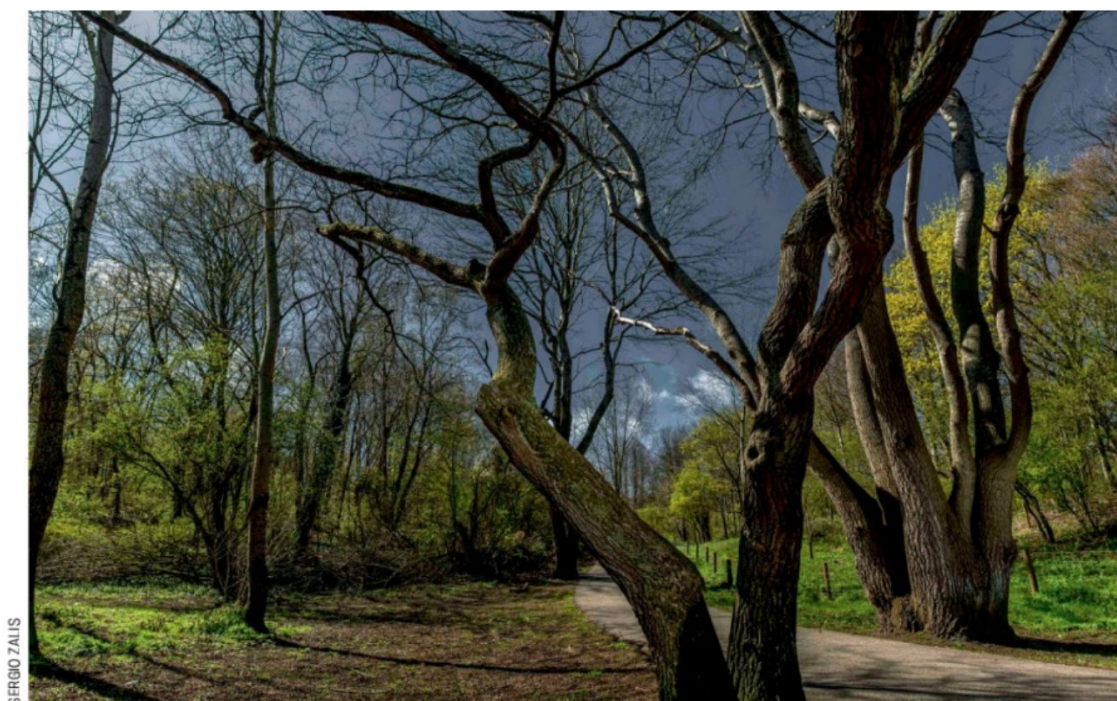
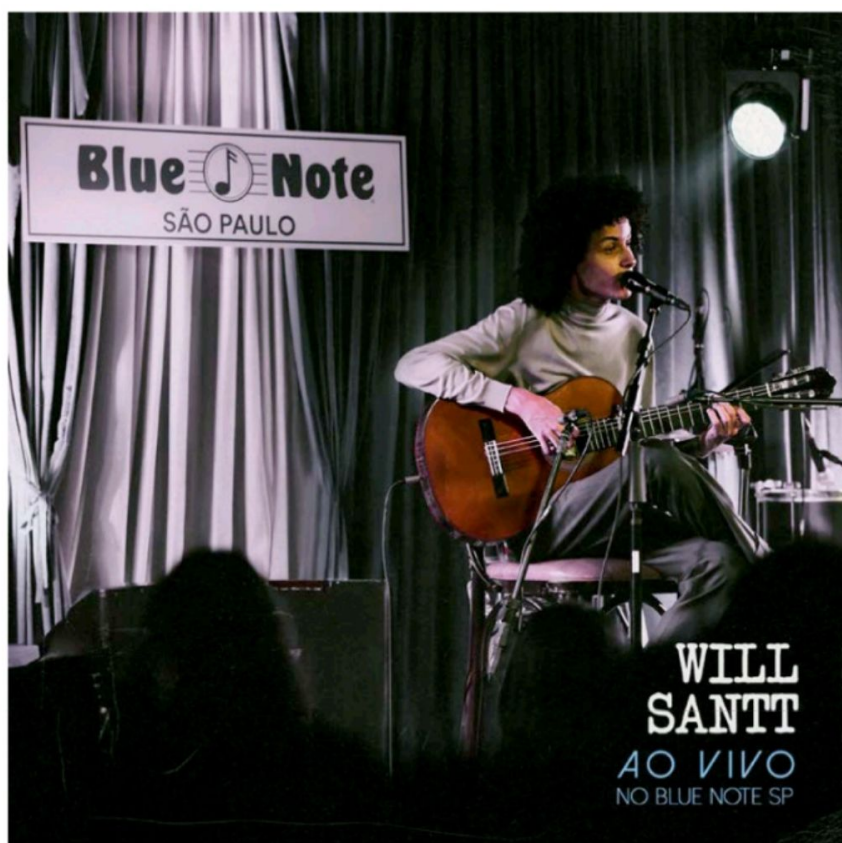
THE BOYS – QUARTA TEMPORADA **(três dos oito episódios disponíveis no Prime Video; o restante estreia semanalmente, às quintas-feiras)**

Num universo em que super-heróis são celebridades que escondem atitudes lamentáveis e os Estados Unidos estão tão divididos politicamente quanto na vida real, Billy Bruto (Karl Urban) e seus companheiros — três homens comuns e duas heroínas — desafiam o vilão Capitão Pátria (Antony Starr) e a Vought, empresa que cria os heróis, para salvar a sociedade do jugo dos poderosos. Agora, na quarta temporada, a missão dos "meninos" fica ainda mais complicada em meio a uma disputa eleitoral que abala a democracia do país — além da morte iminente de Bruto, que tem apenas 6 meses de vida. Com roteiro afiado de sátiras à política americana, mais mortes chocantes e a violência gráfica que deu fama à produção, a série de Eric Kripke se prova mais uma vez irresistível — e próxima da realidade.

EXPOSIÇÃO

DICOTOMIA, **de Sergio Zalis (em cartaz a partir de quinta-feira 20, no Instituto Antonio Carlos Jobim, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro)**

Os visuais de Haia, na Holanda, e do Rio de Janeiro não poderiam ser mais díspares: enquanto a cidade europeia é marcada pelo clima temperado, a metrópole brasileira irrompe em meio à mata tropical. Vivendo entre as duas, o fotógrafo Sergio Zalis explorou os contrastes entre seus principais parques, o Scheveningse Bosjes, de Haia, e o Jardim Botânico carioca, para produzir as imagens da mostra. Valendo-se da técnica do *focus stacking,* ele sobrepõe diversos cliques da mesma cena para obter dezoito grandes painéis que celebram a natureza com impressionante hiper-realismo.

SERGIO ZALIS

HIPER-REALISMO Imagem de Zalis: contrastes entre duas naturezas urbanas

DISCO

WILL SANTT: AO VIVO NO BLUE NOTE SP,

de Will Santt (disponível nas plataformas de streaming)

Aos 21 anos, o violonista Will Santt, paulistano da Zona Leste, faz uma bem-vinda renovação da boa e velha bossa nova. Neste registro, gravado ao vivo no Blue Note de São Paulo, o músico apresenta — apenas com voz e violão — nove faixas autorais e uma cover de *Rosa Morena,* de Dorival Caymmi. O jeito delicado e preciso de Santt tocar o instrumento já arrancou elogios de lendas como Roberto Menescal. Em *Anil Divinil,* por exemplo, sua voz afinada e entoada quase aos sussurros emula (no melhor sentido) o cantarolar de João Gilberto. ■

FICÇÃO

1 É ASSIM QUE ACABA
Colleen Hoover [1 | 143#] GALERA RECORD

2 É ASSIM QUE COMEÇA
Colleen Hoover [3 | 79#] GALERA RECORD

3 LUGAR FELIZ
Emily Henry [0 | 1] VERUS

4 NEM TE CONTO
Emily Henry [2 | 3#] VERUS

5 VERITY
Colleen Hoover [6 | 112#] GALERA RECORD

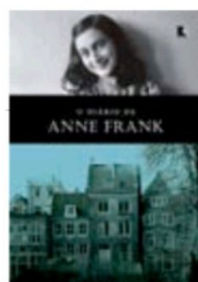
6 A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE
Matt Haig [7 | 101#] BERTRAND BRASIL

7 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS
Machado de Assis [5 | 3] PENGUIN COMPANHIA DAS LETRAS

8 TUDO É RIO
Carla Madeira [8 | 89#] RECORD

9 BOX – BIBLIOTECA MACHADO DE ASSIS
Machado de Assis [0 | 1] ITATIAIA

10 O BEIJO DA NEVE
Babi A. Sette [0 | 2#] VERUS

NÃO FICÇÃO

1. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
   Anne Frank [0 | 321#] VÁRIAS EDITORAS

2. **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
   Vários autores [9 | 41#] CAMELOT EDITORA

3. **CLOVIS TRAMONTINA: PAIXÃO, FORÇA E CORAGEM**
   Clovis Tramontina [0 | 1] AGE

4. **NAÇÃO DOPAMINA**
   Dra. Anna Lembke [1 | 45#] VESTÍGIO

5. **O PRÍNCIPE**
   Nicolau Maquiavel [3 | 50#] VÁRIAS EDITORAS

6. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
   Clarissa Pinkola Estés [6 | 191#] ROCCO

7. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
   Byung-Chul Han [0 | 60#] VOZES

8. **A PRATELEIRA DO AMOR**
   Valeska Zanello [8 | 3#] APPRIS

9. **AMÉRICA LATINA LADO B**
   Ariel Palacios [10 | 6#] GLOBO LIVROS

10. **SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ?**
    Graziela Gonçalves [0 | 16#] PARALELA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 25#] VÉLOS

2. **TRÍADE DO PODER**
Márcio Micheli [0 | 5#] VIDA

3. **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [5 | 22#] ROCCO

4. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [2 | 250#] CITADEL

5. **AS 7 INTELIGÊNCIAS DA EXPANSÃO DE NEGÓCIOS**
Dema Oliveira [0 | 1] GENTE

6. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [6 | 38#] HARPERCOLLINS BRASIL

7. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [4 | 172#] HARPERCOLLINS BRASIL

8. **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [3 | 52#] ALTA BOOKS

9. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [10 | 458#] SEXTANTE

10. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [0 | 122#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 422#] VÁRIAS EDITORAS

2 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [2 | 428#] ROCCO

3 **CORALINE**
Neil Gaiman [10 | 76#] INTRÍNSECA

4 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
Maidy Lacerda [3 | 6#] OUTRO PLANETA

5 **HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN**
J.K. Rowling [0 | 132#] ROCCO

6 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [6 | 31#] OUTRO PLANETA

7 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [5 | 13#] OUTRO PLANETA

8 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [7 | 31#] VR

9 **AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [8 | 18#] OUTRO PLANETA

10 **HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA**
J.K. Rowling [0 | 195#] ROCCO

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

ESTADO ESPIÃO

O CONSELHO Administrativo de Defesa Econômica (Cade), órgão federal responsável pela promoção da concorrência entre empresas, mantém sistemas de espionagem eletrônica capazes de invadir, decodificar e extrair arquivos mantidos ou já deletados em telefones, computadores e aplicativos como Facebook, Twitter, Instagram, Google, iCloud, WhatsApp e LinkedIn, como também o histórico de navegadores da internet, vídeos, documentos e dados de localização.

Esses equipamentos são usados, também, por Secretarias da Fazenda, em Minas Gerais e Goiás, pela Polícia Militar, em todos os estados. E, ainda, pela Polícia Rodoviária Federal, Agência Brasileira de Inteligência e órgãos da burocracia do Ministério da Justiça. Em São Paulo, por exemplo, a Corregedoria da Polícia Militar mantém softwares para coleta ilimitada de dados nos aparelhos pessoais de policiais sem deixar rastros. É tudo à margem da lei, na clandestinidade, porque quase todos esses órgãos públicos não possuem autoridade legal para realizar investigações criminais.

A vigilância governamental se tornou onipresente. O Estado espião já é parte da paisagem política brasileira, como ficou demonstrado na semana passada em audiências

públicas do Supremo Tribunal Federal, convocadas sob a justificativa de "violação sistemática de preceitos fundamentais no uso de tais equipamentos para monitorar magistrados, advogados, jornalistas, políticos e defensores de direitos humanos".

Organizações independentes apresentaram ao tribunal um panorama dessa rede ilegal patrocinada por governos, em Brasília e nas capitais. Há indícios de manipulação de orçamentos federais e estaduais na expansão de um arsenal de ferramentas contra as quais não existe segurança para informações individuais nem proteção aos direitos privados. Sem regulação e supervisão efetivas, governos estimulam grandes negócios na espionagem política e econômica — e tudo pago com dinheiro público.

O Instituto de Pesquisa em Direito e Tecnologia do Recife apresentou ao juiz Cristiano Zanin, do STF, amostra de 209 contratos públicos federais e estaduais, feitos em 2022, para compra de máquinas e licenciamento de programas utilizáveis exclusivamente em ações de rastreamento, invasão, extração e decodificação de criptografia de "evidências" digitais, onde quer que estejam.

É um mercado em crescimento, com movimento anual superior a 10 milhões de dólares (ou 55 milhões de reais). Dois terços das compras têm sido feitas pelas Forças Armadas, governos de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Amapá. Dois revendedores brasileiros, Techbiz Forense Digital e a Apura Comércio

“Debate no STF expôs uma rede nacional, e ilegal, de espionagem”

de Softwares, costumam oferecer duas dezenas de “soluções digitais” aos órgãos públicos, importadas de fornecedores como Cellebrite, Verint, Micro Systemation AB, OpenText, Magnet Forensics e Exterro, entre outras.

As empresas israelenses, Cellebrite e Verint concentram 80% das compras governamentais desse tipo de ferramenta intrusiva. Elas têm um histórico de envolvimento em escândalos de vigilância estatal abusiva no exterior — existem registros de casos nos quais as vítimas acabaram presas, torturadas e assassinadas. Alguns softwares são capazes de ativar microfones remotamente, identificar a localização e rastrear até 19 000 pessoas — alvos no dialeto policialesco —, como faz o programa FirstMile.

Indícios de uso abusivo do FirstMile durante o governo Jair Bolsonaro motivaram a abertura de processo no Supremo Tribunal Federal, que derivou nas audiências públicas da semana passada. A Abin teria rastreado ilegalmente as comunicações de aliados e adversários políticos, jornalistas

e juízes do STF. Só no Rio, a agência gastou quase 6 milhões de reais numa ação sigilosa em áreas suburbanas ("Operação 06"), controladas por milícias de policiais e de narcotraficantes, às vésperas da eleição municipal de 2020.

A Procuradoria-Geral da República recorreu ao Supremo com o pedido de repressão imediata ao uso "secreto e abusivo desses softwares e ferramentas, sem autorização judicial, tampouco limites ou salvaguardas, de forma contrária à tutela do interesse público e aos deveres de proteção dos direitos fundamentais, que se impõem em um Estado de direito". Pretende, também, que o tribunal estabeleça prazo para o Congresso produzir legislação específica. O governo Lula discordou. Entende que está tudo bem e as leis existentes são adequadas. No STF, propôs desenvolver, com subsídios, uma indústria doméstica de equipamentos e softwares para abastecer o sistema de espionagem nacional. ■